

Director: FRANCISCO DA CUNHA LEÃO

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones: 29201/2/3 — Telegramas: «Popular»

EXPLICAÇÃO

Voluntariamente publicamos na pretérita sexta-feira, neste lugar do máximo relevo, um «aviso» emanado da 4.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa a impedir a realização da assembleia geral ordinária da Sociedade proprietária do «Diário Popular».

É um simples pormenor na manobra de absorção em que se encontra empenhada uma Empresa concorrente.

O «Diário Popular», que nasceu cioso da sua independência, tem permanecido subordinado apenas ao bem supremo da Nação, que o mesmo é dizer do Povo português.

Recebido por alguns com a soberberia que é de uso por as coisas que nasceram para morrer, logo tivemos que ser encarados como um grão cheio de vitalidade, que tirava a energia da sua aparente fraqueza. Foi a aceitação do público que rapidamente o transformou num grande jornal.

Grande jornal, mas só jornal, isento de influências e subordinações plutocráticas, não pode deixar de despertar a alheia cóbica...

Mas continuará a ser, em qualquer caso, indefectivelmente o que é: um jornal sem interesses extrajornalísticos, firme na atitude de repudiador limitações que não lhe sejam impostas pela defesa do bem público e da Nação. Prosseguiremos neste caminho, sem medo e sem servilismos, e repelindo todas as tentativas de penetração ou de interferência dominadora, seja qual for o aspecto que elas revistam.

E-nos grato anotar a inextinguível compreensão que sempre encontramos em todos os colegas de Imprensa, designadamente da parte dos nossos competidores directos, da tarde, cuja lealdade é sem mácula. Permitimo-nos salientar as cativantes provas de camaradagem de «O Século» e do seu ilustre Director, João Pereira da Rosa, ainda há pouco mais e mais acrescidas, não esquecendo todos os restantes Directores e corpos redactoriais, sem excepção do Dr. Augusto de Castro, cuja pena tanto brilho tem dado ao Jornalismo português.

Nós, que fazemos da missão da Imprensa verdadeira razão de viver e arma combativa exclusivamente ao serviço da Pátria — fiéis a nós próprios e aos nossos leitores, queremos afirmar bem do alto desta Tribuna: o «Diário Popular» não se rendeu; o «Diário Popular» não se renderá!



A Primavera está para breve... É tempo, leitora, de começar a pensar nas novas «toilettes». Aqui tem uma bela sugestão: um chapéu de grande costureira americana «Mrs. John»

A SITUAÇÃO EM GOA BANDIDOS

DA UNIÃO INDIANA FORTEMENTE ARMADOS

foram repelidos

pe'a polícia da guarnição

do posto de Chandel

GOA, 20 — Ontem, à meia-noite e meia hora, um grupo de «bandoleiros» vindo da União Indiana, fortemente armado, atacou o posto policial de Chandel, no conceito de Pernem, abrindo fogo sobre a sentinela, que, por sua vez, imediatamente secundada por toda a guarnição do posto, estabeleceu-se tiroteio nutrido.

(Continua na 7.ª pág.)

O ASSALTO À BARREIRA DO CALOR — 1

NA BASE DE ENSAIOS

ONDE OS CIENTISTAS EXPLORAM

O VOO SUPERSONICO

COM AGULHAS DE METAIS RAROS

POR
DON IDDON
(ESPECIAL PARA O «DIÁRIO POPULAR»)

BASE AEREA DE EDWARDS NO DESERTO MOJAVE. — Aqui, no deserto de Mojave, tentase transportar a última fronteira. A barreira do som foi vencida mas a barreira do calor ou térmica, 30.000 metros acima da superfície da terra, é um obstáculo

até agora esta base experimental, única, conhecida dos aviadores por Murco, do nome do lago seco, e desértico que é o seu centro. Na opinião do general-comandante, J. S. Holloman, o lago não é mais do que uma pista rigorosamente plana e dura como rocha, com 100 quilómetros de extensão.

Este lago seco é um presente de Deus e sem ele os navegadores do espaço tutiarão com grandes dificuldades.

Oficiais e praças afirmam que o Murco é o centro experimental mais avançado do Mundo. Sem dúvida que é o mais cuidadosamente guardado, restrito e remoto dos Estados Unidos.

Esta é a base dos homens que fazem buracos no céu e tem para

(Continua na 6.ª pág.)



Doreen Lord, antiga doctógrafa «ondina», tem hoje uma das ocupações mais invulgar em todo o Mundo. Faz exhibições de natação clara de uma taca de champagne. Clara está que a taca tem dimensões adequadas e que o «champagne», provavelmente, é apenas água colorida com bolhinhas. Mas o número está sendo o «clow» de um grupo de variedades num clube nocturno de Nova Iorque

INAUGUROU-SE HOJE

A REUNIÃO INTEREUROPEIA DA F. A. O.

SOBRE A UTILIZAÇÃO DA TERRA E DA ÁGUA

Comegaram esta tarde, no Palácio das Necessidades, os trabalhos, da primeira reunião do «Subcomité» da Comissão Europeia de Agricultura da F. A. O., que trata dos problemas da utilização do solo e da água. A sessão inaugural desta importante reunião, em que tomam parte delegados de 21 países europeus e observadores dos

Estados Unidos da América do Norte e da O. E. C. E. foi presidida pelo sr. prof. Vitoria Pires, Subsecretário de Estado da Agricultura. Está a efectuar-se a hora de fecharmos o nosso jornal, encontrando-se aquele membro do Governo ladeado, na mesa da presidência, pelos srs. dr. Rainer Schickels, chefe dos Serviços de Utilização do Solo e da Água da F. A. O. e que representa o director-geral desta Organização, prof. Cardon; dr. Rui Teixeira Guerra, director-geral dos Negócios Económicos e Consulares do Ministério dos Negócios Estrangeiros; prof. António de Sousa da Camara, director da Estação Agronómica Nacional e vice-presidente da Comissão Europeia de Agricultura; dr. John Blackmore, secretário da F. A. O. para esta conferência; e dr. Erich Jacoby e D. Luis Bramón, especialistas de Solos da Divisão de Agricultura da

(Continua na 10.ª pág.)

O PRESIDENTE DO CONSELHO VISTOU A EXPOSIÇÃO DE OBRAS DE ARTE DO MUSEU DO CARAMULO

O sr. Presidente do Conselho esteve, esta tarde, no Palácio Fez, onde foi visitar a Exposição de Obras de Arte do Museu do Caramulo, que ali está, pela primeira vez. Aguardavam o ilustre visitante os srs. drs. Abel de Lacerda e Fernando Mard, da direcção; e António de Medeiros e Almeida, presidente da assembleia geral do Museu; e funcionários superiores do Secretariado Nacional da Informação.

Durante cerca de uma hora, o sr. dr. Oliveira Salazar percorreu a exposição, manifestando grande interesse pelo que lhe foi dado apreciar.

«DIÁRIO DA MANHÃ»

Conforme este nosso prezado colega noticiou no seu número de ontem, o sr. dr. Manuel Murias, que mostrara o desejo de se desligar da Direcção do «Diário da Manhã», deixou hoje de exercer as suas funções, sendo substituído pelo sr. dr. José Manuel da Costa, que tomou posse esta tarde, num acto extremamente concorrido.

Ao sr. dr. Manuel Murias que, durante longos anos, desempenhou aquele alto cargo, queremos agradecer a boa camaradagem que sempre nos demonstrou, e saudamos o sr. dr. José Manuel da Costa, cujas excepcionais qualidades têm nova ocasião de se evidenciar nestas outras importantes e difíceis funções.

PECO A PALAVRA

O FINALISMO E O A-FINALISMO DO NOSSO SISTEMA EDUCATIVO

Por ANTÓNIO QUADROS

Será por velocidade adquirida, e seja por inconsciente fidelidade à etimologia das duas palavras, seja como resultante do diálogo entre o

LER NA 22.ª PÁGINA:

O NOVO FOLHETIM

ILUSTRADO

VINTE ANOS DEPOIS

DE ALEXANDRE DUMAS

(Continua na 6.ª pág.)



As primeiras imagens da nova expedição norte-americana, dirigida pelo almirante Richard Byrd, à Antárctica, e cujos membros são veteranos nesta espécie de arrojadas viagens. A gravura mostra um grupo de expedicionários observando um «leão do mar», estranho animal que vive naquelas desoladas regiões. Apesar de não ser feroz, o bicho é olhado a distância, por causa das dúvidas... e quando um fotógrafo mais ousado, fixa a curiosa cena

ESTE NÚMERO

DO
DIÁRIO POPULAR
QUE INCLUI
UM SUPLEMENTO
DESPORTIVO
TEM 24 PAGINAS

DEPOIS DAS NOVE

MONU MENTAL
A's 21 e 30 h
ESTREIA DE GALA
do formidável filme
épico da vida de
Gengis Khan
«O CONQUISTADOR»
Colorido por Technicolor. Cinemascope
com JOHN WAYNE, SUSAN HAYWARD
e PEDRO ARMENDARIZ
(Adultos)

TIVOLI
A's 9 e 30 da noite:
Uma epidemia de gar-
ganhadas!
3.ª semana da famosa
comédia em
CINEMASCOPE
«O PECADO
MORA AO LADO»
com Marilyn Monroe e Tom Ewell
(Para 18 anos)

SÃO JORGE
A's 15.15, 18.15 e 21.30
UM FILME
DE CATEGORIA
«HORAS
DE DESESPERO»
com
Humphrey Bogart e Frederick March
Em Vista Vision
(18 anos)

EDEN
A's 15.30, 18.30 e 21.30
ROSSANA DE PODESTÁ,
Corinne Calbet e An-
tônio Afonso
Quando o amor chama,
voltam-se para ele os
olhos melancólicos das lindas
RAPARIGAS DE SANFREDIANO
(Para 18 anos)

CONDES
A's 21 e 30
2.ª SEMANA
Sensacional êxito
«VAI HAVER
SARILHO»
com Eddie Constantine
e... lindas mulheres
(18 anos)

VOLTA
A's 15.15, 18.15 e 21.30
GRANDE ÊXITO DO
HERÓICO FILME
«APENA
BRANCA»
com Robert Wagner
e Debra Paget
em cinemascopo e technicolor
(Para 13 anos)

IMPERIO
A's 21 e 30
Êxito do excitante
filme
«MAMBO»
com Silvana Mangano,
Vittorio Gassman e
Shelley Winters
No palco: CONDE D'AGUILAR num
acto de ilusionismo desconcertante
(18 anos)

SÃO LUÍZ
A's 21 e 30
«DANÇANDO
NAS NUVEIS»
com
Gene Kelly, Cyd Cha-
riss e Dan Dailey
NO PALCO: GRANDES ATRACÇÕES
(13 anos)

ALVA LADE
A's 21 e 30
«DANÇANDO
NAS NUVEIS»
com
Gene Kelly, Cyd Cha-
riss e Dan Dailey
(13 anos)

ODEON
A's 15.15, 18.15 e 21.30
Sensacional êxito com
o extraordinário filme
de espionagem
«A FILHA
DE MATA HARI»
com Ludmilla Teherina
Maravilhosa realização!
Bailados surpreendentes!
(18 anos)

CAPITULO
A's 21 e 30 (18 anos)
ESTREIA
de uma história emo-
cionante e plena de
expressão
«O EXPRESSO
DO ORIENTE»
Em «Gevacolor», com Silvana Pampa-
nini, Folco Lulli, Eva Bartock e Henri
Vidal

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
«CHICAGO»
com
Denis O'Keefe e Abbe Lane
(Adultos)

**TALVEZ VOCE
NÃO SAIBA**
Que a seguir á pe-
ca «A Estalagem
do Cavalo Ne-
gro», de Priestley, estreiar-se-á no
Teatro da Trindade um original da
escritora Fernanda de Castro.
— Que o Teatro Desmontável do
actor Rafael de Oliveira representa
no próximo dia 22 em Lécia a peça

PALACIO
A's 15 e 30 e 21 e 30
Um grande êxito do
cinema espanhol
LUA DE SANGUE
com Francisco Rabal
e Isabel de Pousa
(18 anos)

ROYAL
A's 21 h. (18 anos)
Um êxito formidável
«A FILHA
DE MATA HARI»
(ed.), grandioso filme
de espionagem
Em complemento:
«TRAÇÃO»

RESTELO
A's 21 e 15
A obra magistral de
SACHA GUITRY
«NAPOLEÃO»
com milhares de lu-
mentes, 250 actores ve-
cundários e 100 vedetas
(18 anos)

REX
A's 15.15 e 21.15
Pão, amor e ciúme
«Homem marcado»
(18 anos)

LUSO FILMES
HOJE (ATE DE MADRUGADA)
Estreia da peça dramática
«CIRCO DA VIDA»
Fadros por NATIVIDADE PEREIRA,
JOAQUIM SILVEIRINHA, Angela Nu-
nes e Manuel Carlos
Acompanhamentos por António Couto
e Pedro Leal
(Adultos)

QUINTA-FEIRA, 1 DE MARÇO:
Brilhante soirée com uma paroda de
vesteladas do Teatro, Rádio e Fado, em
Festa artística do cantor FAUSTO
RIBEIRO

«Prémio Nobel». No dia 3 de Março
representa a mesma peça no Teatro
Stephans da Margalida Grande, en-
trando a seguir em ensaio a peça
«Luz de Gás», de Patrick Hamilton,
numa tradução de Francisco Mata.
— Que segundo ocistia, vai ser re-
presa no Teatro Avenida a peça
«João D'Arcy», de Jean Anouilh, com
Assis Pacheco na figura de «Cau-
chons», que na primitiva fora desem-
penhada por Alves da Cunha.

— Que virão directamente de Pa-
ris os artistas brasileiros que tomam
parte no desempenho da nova revista
ta que o empresário Vasco Morgado
destina ao Teatro Variedades e que
será escrita por César Ladeira, Ri-
beiro e Leão de Barros.

— Que não se confirma a notícia
da artista Glória May regressar no
elenco do Teatro A. B. C.

— Que o artista Fernando Cura-
do Ribeiro será um dos intérpretes
do novo filme «O Novo das Caldas»,
realização de Artur Duarte.

— Que se realiza na próxima quin-
ta-feira no Teatro Maria Vitória o
ensaio para a Censura da peça «Ele
al está».

— Que a peça «Tronos de Morte»
manter-se-á em cena no Teatro Mo-
numental mais uma semana, seguin-
(Continua na pág. seguinte)

PEQUENO CARTAZ
(Para maiores de 13 anos)

TEATROS
NACIONAL — A's 21 e 45 — «Avô Lis-
boa».

TRINDADE — A's 21 e 45 — «Arsénico
e rendas velhas».

COLISEU — A's 21 e 30 — Companhia
de circo

CINEMAS
OLIMPIA — «O rebelde mascarado».
EUROPA — «Matelino pão e vinho».
PARIS — «Tentação vendes».
JARDIM — «Dumetis sobre rodas».
MAX — «Júlio César».
IDEAL — «Tôlé, né e pobres».

(Para maiores de 18 anos)
TEATROS

ABC — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Haja
saúde».

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Tou-
ros de merdes».

VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 —
«Abel em Portugal».

CINEMAS
LYS — «O mistério da casa de bambus».
IMPERIAL — «O preço da glória».
CINEARTE — «Morte de um coelista».
CAMPOLIDE — «Angeletto negro».
TERRASSE — «Que pena seros vagabundos».
FUCROTOGA — «A bela Olenka».
PALATINO — «Prefiro a secretária».

BRYLCREEM

é tudo o que o seu cabelo precisa

Dê ao seu cabelo tudo o que ele necessita — dê-lhe «Bryl-
creem». «Brylcreem» é o tratamento perfeito para o cabelo
por três importantes razões:

- «BRYLCREEM» segura o cabelo com firmeza e suavidade,
mantendo-o bem penteado durante todo o dia.
- «BRYLCREEM» dá ao cabelo um brilho natural — bem diferente
do vulgar aspecto engordurado.
- «BRYLCREEM» conserva o couro cabeludo limpo e saudável,
isento de caspa.

Basta friccionar todas as manhãs a cabeça com «Brylcreem»
para ver a diferença que se dará na saúde e aparência do seu
cabelo! Use «Brylcreem», o tratamento perfeito do seu cabelo.



BRYLCREEM O PRODUTO IDEAL PARA O CABELO

Correia

Cabeleireiro, 1.º Prémio em «PENTEADO DE DIA»,
está ao dispor de V. Ex.ª nas suas novas instalações,
primorosamente decoradas, na Rua Braamcamp, 15-1.º

TELEF. 55581

HOJE, EM NOITE DE GALA, COM FINS BENEFICENTES E PATROCINADO POR UMA COMISSÃO DE ILUSTRES
SENHORAS E PELO «DIÁRIO POPULAR»
AS 21.30 NO CINEMA MONUMENTAL

UMA PAGINA DE SANGUE E DE GLÓRIA!



ADULTOS

R K O
RADIO
FILMES

Conquistador

«GENGIS KHAN»

UM FILME DE HOWARD HUGHES COM

JOHN WAYNE e SUSAN HAYWARD
PEDRO ARMENDARIZ, AGNES MOOREHEAD, THOMAS GOMEZ
E MUITAS CENTENAS DE ARTISTAS E DE FIGURANTES!
NUNCA O CINEMA FOI TÃO PROFUNDAMENTE ESPECTACULAR!

BILHETES A VENDA PARA TODA A PRIMEIRA SEMANA, INCLUSIVE OS POUCOS BILHETES QUE RESTAM PARA A ESTREIA
DE GALA, PARA O 2.º BALCÃO, NO ESPECTÁCULO DE GALA, NÃO É OBRIGATORIO O TRAJA DE RIGOR

CINEMASCOPE
E TECHNICOLOR
PRODUÇÃO E REALIZAÇÃO DE
DICK POWELL

UM FILME SENSACIONAL QUE TROUXE UM NOVO ESTILO DE GRAÇA E ALEGRIA ÀS COMÉDIAS DE TODO O MUNDO!!

E
UMA ATRIZ
ADMIRÁVEL

MARILYN
MONROE

TIVOLI
3.ª SEMANA



A HISTÓRIA DE UMA VIZINHA QUE COM
OS SEUS ARES INOCENTES PROVOCA
«INCÊNDIOS» SEM REPARAR!

UM ÊXITO DE ACLAMAÇÃO CONTINUA DO
PÚBLICO A RIR AS GARGALHADAS!

UM FILME

CINEMASCOPE

SOM ESTEREOFÔNICO DE ALTA FIDELIDADE
COM QUATRO BANDAS MAGNÉTICAS

Uma realização de BILL WILDER

Apresentada por CHARLES K. FELDMAN
GROUP PRODUCTION — COR DE LUXE

(THE SEVEN YEAR ITCH)



ADULTOS

E
UM NOVO
CÓMICO
QUE FAZ RIR AS GARGA-
LHADAS

TOM
EWELL

TIVOLI
3.ª SEMANA

O PECADO MORA AO LADO

DEPOIS DAS NOVE

(Continuação da pág. anterior)
do-se-lhe o original «Atrás da por-
ta», do dr. Coes Ferreira.
— Que o conjunto folclórico «Rap-
sódia Portuguesa», composto por 12
figuras, volta a realizar espectáculo
com danças e cantares da nossa ter-
ra nos dias 25, 26 e 27 no Teatro da
Trindade.
— Que o cantor Carlos Fernandes
não se guie com um programa de va-
riedades que recentemente partiu
para os Açores.

MÚSICA RECITAL DOS
ARTISTAS
VASCO E GRAZI BARBOSA —
Amanhã, às 21 e 30, realiza-se no
Instituto Britânico, num recital pe-
los artistas Vasco e Grazi Barbosa um
concerto de violino e piano, com
obras de Arne, Bach, Mozart, Luis

Barbosa, Khachatourian e Paganini.
Os bilhetes podem ser levantados no
Instituto das 10 às 13 e das 15 às 18
horas.

RECITAL DA PIANISTA LILY
KRAUSS, NO SÃO LUIZ — Hoje, às
18 e 30, realiza-se o recital da pia-
nista Lily Krauss, que vem pela pri-

ESTA NOITE
PODE OUVIR

MISSORA — As
18: Noticiário;
às 18 e 45: Con-
juntos vocais; às 19: 1.º desdobra-
mento; A organista Virgine Mor-
gan; às 19 e 10: Música ligeira es-
panhola; às 19 e 30: Alegria no
Trabalho; às 20: Jornal Sonoro; às
20 e 15: Orquestras ligeiras; às 20
e 30: Que quer ouvir?; discos pe-
didos pelos ouvintes; às 21: Jun-
ção dos emissores; Noticiário; às 21
e 15: 2.º desdobramento: Solos de
instrumentos; às 21 e 30: 7.º episó-
dio da adaptação radiofónica «A
Ala dos Namorados»; às 21 e 50:
Programa pela Orquestra Típica
Escalabittana, realizado no Teatro
Rosa Damasceno, em Santarém; às
22 e 20: O trompetista e a sua or-
questra; às 22 e 30: Canções; às
22 e 45: As Grandes Figuras da Hu-
manidade; às 23 e 15: Danças; às
23 e 45: Junção dos emissores; No-
ticiário; às 0: Encerramento. Pro-
grama B — A's 19: «Cantata n.º
11», de Bach; às 19 e 30: «O Can-
tinho das Crianças»; às 19 e 50:
Noticiário regional; às 20: Concer-

(Continua na pág. seguinte)



DOMINGUES
apresenta na sua
BOUQUE
TAILLEURS
VESTIDOS
CASACOS
SAIAS e
BLUSAS
Modelos de sempre
para todas as horas.
nas medidas 42 e 46
R. Augusto, 270, 1.º
Telef. 368152

Esta bicicleta pode ser sua
por Esc. 249\$00 por mês



LISBOA GARAGEM, LD.
Rua Alexandre Herculano, 11-E
Lisboa
MOTORES ALMA, LD.
Rua da Fonte Nova, 1 — Vila Nova
de Gaia

«MILIONÁRIO 1956» É
UM CONCURSO RADIO-
PUBLICITÁRIO AO QUAL
É OBRIGATÓRIO CON-
CORRER COM ESTE
CUPÃO!

Um sabonete
BRANCO
DE PERFUME CONSTATANTE
E ESPUMA ABUNDANTE!



flor de
LÓTUS

NOVO SABONETE • NOVO PERFUME • NOVA TÉCNICA
BOM até à última PARTÍCULA!

SAYOQUÍMICA-LISBOA

5/954-2



APRESENTA HOJE, ÀS 21.30, EM
RÁDIO RENASCENÇA
O SENSACIONAL EXCLUSIVO «LONG-LIFE»

«ACTUALIDADES DESPORTIVAS»

ATLETISMO (Reportagem dos campeonatos nacionais de ecotria-
matos, juniores e seniores — O favorito olímpico em 800 metros) —
FUTEBOL (Imagens do Benfica-Sporting e do Atlético-F. C. Porto.
Ilustradas com sugestivas entrevistas) — HÓQUEI EM PATINS
(«Stickers» no ar e a partida do Paço de Arcos para o Brasil)

e o Concurso «ACERTE NOS RESULTADOS»

Colaboração especial do «Diário Popular»

AINDA ESTA SEMANA

NO TEATRO

MARIA VITÓRIA

UM NOVO ESPECTÁCULO DE GARGALHADA!
A FARSA MUSICADA

ELE AÍ ESTÁ!

Original de AMADEU DO VALE, ANIBAL NAZARE
e RUI MARTINS com música de CARLOS DIAS
e TAVARES BELO

PARA A REAPARIÇÃO DA POPULAR VEGETA

HERMÍNIA SILVA

E DOS QUERIDOS ARTISTAS

ALVARO PEREIRA e TERESA GOMES

E AINDA COM

BARROSO LOPES e CARMEN FLORES

E A ESTREIA EM PORTUGAL DO GRANDE ACTOR
COMICO BRASILEIRO

SPINA

Empresas: «Eugénio Salvador-Rui Martins» e «Giuseppe
Bastos»

PARA ADULTOS

ALFA



CHÁ NATTERMANN

Perfeito regularisa-
dor de todos os seus
órgãos. Combata os
seus males de
FIBRO - ESTOMAGO - ASMA
REUMATISMO - DIABETES
CORACÃO - NERVOS - ETC.



PREPARADO E EMBALADO
NA ALEMANHA

Chá
Nattermann
DÁ SAÚDE E BEM ESTAR

(Continuação da pág. anterior)

to pela Orquestra de Camara de Milão; às 20 e 30: Trechos de óperas; às 21: Juncão dos emissores; às 21 e 15: Desdobramento; «Sinfonia n.º 2, em lá menor, «Escocesa», de Mendelssohn; às 22 e 30: Antologia Mozartiana; às 22 e 30: Crônica semanal; às 22 e 40: Seis canções populares; às 23: Continuação da transmissão integral dos quartetos de Beethoven; às 23 e 35: Finlândia, poema sinfónico de Sibelius; às 23 e 45: Juncão dos emissores.

RÁDIO RENASCENÇA — Estações de Lisboa — As 18 e 30: Reabertura — Terço e Bênção da Basílica dos Mártires; às 19 e 5: Evento; às 19 e 25: Boletim do S. C. R.; às 19 e 30: Concerto pelo Quarteto privativo; às 20: Cantata Rul de Mascarenhas; às 20 e 15: Música para o seu jantar; às 20 e 30: Noticiário; às 20 e 40: Acordes portugueses; às 20 e 55: Meditação; às 21: Variedades; às 21 e 30: Actuações Desportivas; às 22: Livros e leituras; às 22 e 18: Melodias; às 22 e 30: Canções portuguesas; às 22 e 45: Noticiário; às 22 e 57: Boletim religioso; às 23 e 10: Festa da Rádio; às 24: Encerramento. Estação do Porto — Das 18.30 às 24.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS — As 18: Pados e guitarradas da Adega Machado; às 18 e 30: Canções; às 19: Programa Asas; às 19 e

30: Jornal da A. P. A.; às 20 e 15: Música portuguesa; às 20 e 30: Solistas; às 21: Festa Brava; às 21 e 30: Trechos recreativos; às 22: Variedades; às 22 e 30: Companhia da Alegria; às 0: Música de dança

O TENOR SCIPPIO COLOMBO

vai cantar em S. Carlos as «Bodas de Figaro»

Na representação da ópera de Mozart, «As Bodas de Figaro», vai estreitar-se em S. Carlos o tenor Scipio Colombo, cujas actuações recentes foram nos principais papéis das óperas «Bodas de Figaro», no S. Carlos de Nápoles, e na Ópera de Viena; «Rigoletto», na Ópera de Viena; na Ópera de Roma; «Otello» e «Bodas de Figaro», no Festival da Holanda, e que tem, no seu repertório, cerca de uma centena de óperas alemãs e italianas. Colabora todos os anos nos concertos recitais e transmissões de óperas da Radiodifusão Nacional Italiana, e gravou recentemente as versões integrais das óperas «Fedora», «Lucia Miller», «Pascuella» e «Tosca».

Na sua estreia em Lisboa, no palco do S. Carlos, na ópera «Bodas de Figaro», interpretará o papel de «Conde de Almaviva», no qual tem registado alguns dos maiores triunfos da sua brilhante carreira. Nesta ocasião, os papéis principais foram confiados a alguns dos mais notáveis artistas da cena lírica mundial: Hilde Zadek (do «Metropolitano» de Nova Iorque, da Ópera de Viena e dos Festivais de Salzburgo), Erik Kunz, Magda Gabor, Patricia Brington, Ruth Michaelis, Germana de Medeiros, Cristina Maria de Castro, Lídia Casanova, Walter Berry, Murray Dickie e Marjann Ruz, sob a direcção do notável regente Alexander Krennhoff.

A GRANDE COMPANHIA DE CIRCO PORTUGUESA

Hoje, em espectáculo da moda, no Coliseu. Dezenas de artistas de categoria internacional

Ninguém, absolutamente ninguém deve deixar de ir hoje assistir ao espectáculo da moda, no Coliseu, da Grande Companhia de Circo Portuguesa, um conjunto de artistas nacionais: Perchistas, cascadores, ilusionistas, contorcionistas olímpicos, escada aérea, cães amestrados, «pot-pourris», pintor trapeiro, trapezistas e duas coreógrafas e originais parelhas de palhaça.

DEPOIS DAS NOVE

do Teima; às 0 e 30: Ritmos de baile; às 0 e 45: Rádio-Jornal; às 0 e 55: Amanhã; à 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — As 18: Marcha da M. P. — Anúncio do programa; às 18 e 2: Interpretações de Maria de Lurdes Resende; às 18 e 15: Revista da Semana; às 18 e 30: Intervalo musical; às 18 e 35: Rádio-Teatro — Programa de António Augusto e Eduardo Street; às 18 e 50: Noticiário; às 18 e 55: Anúncio de encerramento; marcha da M. P.; às 18 e 55: Fecho.

RÁDIO VOZ DE LISBOA — As 17: Reabertura e resumo do programa; às 17 e 5: Separador; às 17 e 10: O cantinho dos miúdos; às 17 e 30: O Ultramar e a sua cultura; às 17 e 35: Música variada; às 19: Um cantinho e voz; às 19 e 25: Resumo do programa seguinte; às 19 e 30: Fecho. 2.º Período — As 22: Abertura e resumo do programa; às 22 e 5: Parada de artistas; às 23: Um cantinho e voz; às 23 e 30: Dúas orquestras; às 23 e 40: Divulgação musical; às 0: Fados e guitarradas; às 0 e 25: Música de dança do «dancing»; às 0 e 55: Resumo do programa seguinte; à 1: Fecho.

CLUBE RÁDIOFÓNICO DE PORTUGAL — As 19 e 30: Reabertura; às 19 e 32: O disco do dia; às 19 e 40: Vozes portuguesas; às 19 e 50: Programa 50 Rádio; às 20: Parada da Paródia; às 20 e 30: Vozes gostosas; às 20 e 35: Música regional portuguesa; às 20 e 45: Vozes...

vosso programa; às 21: Rádio mo-
torismo; às 21 e 15: Notas biográ-
ficas; às 21 e 35: Folclore interna-
cional; às 21 e 50: Noticiário do
C. R. P.; às 22: Fecho.

AS CONFERÊNCIAS DE HOJE

As 21 e 30: no anfiteatro de Matemática da Faculdade de Ciências, promovida pelo Instituto Francês e pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e proferida pelo sr. prof. G. Pail, da Sorbona, director do Laboratório Arago, sobre «l'Écologie et les aspects nouveaux de la protection de la Nature».

ESTA NOITE NA FESTA

As 21 e 30: na Sociedade Filarmónica. Alunos de Apoll, baile.

FILMES EM EXIBIÇÃO

SÃO JORGE — «Horas de desespero» — A expectativa que rodeou a estreia deste filme foi amplamente excedida. Raramente o público, enchendo uma sala, reagiu tão espontaneamente ao desenvolver da acção como no caso de «Horas de desespero». Os críticos sublinharam com veemência a excepcional classe desta produção. O «Diário Popular», por exemplo, escreveu: «No espectáculo de estreia deu-se um facto que ilustra bem o clima deste filme. Quando, no momento decisivo, o público se viu livre da obsessão que o realizador lhe impunha desde as primeiras cenas, a assistência aplaudiu prolongada e calorosamente. E o caso repetiu-se em todos os

espectáculos, porque todos os públicos sentem a força, o peso, a violência do argumento que os subjugava desde as primeiras imagens. A extraordinária classe dos intérpretes, à frente dos quais se destaca Humphrey Bogart e Friedrich March; a pujante realização do mestre William Wyler; o interesse de ter sido a primeira película filmada em Vista-Vision a preto e branco — são as magníficas credenciais que faziam prever de antemão o êxito do filme. «Horas de desespero» é um filme Paramount e exhibe-se diariamente no São Jorge, às 15.15, 18.15 e 21.30, em espectáculo para adultos.

ÁLVARO PEREIRA REAPARECE BREVEMENTE NO MARIA VITÓRIA

Artista dos mais apreciados pelo nosso público, Alvaro Pereira tem um lugar à parte no nosso teatro ligeiro. O seu nome é indispensável na constituição de um bom elenco para o desempenho de uma peça com as características da que na próxima sexta-feira sobe à cena no Maria Vitória, a farsa musicada «De lá está lá, original de Amadeu do Vale, António Nazare e Rui Martins e para a qual escreveram lindas melodias os mestres Carlos Dias e Tavares Belo. Neste novo espectáculo de garrachada, Alvaro Pereira tem um magnífico desempenho num papel escrito propositalmente para si e do qual aproveita todos os efeitos com aquele grande talento que lhe é peculiar fazendo rir a bandeirola depreçada em todas as suas intervenções. A breve estreia de «De lá está lá» despertou grande expectativa no nosso meio teatral, pois está nova peça, tem todas as características para agradar e sobretudo, um valiosíssimo elenco em que se destacam os queridos artistas Hermínia Silva, Teresa Gomes, Barroto Lopes, Carmen Flores e o grande actor cómico brasileiro Spina que se estreia em Portugal.

deu do Vale, António Nazare e Rui Martins e para a qual escreveram lindas melodias os mestres Carlos Dias e Tavares Belo. Neste novo espectáculo de garrachada, Alvaro Pereira tem um magnífico desempenho num papel escrito propositalmente para si e do qual aproveita todos os efeitos com aquele grande talento que lhe é peculiar fazendo rir a bandeirola depreçada em todas as suas intervenções. A breve estreia de «De lá está lá» despertou grande expectativa no nosso meio teatral, pois está nova peça, tem todas as características para agradar e sobretudo, um valiosíssimo elenco em que se destacam os queridos artistas Hermínia Silva, Teresa Gomes, Barroto Lopes, Carmen Flores e o grande actor cómico brasileiro Spina que se estreia em Portugal.

TRINDADE

Empresa «Azinhahel», subsidiada pelo Fundo do Teatro (Para maiores de 13 anos)

JÁ BEBEU LICOR DE 'A'UGUTRO! QUER SABOREÁ-LO NUM CÁLICE DE CRISTAL! VÁ AO TEATRO DA TRINDADE VER A PEÇA ARSÉNICO

RENDAS VELHAS QUE SE REPRESENTA TODAS AS NOITES PELO ELENCO DO TEATRO D'ARTE DE LISBOA às 21 e 45 horas Preços de 3\$00 a 30\$00 Trindade — Telef. 20000



O «DIÁRIO POPULAR» vende-se na MEALHADA na Papelaria Silva

Casino Estoril
No «WONDER-BAR»
TODAS AS NOITES
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Jantares e Ceias
Conjuntos
MARIO SIMOES e OLIVER (Adultos)
SABADO, 25
AMÁLIA RODRIGUES
(Marcam-se mesas pelo telefone 060730)

O cigarro Inglês próprio para o seu paladar



De Reszke
FILTER TIPPED
com filtro de pura
lã e algodão — para
maior eficiência
VIRGINIA—TURCO
Ponta de cortiça ou marfim
A venda em todo o País

NO PARQUE MAYER — Telef. 366733 — JOSE MIGUEL APRESENTA EM 2 SESSOES: AS 20.30 E 22.45 HORAS

A 2 GRANDES ATRAÇÕES INTERNACIONAIS

ENRIQUECENDO O ESPECTÁCULO DE MAIOR E MAIS JUSTIFICADO ÊXITO DO MOMENTO EM LISBOA!
A GRANDE REVISTA DA POPULARIDADE E DA ALEGRIA

HAJA SAUDE!

O CANTOR CUBANO, GRANDE VEGETA DA RÁDIO
ANTONIO MACHIN
E A ORQUESTRA «CHA-CHA-CHA» E AINDA TONARDEL E O SEU BALLET-ESPECTACULO

António Machin
ADULTOS



Viajando com a sua família POUPE DINHEIRO
Veja como poderá economizar viajando com a sua família para a Venezuela de acordo com o **PLANO FAMILIAR** da LINEA AEROPOSTAL VENEZOLANA

- O marido ou esposa segundo cada caso, actuando como chefe de família, pagará a tarifa completa.
- O outro conjuge e cada um dos filhos, maiores de 12 anos pagarão cada um (em Classe Turista) a tarifa correspondente menos 3.760\$90

V. acompanhado de sua esposa e dois filhos, maiores de 12 anos, economiza agora **11.282\$70**

Para informações e reservas dirija-se ao seu Agente de Viagens ou à

LAV

LINEA AEROPOSTAL VENEZOLANA
Rua Rodrigues Sampaio, 132-A • LISBOA

CINEPOPULAR

OS PROGRAMAS DESTA SEMANA

O «ROSTO PÁLIDO» E A «PELE VERMELHA»



Debra Paget sofreu os tratos da «maquiagem» e transformou-se na encantadora índia que os nossos leitores estão vendo. Assim nos aparece na recente produção da Fox Filmes que o Politeama vem exibindo com grande êxito, «A Pena Branca» (White Feather), realizado por Robert Webb segundo o argumento de John Prebble não se deve considerar como mais um filme de «cow-boys». Pelo contrário, relata um episódio histórico da colonização do Oeste americano quando um exército organizado impunha a paz às várias tribos de peles-vermelhas. Esta pacificação trazia lutas e histórias de vivo interesse como esta de «A Pena Branca», que resulta mais numa bela aventura do jovem baterador das pradarias, simultaneamente compreensivo dos problemas americanos e índios. A cor e as grandes possibilidades do cinematóscopo conjugam-se maravilhosamente com as cenas de ar livre e os belos paisagens do Oeste, oferecendo momentos de grande espetáculo onde se movimentam milhares de figurantes. Pode recomendar-se o filme do Politeama, considerando-o uma película bastante diferente e com atractivos novos entre os habituais películas do Oeste.

A R. K. O. APRESENTA: «O CONQUISTADOR»



Por que se gerou tão grande expectativa em volta da nova produção de Howard Hughes? E por que tem provocado a maior celeuma nas principais capitais europeias? Eis umas respostas que talvez nos possam elucidar... Porque, «O Conquistador» ou a contar a biografia de Genghis Khan, fundador do Primeiro Império mongol, guerreiro terrível que a história e a lenda consagraram.

Porque, para produzir este gigantesco filme, Howard Hughes e a R. K. O. não hesitaram em arriscar seis milhões de dólares. Porque, constitui um dos maiores espectáculos cinematográficos dos últimos tempos, movimentando milhares de figurantes. Porque, nos dá as reais possibilidades técnicas e artísticas do realizador Dick Powell, anteriormente actor e cantor. Porque, reúne um «cast» de grande categoria, onde figuram John Wayne, Susan Hayward, Pedro Armendariz, Agnes Moorehead e outros. Porque, em Londres, Paris, Roma, Berlim, Estocolmo e Copenhaga a estreia deste filme se revestiu da igual solenidade à que se verificou esta noite em Lisboa, na recita de gala do Monumental.

Finalmente, é esta a mais eloquente resposta que a consagrada firma produtora americana R. K. O. oferece ao mundo do cinema, bastante elástico quanto às possibilidades de realização de uma obra gigante que pudessem interessar as multidões.

A SEDUÇÃO DE SILVANA MANGANO



A seguir ao seu Carnaval, o Império resolveu apresentar outro clássico da sua programação 1955-56. E esse era nem mais nem menos do que «Mambo», o filme que reunindo os mesmos intérpretes de êxito, traz o interesse de uma história italiana realizada por um americano — Robert Rossen.

«Mambo» é a dança tomada como um destino e, por isso, é a sua volta que se geram paixões, conflitos e momentos de grande dramatismo. «Mambo» torna-se o filme aliciano, quente como o ritmo da sua música frenética, por vezes embriagadora.

Silvana Mangano, Vittorio Gassman e Shelley Winters são os grandes nomes do filme, sem que o título se deva esquecer o de Michael Rennie cujo papel é de grande interesse.

A história do filme liga-se intimamente à música e sem que se deva considerar um filme musical, «Mambo» é preenchido de composições modernas que vão ficar por alguns anos. O célebre «balle» de Katherine Dunham, cotado com uma das mais caras atracções internacionais, deu a «Mambo» uma preciosa colaboração integrando-se vivamente na história — que é também, a história de amor dos nossos dias.



Há uma Andaluzia diferente, uma Andaluzia que canta e chora, alastada do folclore convencional, no novo filme de Paquita Rico agora apresentado no Cinema Palácio — «Luz de Sangue». Baseando-se no famoso romance «A Família de Alvarado», o produtor Carreiras Planas conseguiu obter do realizador Rovira Beleta uma obra de interesse, aproveitando tudo o que há de típico e real na mais famosa região espanhola. Paquita Rico tem neste filme uma criação diferente daquelas que lhe conhecemos, revelando-se excelente actriz. O drama desenrola-se durante o período das invasões francesas, tendo sido hábilmente respeitados os usos e costumes do século. A Luz, que foi sempre inspiradora dos poetas, serve neste caso como espírito do mal, que lança dois homens em luta de morte, por uma beladade morena. Este exclusivo da Doperfilme vai certamente conquistar novos admiradores para a famosa Paquita Rico.

A HISTÓRIA DE UM COMBOIO DE LUXO

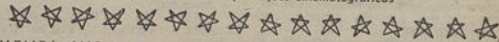


Novamente a coprodução pouco italiana dá os seus frutos. E agora, trazendo-nos a história de um comboio de luxo, a história dos conflitos entre os companheiros heterogêneos viajando no «Expresso do Oriente». E essa história começa precisamente, quando o comboio de luxo é imobilizado certa vez no tranquilo vale de San Dora, perdido entre montanhas do norte de Itália.

Desempenham viajantes e aventureiros de todas as raças; descem homens perigosos entre mulheres encantadoras — a vida na alçada perturbadora, como é natural. E aqui se dá o encontro entre Beatrice e Jacques, a história de um encontro de cinema italiano Silvano Panpanti, e ele, o conhecido galã francês Henri Vidal. Portanto, dois grandes nomes do cinema europeu, a que se juntam Polio Lalli, Eva Bartok, Curt Jurgens, Michael Leuz, etc. «O Expresso do Oriente» estreia-se esta noite no Capitólio e para ele irá o natural interesse do público, atraído em geral e raras vezes descepcionado pelas coproduções franco-italianas. A esta informação sobre «O Expresso do Oriente» devemos acrescentar que foi filmado a cores, tem a supervisão de Robert Rossellini e a música de Renzo Rossellini.



Com a supervisão de Roberto Rossellini e a realização de Carlo Bragaglia, apresenta-se esta noite no Capitólio o filme «O Expresso do Oriente» que traz consigo vários atractivos. São principais intérpretes a escultural Silvana Pampanini e o célebre galã francês Henri Vidal — ambos com enorme grupo de admiradores portugueses. Cabe à distribuidora Filmes Lusomundo a apresentação deste filme, continuando assim a seleccionar entre a programação europeia as melhores produções cinematográficas.



HENRI VIDAL VOLTA A LISBOA!

BOA!

Com «belaques» e tudo, a verdade é esta: Henri Vidal volta a Lisboa, embora viajando no «Expresso do Oriente».

O público não esqueceu a sua famosa estreia em «Fabiola». Nem tão pouco, a sua presença em carne e osso na «Noite das Estrelas» que a revista de cinema «Imagem» promoveu no Eden. Recentemente o conhecido marido de Michèle Morgan apareceu-nos em «Napoleão», de Sacha Guitry, envergando o espartilho uniforme de general. Pois agora vem como simples jornalista e viajante de um «Expresso» que esta noite vai fazer paragem no Capitólio.

A CONFERENCIA DA M. G. M.

Trinta e sete delegados (que representam a Metro noutros tantos países) reuniram-se em Hollywood para a célebre conferência mundial daquela produtora americana, sob a presidência de Mr. Loew, cabeça de toda a vasta organização M. G. M. Durante cinco dias se discutiram planos e trocaram impressões sobre a nova produção da Metro, ao mesmo tempo que se recebiam de importantes personalidades os votos de bom êxito à conferência. Cartas e telegramas do Presidente Eisenhower, do governador da Califórnia, dos Lordes Maiores de Londres de Edimburgo, de Belfast, de Dublin e Cardiff, sublinharam o interesse pela iniciativa da M. G. M.

No célebre Beverly Hills Hotel efectuou-se um jantar dançante a que compareceram todos os artistas da Metro, realizadores, directores de produção, jornalistas, etc.

RENOVANDO O CARTAZ

A maré dos grandes filmes ainda está longe de chegar ao fim... Uma simples busca pelas programações a seguir brevemente indicam-nos que iremos ver, entre outros:

«As Memórias do Major Thompson», filme inglês que traz consigo o prestígio das duas comédias britânicas; «Uma Rapariga Moderna»;



Dick Powell, que como todos se lembram interpretou vários filmes como actor e cantor, enveredou há algum tempo pelo campo da realização cinematográfica. A tal ponto os seus conhecimentos se alargaram que o célebre produtor Howard Hughes lhe confiou uma das obras mais espectaculares dos últimos tempos — «O Conquistador». Muito se tem falado nesta película que a R. K. O. vai estreitar amanhã no Monumental e dela nos ocupamos também noutro lugar da página. «O Conquistador» será apresentado esta noite em recita de gala, num espectáculo de beneficência a que o «Diário Popular» dá o seu patrocínio.

MAURICE CHEVALIER numa comédia sensacional



Uma companhia de revistas que anda em «tourne» pela provincia está falida. Sete lindas agitas apresentam-se no cartão de um solista impenitente e procuram fazer-se passar por suas filhas... Tão, assim, como a mesm e poderão esperar pelo novo contrato...

Se dissermos que o solista é Maurice Chevalier, e as agitas são Dina Scola, Maria Frou e outras cinco beladades famosas, facilmente se dorão conta do excepcional interesse desta comédia engracada, realizada por Jean Boyer e fotografada a cores.

Um filme tipicamente parisiense, malicioso e graciosíssimo que o São Luiz e Alvalade estreiam amanhã.

CAMPEÕES DE BILHETEIRA

A revista «Motion Pictures», proclamou os «campeões de bilheteira» de 1955: em 1.º lugar surge James Stewart, no filme «A Janela Indiscreta»; seguem-se Grace Kelly, nos filmes «A Janela Indiscreta», «Tentação Verdade» e «Para Sempre»; John Wayne, em «Alto e Poderoso»; William Holden, em «Sabrina»; e «Para Sempre»; Gene Coppel, no filme «Vera Cruz»; Humphrey Bogart, nos filmes «Os Revoltados do Cuerno» e «Sabrina».

O ASSALTO À BARREIRA DO CALOR O FINALISMO E O A-FINALISMO

DO NOSSO SISTEMA EDUCATIVO

(Continuação da 1.ª pag.)
 mim, como inglês, um interesse especial pelo facto de o chefe de divisão de voos de ensaio e piloto principal ser o tenente-coronel Frank Everest, descendente directo do «Sir George Everest, que deu o nome a grande montanha das Himalaias».
 É certo que «Sir Frank Everest» subiu alto, mas esta jovem americana, de 35 anos de idade e com um metro e setenta de altura elevou-se três vezes mais que os 8.882 metros do Everest.

Vim aqui especialmente para entrevistar o coronel Everest. Apesar da autorização do Pentágono e do apoio da Embaixada britânica fui interrogado pela polícia aérea junto do portão principal e levado a um gabinete onde examinaram as minhas credenciais. Vi ali um letreiro que dizia: «Por fraude ou falsas declarações, 10.000 dólares de multa ou cinco anos de prisão. Não preste falsas declarações e informe-me de que será acompanhado pelo tenente-coronel Lloyd Garland, a qualquer hora, de dez minutos depois. Perguntou-me o que desejava ver primeiro: «O coronel Everest», respondeu. «O coronel está a tornar-se mundialmente famoso», disse eu, «isso lhe agradeço», disse-me Garland.

Depois rodámos por estradas primitivas, para o gabinete de Everest — uma fila de barracas.
 A entrada chamava-se seguintes palavras: «Por estas portas passam os mais experientes e arrojados pilotos do Mundo».

De dentro via-se uma enorme quantidade de mesas de trabalho e o coronel Everest, de ponteiro na mão, em frente de um mapa, ensinava qualquer coisa a um grupo de técnicos e de pilotos. Parecia muito novo, mas um aluno do meu professor. Tem um ar simpático e tez bronzeada, queixo forte e olhos de aviador. Aproximei-me de nós e disse: «Estou muito ocupado, agora. Não se importa de voltar mais tarde?»
 Garland explicou-me que ele tem sempre imensas coisas em que pensar.

O PROBLEMA NÃO É A VELOCIDADE

Voltei pouco depois de ter visitado a base e encontrei Everest menos ocupado. Sentou-se em frente da secretária no gabinete que partilha com outro oficial e um secretário e que se assemelha ao de um estudante, com desenhos, calendários e fotografias de aviões.

Pedi-lhe licença para Los Angeles e disse: «Vámos a isto. Pergunte o que quiser».

Comecei gradualmente a conversa, salientando o facto de ser provavelmente o homem mais rápido do mundo, e o mundo desejar conhecê-lo de perto.

Acendeu um cigarro e começou a falar: «Não, não, não assisti a uma corrida, nem me aborreci; não senti claustrofobia nem enjoo. Tudo se passa desta maneira: subo no avião-mãe que transporta preso o Bell II e depois passo à cabina de pilotagem do avião-foguetes que é lançado a uma altitude de cerca de 9.000 metros. Então subo e dou-lhe toda a força».

— Que velocidade? — perguntei.
 Não posso dar-lhe números exactos — respondeu Everest. — Bastante rápido. Mas o problema não é a velocidade. Acho que poderemos voar 5.000 quilómetros por hora, não por enquanto, é claro, desde que o avião resista».

«Na minha opinião, a barreira térmica é uma designação incorrecta, mas que «pegou». O calor é grande, sem dúvida, ainda que tenhamos sistemas de refrigeração, mas o que preocupa o piloto não é ficar torrado — é que o seu aparelho se derreta. O que penso? Por mim, estou sempre tão ocupado a tomar notas e observar os instrumentos que não posso divagar. Seria mau se o fizesse».

«Estes aviões-foguetes são mais difíceis de pilotar que os aviões vulgares. Depois de fazermos a nossa arrancada que dura apenas uns cinco ou seis minutos, temos de continuar em voo planado até aterrarmos».

Quando Everest diz «nós», significa «eu», pois só há lugar para um homem no seu pequeno aparelho.
 «Sinto-me completamente bem».

antes, depois e durante o voo. Não me encho e durmo bem. São voos futuristas, mas tudo é voar».

A MAIS TERRÍVEL EXPERIÊNCIA

«Minha mulher? Arranja-me o almoço todos os dias. As esposas dos pilotos de ensaio não são de um género à parte. Nem podia deixar a ser. Não julgo que elas se inquietem excessivamente. (Everest tem três filhos e a família vive na base).
 «Esperamos ter o Bell II pronto a funcionar dentro em pouco e obtemos, então, dados que estão a fazer grande falta — coisas que os constructores precisam saber».

De repente, Everest voltou-se para mim e perguntou-me: «Onde arranjo esse crevo?». Respondi: «Em Hollywood». Everest fez um sinal de assentimento e reconheceu a falsidade.
 «Não tenho muitas paixões — só coça e pesca. E voar... essa é de uma minha grande paixão. Temos convívio aqui na base, bilis e reuniões na «mesa». Espero ir à Inglaterra, em Janeiro, e pilotar um dos aviões da R. A. F.»

— Penso que o Governo deveria dar mais dinheiro para estas coisas — disse eu.

Nada de política — atalhou Everest. — Venha aqui, V. ou mostrar-lhe isto».

Dirigimo-nos ao local onde se enfileiravam os aviões e os grandes aviões, os foguetes e os jactos. Havia um ruído enorme que me fazia dos os cuvidos.

O Bell II não se encontrava ali, mas eu avistara-o, de relance, num dos hangares, antes da guarda nos mandarem embora, ao coronel Garland e a mim.

Everest e eu conversámos. Perguntelhe qual fora a sua mais terrível experiência. «É difícil dizer — respondeu. — Penso que foi quando pilotava o... (murmurou algumas letras que nada significavam para mim) e o aparelho se incendiou a 6.000 metros de altitude. Tive recio de que o fogo atingisse os comandos. Desci bastante mas não foi nada fácil. Só não fiquei queimado porque o fogo era na cauda».

Mais tarde soube que em vários voos de ensaio nove aviões de Everest explodiram no ar e fizeram os fragoros de emergência da cauda; mas, em cada caso, explodiu ao descolar, mas ele ficou ileso; que por duas vezes reventaram e se incendiaram foguetes, enquanto ele os examinava; e que uma vez, pilotando um Bell I, a cupula da cabina se quebrou a uma altitude de cerca de 20.000 metros de altitude (o sangue humano entra em ebulição a 15.000 metros, deixando escapar o ar da cabina e Everest só se salvou devido ao escudo especial que envelopava. Everest não mencionou isto nem as nove e quatro missões de combate na Europa e as sessenta e sete no Oriente.

SEIS MINUTOS DE VOO A 30.000 METROS DE ALTITUDE

Continuámos o passeio e um fotógrafo da base pediu-nos que posássemos para uma fotografia.

Everest queria que eu subisse para a cabina e pilotasse um dos seus aviões-foguetes enquanto ele falava comigo do alto de uma escada de ferro encostada ao aparelho, mas eu disse-lhe que qualquer pessoa que me corresse vertia logo que isso era impossível e que seria melhor tirarmos a fotografia junto do avião.

Everest fez há dias o primeiro voo no Bell X-II. Foi o primeiro homem a pilotar esse aparelho. Lançado de um avião-mãe, voou no avião-foguetes durante 6 minutos. O voo completo, de ida e volta, durou 30 minutos. Seis minutos a voar a uma altitude de mais de 30.000 metros.
 «Foi um voo de pura exploração — disse-me».

Deva compreender-se que esta base é um vasto laboratório e os aparelhos não são corolários de aviões de caça. São modelos experimentais — algumas com que os cientistas sonham os céus.

O mais recente, o Bell X-II, levou nove anos a construir. O seu par de foguetes dá-lhe uma potência e impulso de 15.000 libras-peso. Tem uma válvula que permite regular a quantidade de combustível e oxidante que alimentam cada uma das câmaras.

O para-brises é feito à prova do calor e dos raios infra-vermelhos. A uma velocidade de 2.000 milhas por hora, o vidro ordinário derreteria-se. E a 30.000 metros de altitude, sem a protecção de um vidro especial o piloto morreria».

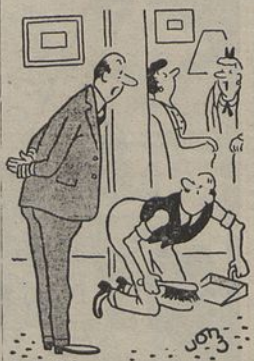
O avião-foguetes é feito de uma mistura de muitos metais. As asas, aparentemente frágeis, são de aço inoxidável, resistente ao calor. A carlinga é de uma liga à base de níquel, contendo cobre, manganês, alumínio, silício e ainda outros metais secretos.

E de que ser feito «Pete Everest»?

«De carne e osso, como toda a gente — diz ele. Mas há quem afirme que ele é feito de aço ainda mais bem temperado do que o dos seus aviões-foguetes».

(Continua)

A ANEDOTA DA TARDE



— Homem, faz como eu. Põe-te ao alto e exige que te comprem um aspirador...

INAUGUROU-SE HOJE O SIMPÓSIO SOBRE HIGIENE E SEGURANÇA INDUSTRIAL Na Ordem dos Engenheiros

Na Ordem dos Engenheiros principal hoje, às 21 e 30, um Simpósio sobre Higiene e Segurança Industrial, iniciativa do Grupo de Estudos das Indústrias Metal-Mecânicas, que se prolongará até ao dia 25, e para o qual foram enviadas 100 comunicações por engenheiros, médicos, economistas e industriais.

A sessão inaugural assistiu-a o sr. Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria e da Assistência. O sr. prof. Daniel Barbosa preferiu o discurso de abertura e o sr. eng. José Pereira de Azeite fará uma conferência sobre «Razões e objectivos do Simpósio».

Na sessão de encerramento, que será presidida pelo sr. Ministro da Presidência, serão lidas as conclusões finais pelo sr. eng. Luciano Faria. Será também inaugurada uma exposição bibliográfica, documental e de material de protecção contra acidentes, na qual colabora o Grémio das Seguradoras.

CONFERENCIA PELO ADIDO CULTURAL A EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS

Depois de amanhã, às 18 e 30, no Instituto Britânico, o sr. dr. Duclen Terrett, adido cultural à Embaixada dos Estados Unidos, proferirá uma conferência sobre «Bernard de Volo e Robert E. Sherwood».

(Continuação da 1.ª pag.)

De raiz positivista, rectificado apenas em questões de pormenor, o nosso ensino admite assim um postulado insensato, no qual confundiam-se os meios e os fins, o princípio do século, e que pode sintetizar-se deste modo: instrução e educação equivaleram-se e confundiram-se, pois o mais alto grau de aperfeiçoamento humano é o que dá a ciência, a posse consciente da razão iluminada e a fortificação pelo estudo e pelo saber. Perigosa miragem entrevi-nos em nossos avós utopistas! Eliminamos a dualidade, o dualismo, os conceitos, fizeram da escola um lugar onde se aprendem noções de saber positivo, mas onde se não aprende a ser homem, tendo em vista a totalidade, superior da condição humana. O sistema do nosso ensino torna-se assim emilamente a-finalista, se o observarmos do ponto de vista educativo, e do ponto de vista político, cada indivíduo é conduzido a integrar-se numa dinâmica vital dramática, propondo-se ao mesmo tempo contribuir, pelos seus actos, para a resolução futura desse doloroso dilema.

Alto estudo, o fim do aluno é hoje espessar o exame, ter o diploma — e nada mais. O seu objectivo é quase unicamente utilitarista. Pretende um diploma porque o diploma dá acesso a posições sociais ou economicamente compensadoras. Dá a sua total obediência, para não dizer escravidão, à ciência do professor, que pode ser falsa, incompleta, reaccionária, ou a uma pedagogia vazada, mas que não constitui para o aluno mais do que o obstáculo que é preciso transpor, sem análises nem afirmações de personalidade que se criam e se descrevem.

Por sua vez, o professor, uma vez instalado na sua posição local ou universitária, limita a sua acção ao ensino de um conjunto de conhecimentos especializados, sujeitando inteiramente o aluno a uma pedagogia que o impece de actualizar-se constantemente no seu ramo de saber, ou a uma incapacidade intelectual para transcender o conhecimento de compêndio, ou a uma específica direcção cultural do seu espírito, divergente e, até, antagónica da dos outros professores seus colegas. No que todos estão de acordo, é em repudiar qualquer intenção exterior à pura transmissão de conhecimentos.

Olhando de alto, observa-se que, ao longo da sua aprendizagem, o aluno apenas estudou para os sucessivos exames, e que, quando os exames passaram, a sua memória a sua inteligência, a sua capacidade de compreensão e de espírito, divergente e, até, antagónica da dos outros professores seus colegas. No que todos estão de acordo, é em repudiar qualquer intenção exterior à pura transmissão de conhecimentos.

Por outras palavras, a Escola em todos os seus graus, não apenas desiste de educar, como desiste de promover uma articulação doutrinária das várias disciplinas com vista a uma aprendizagem superior, a saber adquirido. Não dá alimento algum a vontade e a afectividade, como o faz, por exemplo, ainda hoje a universidade inglesa, promovendo vontade do desporto e da cultura e inculcando afectivamente na vontade dos jovens, noções como o «fair play», que, transportadas posteriormente para o mundo dos negócios ou da política dão à vida pública inglesa uma dignidade e um clima de respeito mútuo entre adversários, que a torna superior à dos países latinos.

No que se refere ao ensino propriamente dito, o símbolo da sua expressão contemporânea não é vertical, mas horizontal. Longe de promover uma ascensão espiritual, busca promover um alargamento em superfície. O aluno universitário sabe mais do que o liceal — mas não sabe melhor. Ao obter, finalmente, o seu

diploma de curso superior, o licenciado olha para trás e lamenta o tempo que perdeu em todas as matérias que fogem à sua especialização. Essas matérias assemelham-se às peças de «puzzles»: mas nunca as conseguiu reunir e agora já é tarde. Não se lhe apresentaram como necessárias, como harmonicamente ligadas, como tendendo, com a lógica indutiva dos acordes diferentes, mas unidos, de uma sinfonia, para uma mesma finalidade.

Licenciado, pode vir a ser um bom especialista, um bom profissional. Como homem, porém, será o que os caprichos da sua existência extracurricular, de lá vieram: família, cultura literária, influência de outros homens, amigos, formação religiosa ou política... E como estes factores sociais e culturais sofrem da mesma crise, espelhando a errada formação escolar, o homem que se vê a vida, em todos os seus planos antropológicos, cosmológicos ou teológicos, se reduz à vida de cada um; cada homem passa a considerar-se o princípio e o fim de todas as coisas, e o seu ego domina todas as outras, a existência é um campo de batalha, não entre o bem e o mal, mas entre o «eu» e o «outro». A ideia finalista da «redenção» melhor reinterpreta o fracasso.

A portança assume na filosofia portuguesa, considerando os actos humanos como factores relativos a essa redenção, e não como valores absolutos, a ideia de que os actos humanos, constituindo a antiteza de um sistema que, tudo sacrificando à noção positivista do saber puro, transforma a sociedade contemporânea numa luta de microcosmos individuais, e os seus actos, correspondendo complementamente a retrocessos parciais, provocam uma estagnação real cujo prolongamento poderá ter as mais funestas consequências.

Já escrevemos, ao que parece com certo escandalo, que o problema principal do nosso tempo, para a geração de 1950, não é o social nem o político, mas o educativo. Na verdade, a melhor política, a melhor sociologia, a melhor doutrina, a melhor pedagogia, quando os homens não estão preparados para assumir um papel papel de missionários, em ocasiões decisivas da vida. Essa preparação com esta a uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um novo problema: qual o conteúdo, quais as vias que a educação possa oferecer aos alunos, para integrar num finalismo da mais alta ordem? Um sistema educativo nacional, nestas condições, não poderia deixar de depender de uma filosofia, de uma finalidade superior à educação, para a qual a instrução deve estar na relação da parte para o todo. E encontramos-nos agora à beira de um

LISBOA NOVA...

VÃO SER AJARDINADOS

E ORLADOS DE ÁRVORES DE GRANDE PORTE

OS PASSEIOS DA AVENIDA INFANTE D. HENRIQUE

No Pavilhão dos Desportos, realizou-se, amanhã, um concurso público para entrega da tarefa da plantação de 548 árvores de grande porte nos largos passeios laterais da Avenida Infante D. Henrique — no troço entre o Largo dos Caminhos de Ferro e a zona de Marvila.

As árvores, que sairão dos viveiros Municipais, serão de várias espécies: choupos (negros e brancos) e uma outra variedade que se chama «vento», timbreiros, salgueiros e freixos frondosos, de maneira a proporcionar sombra sobre os bancos que,

mais tarde, ali serão também colocados.

A larga experiência colhida pelos serviços municipais demonstrou que o tempo de vida, das árvores, que, dantes, atingiam muitas dezenas de anos — sendo vulgar havê-las seculares — diminuiu sensivelmente, por extinção precoce ou doença, desde que as ruas em que as plantavam ou em que já existiam, começaram a ser asfaltadas. Por este razão, os serviços técnicos municipais daquela especialidade incluíram, nos planos da urbanização e de remodelação das diferentes áreas da cidade, a nova arquitectura que se observava em muitas das artérias: passeios largos, orlados com vestes tapetes arborescentes, nos quais, além dos canchais de flores, são plantados arbustos e árvores de vários tipos sem se utilizar o velho processo do alinhamento sistemático. Este novo critério, que põe em muitos recantos da capital uma agradável nota de frescura — vejam-se as Avenidas 24 de Julho, de Miguel Bombarda (em frente da Casa da Moeda) e outras — satisfaz o espírito da população, naturalmente amiga da árvore, e mantém a tradição da arborização de Lisboa, que um dia um urbanista estrangeiro chegou a pôr em perigo, com certo plano (evolucionário) que levantou, apesar de alguns adeptos clamorosos protestos.

Os largos passeios laterais da Avenida Infante D. Henrique vão arborizados, devidamente aranjados, com suas árvores plantadas em ordem regular, com quadras verdes, e entre-tufos de arbustos e flores. E, daqui a um ano, já a magnífica artéria poderá, sem dúvida, aparecer aos nossos olhos como uma das mais belas de Lisboa.

A empreitada da referida plantação deverá custar ao Município cerca de 48 contos.

PESTE AVIARIA

EM VIANA DO CASTELO

VIANA DO CASTELO, 20 — Nesta cidade e arredores grassa a peste aviária. Muitas famílias estão a sofrer graves prejuízos com a doença, que tem fulminado dezenas de galinhas. Em algumas casas, a galinha tem sido total.

A SITUAÇÃO EM GOA

(Continuação da 1.ª pág.)

de parte a parte, até que os bandidos se retiraram atravessando a fronteira. Passadas quatro horas, surgiu de novo, o grupo de bandidos, ao que parece reforçado, quanto a homens e a armas.

A guarda do posto de Chandel contra-atacou então, vigorosamente, pondo em fuga os assaltantes. Entre os defensores não se registaram ferimentos, segundo um comunicado oficial, mas ignora-se se sofreram ferimentos os bandidos, os quais, no momento da retirada para a União Indiana, já dia claro, mataram a tiro, por puro vandalismo, duas cabeças de gado, propriedade de um agricultor hindu de Chandel. — (ANI).

Em Margão foi encontrada uma bomba incendiária

GOA, 20 — Segundo um comunicado oficial, foi encontrada, anteontem em frente do Comissariado da Polícia da zona de Margão, uma bomba incendiária, que não chegou a explodir. — (ANI).

Injustificação apresamento de um barco por uma lancha da Armada da União Indiana

GOA, 20 — Um comunicado oficial informou que no dia 7 de Janeiro, a embarcação de recreio para de Mormugão «Laxmi Prasad» foi apreendida a 70 milhas da costa, quando navegava de Mormugão para dois mercaderias destinadas àquela cidade, por uma lancha da Marinha da Guerra Indiana, que a rebocou para o porto indiano de Malvane, onde os tripulantes de «Laxmi Prasad», em número de cinco, permaneceram presos durante um mês. Foram, finalmente, libertados mediante o pagamento de pesada multa.

As mercadorias apreendidas, no valor de 18.000 rupias, não foram restituídas e a «Laxmi Prasad» continua retida no porto de Malvane. — (ANI).

Assalto no concelho de Canácona

GOA, 20 — Segundo um comunicado oficial, publicado hoje, quatro ou cinco bandidos indianos pretendiam assaltar, no dia 18, uma casa isolada, em Quindolemba, no concelho de Canácona. Presentes pelos moradores da casa, que gritavam pedindo socorro, os bandidos puseram-se em fuga para a União Indiana, cuja fronteira passa perto da residência assaltada. — (ANI).

Grande indignação entre a população de Goa

GOA, 20 — Foi enorme a indignação da população de Goa ao ter conhecimento dos três comunicados oficiais esta manhã distribuídos e circulando sobre actos de banditismo praticados por grupos de bandidos indianos armados que violaram o nosso território e a acção arbitrária, contrária ao direito internacional e desumana que as autoridades indianas revelaram na forma como foi tratada a tripulação do veleiro apreendido fora das águas territoriais indianas por uma lancha armada que o rebocou ao porto Malvane.

Com estes incidentes elevam-se a trinta os actos de terrorismo e de violação do direito das gentes praticados por indianos a solo e a cober-ta das autoridades da União Indiana, desde 1 de Janeiro do corrente ano.

O posto de Chandel, sofreu já quatro ataques e a população do território vizinho tem sido vítima dos grupos de terroristas que atravessam a nossa fronteira na sua missão criminosa. A morte a tiro de dois bovinos pertencentes a um pobre agricultor de Chandel que os bandidos encontraram na sua debandada é considerado, segundo o barbaresco com que os terroristas estão a agir, — (LJ).

TRES MEMBROS DO GOVERNO

vão ao Porto

inaugurar a Exposição sobre Mouzinho

PORTO, 20. — Os srs. Ministro da Defesa Nacional e Subsecretários de Estado do Exército e da Aviação são esperados amanhã, nesta cidade, a fim de virem presidir ao acto inaugural da Exposição Histórica-Militar, em homenagem a Mouzinho de Albuquerque, na qual figurará a espada que o herói empunhava quando prendeu o Gungunhana e as espadas de Afonso Henriques e de Nuno Álvares Pereira.

OS LOBOS DIZIMAM OVELHAS NA SERRA D'ARCA

VIANA DO CASTELO, 20. — Cor-pulentos lobos têm investido contra os rebanhos, nas vertentes da serra d'Arca e dizimado centos de dúzias de ovelhas. As feras, acossadas pela fome, atrevem-se a rondar os povoados e, está ano, apareceram em maior número. Os pastores, com os seus cães, têm sido impotentes para conter o ímpeto dos fortes animais, que aparecem em alcateias de 6 a 8 bichos.

O ENTRONCAMENTO vai ter os primeiros abrigos contra ataques aéreos

ENTRONCAMENTO, 20. — A Defesa Civil do Território que, desde o início das suas actividades, tem dispensado a maior atenção, a esta populosa vila e importante centro ferroviário, onde se efectuou o mais importante e completo exercício de D. C. T., que até hoje se tem realizado no nosso País, vai iniciar nesta vila os trabalhos de construção de dois grandes abrigos subterrâneos, contra ataques aéreos, iguais aos existentes nos principais centros populacionais e industriais do estrangeiro, que mais flagelados foram pelas bombas de aviação, durante a última guerra. Estes dois grandes abrigos — um destinado à população civil, e o outro que será construído no sector da C. P., para ferroviários — são, assim, os primeiros abrigos subterrâneos, contra ataques aéreos, construídos em Portugal. Os trabalhos da sua construção terão início dentro de dias.



Ào fim da tarde de hoje, o sr. Ministro da Educação Nacional presidirá a inauguração, nas novas instalações da Casa Kodak, de uma exposição de fotografias do embaixador António Rosa Casco, várias vezes premiada em concursos internacionais. O trabalho que reproduzimos, intitulado «Estendal», já figurou em cerca de 200 Salões e obteve 50 prémios

JORNAL DA MANHÃ

Por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna realiza-se, no dia 1 de Março, como já noticiámos, na Sociedade Médica dos Hospitais Civis, instalada no Hospital dos Capuchos, uma sessão de homenagem à memória do jaco «Mig», vendidos ao Egipto pela Academia Nacional. A personalidade e a obra do notável cientista serão evocados pelos profs. dr. Barahona Fernandes e Pedro Polónio e pelos Drs. Gama Imaginária, Miller Guerra, Cruz e Silva e Lobo Antunes, director e colaboradores do eminente sábio, que mostrarão, através da sua prática, os resultados do leucotomia e da angiografia, métodos que celebrizou o autor português e lhe valeram a honrosa distinção de «Académico» da Academia Nacional de Medicina. A sessão é agendada com grande interesse nos meios científicos.

No Estrangeiro

Em Ayacucho, efectuou-se, ontem, promovida pelo Ateneu de Sevilha, com a colaboração de alguns intelectuais portugueses, um sessão cultural hispano-lusa dedicada especialmente à memória de Motam, o grande poeta árabe que foi rei de Sevilha e, na sua juventude, vencedor da fogueira. Para o efeito distribuíram-se àquela cidade fronteiriça, autores dos dois países. O perfil de Motam foi traçado pelo sr. dr. Garcia Dominguez, que no final propôs a publicação de um livro de poemas em Sevilha, inaugurando-se nessa altura uma lapide à memória daquele grande figura da literatura árabe.

Em Paris, faleceu com 96 anos Gustavo Charpentier, decano da música francesa. Foi autor de várias obras famosas sobre as quais «Luis», filho de um operário da pequena cidade de Dienne, na Lorena, aos 15 anos de idade já leccionava violino.

Nos últimos dias têm circulado, nas cidades marroquinas e com a assinatura do «Exército Nacional de Libertação» folhetos em que se ameaça o povo marroquino de uma guerra total se das negociações franco-marroquinas, de Paris, não resultar a concessão da independência absoluta ao império xerifino.

Em Berlim foi assinado um acordo comercial entre Portugal e a Alemanha Oriental no valor de cerca de 180.000 contos, ao abrigo do qual Portugal exportará para a Alemanha Oriental, café, chá, cacau, vinho, etc.

CURSO DE CARDIOLOGIA NO HOSPITAL DE SANTA MARIA

Promovido pelo Centro de Cardiologia do Instituto de Alta Cultura e pela Clínica de Cardiologia do Hospital Escolar de Santa Maria, começa hoje a funcionar, como noticiámos, o 3.º Curso de Cardiologia, dirigido pelo sr. prof. Eduardo Coelho. Ao longo do curso, no Hospital de Santa Maria, às 23 e 45, na aula de Prospecção Médica, profere-se a primeira o sr. prof. Eduardo Coelho, que falará sobre «Tachicardia paroxística e síndrome de pré-excitação ventricular (W. P. W.)».



CINCO JOVENS IRMÃOS

(TODOS ESTUDANTES)

FORMARAM UM CONJUNTO MUSICAL DE ACORDEÕES

QUE BEM MERECE O APOIO OFICIAL

Nas tardes de Carnaval para crianças, organizadas pela Empresa do Monumental, apresentou-se este ano, com exito invulgar, o «Conjunto Português de Acordeões Homens», formado por cinco irmãos, todos estudantes.

São três raparigas e dois rapazes — a mais velha tem 17 anos e o mais novo apenas 8 — que começaram, desde pequeninos, a estudar música e a tocar piano e acordeão. Mais tarde, o pai dos cinco filhos, animado com os progressos dos pe-

A PARTIDA DOS HOQUISTAS DO PAÇO DE ARCOS

Só cerca das 18 horas deve partir do aeroporto para o Rio de Janeiro o avião que transporta a equipa de hóquei em patins do Paço de Arcos, que vai efectuar nove jogos no Brasil.

ESTÁ ABERTA A AUDIÊNCIA...

Quatro meses de cadeia a um «valentão» que ameaçava toda a gente...

Entre a sr.ª D. Reza da Assunção e seu filho, António Inácio Peio, existe, desde há tempo, uma querência que levou o casal à separação. E, pelas leis legais, ele teria de pagar uma pensão à esposa — o que nunca fez, tendo o Tribunal de Menores de Intervir. Assim, o caso desandou foi ali chamado e, na presença do próprio curador, o Inácio Peio ameaçou a esposa, tomando tal atitude que o curador lhe aplicou três dias de prisão. Foi como se tivessem esgotado o diabo.

As ameaças até ali dirigidas à mulher passou o Inácio a fazê-las ao curador, a ponto de lamentar não ter consigo uma pistola — «porque iam todos quantos ali se encontrassem».

Identica atitude provocadora teve o «valentão» para um magistrado. E, quando apressaram dois guardas para o prender, ele desmaiou e tiveram de empregar a força, porque o Inácio também dizia chegar para eles, acrescentando:

— Não ficarei toda a vida na cadeia e, quando sair, se verá.

Como não podia deixar de acontecer, acabou por ser entregue ao Tri-

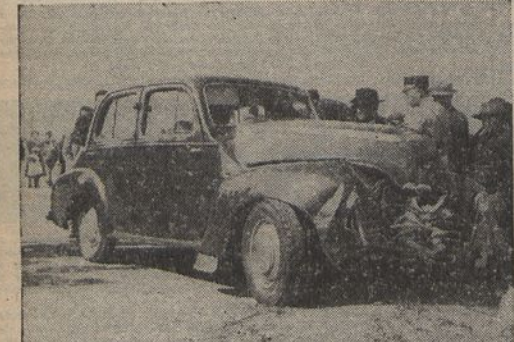
(Continua na 15.ª pág.)

UM MORTO E DOIS FERIDOS POR TEREM CHOCADO VIOLENTAMENTE PRÓXIMO DOS OLIVAIS

um automóvel e uma furgoneta

Esta manhã, verificou-se na Avenida Infante D. Henrique, próximo dos Olivais, um espectacular acidente de viação, do qual resultou a morte de um homem, tendo outro sofrido graves ferimentos e ficando, ainda, contusa uma mulher.

Foi o caso de uma furgoneta que seguia em boa velocidade por aquela artéria, com um carregamento de peixe para Moscovide, tendo sido a bordo da em choque por um automóvel que vinha dos lados do Aeroporto para a Avenida, devido à violência do embate, a furgoneta deu várias voltas sobre si mesma, tendo caído, em posição normal, e com-



A VISITA DO PORTA-AVIÕES NORTE-AMERICANO «CAPE ESPERANCE»

A bordo do aviso «Bartolomeu Dias» efectuou-se hoje um almoço em honra do comandante do porta-aviões norte-americano «CAPE ESPERANCE» que se encontra no Tejo, sr. capitão-de-mar-e-guerra Charles Leighton Moore, Jr. Foi oferecido pelo comando da Força Naval da Metrópole, representado pelo comandante daquele aviso, sr. capitão-de-mar-e-guerra Sarmiento Rodrigues, e foram convivas, entre outros oficiais superiores das Armadas dos dois países, os srs. comandantes Bandeira Escribano, chefe do Estado-Maior da F. N. M., e Botelho de Sousa, do Estado-Maior da Armada, e Filizario, chefe naval norte-americano.

O «CAPE ESPERANCE» deve largar amanhã do Tejo.

OS EXERCÍCIOS AERONAVAIS NO ATLÂNTICO

Voltaram a sair hoje de manhã do Tejo, onde haviam entrado no sábado para reabastecimento e descanso das respectivas tripulações, os navios da nossa Marinha de Guerra que estão a efectuar exercícios de conjunto, próximo da costa, em áreas a sul de Cabo Espichel, sobre temas de luta anti-submarina. Estes exercícios realizam-se para manter devidamente treinado o pessoal da nossa Armada e que constituem, ao mesmo tempo, uma fase de preparação para as próximas manobras no Atlântico com unidades da Marinha de Guerra da Grã-Bretanha, em obediência a planos do Comando Supremo Marítimo da N. A. T. O, estão a decorrer com absoluto êxito, sendo comandados superiormente pelo sr. almirante Nuno de Brion, comandante da Força Naval da Metrópole.

Colaboram nos mesmos exercícios aviões militares das bases do Montijo e de Gibraltar.

NOTÍCIAS DE CAPITAL E PROVA UM GRANDE ACONTECIMENTO MUNDANO O ESPECTÁCULO DE GALA

LOGO À NOITE, NO MONUMENTAL
PARA ESTREIA DE «O CONQUISTADOR»

Lisboa vai viver esta noite, no Monumental, com a memorável estreia de gala do extraordinário filme «O Conquistador», um grande e invulgar acontecimento mundial. De fachado festivamente iluminado, com potentes projectores e o átrio coberto de lindas tapeçarias, o elegante cinema do Saldanha oferecerá, assim, o mais belo espectáculo das noites de estreia — com uma assistência elegantíssima, que fará cessar as mais belas toilettes, imprimindo à apresentação, entre nós, da famosa produção da R. K. O., a mesma nota de distinção e mundialismo que revestiram os espectáculos em que, nas outras capitais europeias, um público selecto assistiu à antepremière exibição da magnífica reconstituição cinematográfica.

Organizado, como temos dito, com fins beneficentes, tal como sucedeu com a estreia de «O Conquistador», a obra, o produto deste espectáculo de gala, que o «Diário Popular» patrocinou e a empresa do Monumental acolheu com a maior simpatia, reverte a favor de uma obra magnífica — a Casa do Menino Jesus, de Carnide — e dos pobres protegidos pelo nosso jornal.

MUITO FRIO E NEVE NO PORTO

PORTO, 20.— Voltou a verificar-se uma brusca descida de temperatura. O dia de hoje, nesta cidade, foi o mais frio deste rigoroso inverno. Os termómetros do Observatório da Serra do Pilar registaram as temperaturas mínimas de 3,8 graus negativos, às 7 e 5, e de 9,2 abaixo de zero, respectivamente, no ar e na relva. Os jardins da cidade apareceram cobertos de neve e as águas nos lagos gelaram.



O estado em que ficaram os dois veículos, após o trágico acidente

A CASA DO POVO DE CHACIM FOI ONTEM INAUGURADA

MACEIO DE CAVALHEIROS, 20.— Foi ontem inaugurada a Casa do Povo de Chacim, deste concelho. Ao acto presidiu o sr. governador civil do distrito, que era acompanhado do Bispo da Diocese de Faro, sr. Manuel José de Viana, representante da Junta Central das Casas do Povo, do delegado do I. N. T. P. e das autoridades concelhias.

No decorrer de uma sessão solene, usou da palavra o presidente da recção da Casa do Povo, sr. António Paiva de Carvalho, que disse das dificuldades que foi preciso vencer para levar a bom termo a construção da sede, que importou em cerca de 800 contos. Falou do bairrismo dos chacinenses residentes no Brasil, os quais contribuíram com cerca de 90 contos e exortou os seus conterrâneos a acatá-la e a instituir, pois assim o esforço despendido poderá ser compensado.

Falou também o sr. Manuel Couto Viana, que teve palavras de elogio para a direcção e ainda o sr. dr. Teixeira Ribeiro, tendo a sessão sido encerrada pelo sr. governador civil, que, como filho de Chacim, se congratulou com o êxito da inauguração.

UMA ENCOMENDA POSTAL PARA ÁFRICA pode levar cinco meses a ser entregue

Existem várias firmas na Metrópole que, como é natural, mantêm os seus negócios regularmente com as nossas províncias ultramarinas, em especial, Angola e Moçambique. Muitas dessas firmas, entre as quais se conta a de D. Costa Monteiro, Lda., enviam as suas mercadorias por encomenda postal. Acontece, porém, que o serviço é de tal forma moroso, por o seu regulamento antigo não corresponder às necessidades da vida presente, que se chega a registar uma demora de cinco meses entre a data da expedição da mercadoria e a da sua recepção.

O estranho facto, como é bem de calcular, prejudica, de forma bem grave, tanto vendedores como consumidores. A situação, que não tem rodado a sua estreia, a qual promete ser memorável.

Segundo parece, um velho contrato firmado entre os C. T. T. e as companhias de navegação por Israel, o embarque, em cada navio, de um determinado número de metros cúbicos de mercadoria expedida como encomenda postal. O tal velho contrato não satisfaz as necessidades do progresso, que aumentaram com o progresso de Angola e de Moçambique, e o da própria Metrópole.

Se resta, como solução equitativa, de o próprio lito ser dividido entre os dois países, a solução não se regista em todos os países, e a todos prejudicando e a ninguém beneficiando.

O NOVO MINISTRO DA ARGENTINA ENTREGOU CREDENCIAIS ao Sr. Presidente da República

O novo Ministro da Argentina no nosso País, sr. dr. Roberto Gache, entregou credenciais esta tarde, no Palácio Nacional de Belém, ao Sr. Presidente da República, sr. Américo de Sá.

O diplomata e a sua comitiva saíram do edifício da Legação em três automóveis de luxo, e foram recebidos por motoristas da P. S. P. No primeiro seguia o Ministro e o sr. dr. João de Mendonça, chefe, interno, do Protocolo do Estado. Nos outros dois, respectivamente, os srs. drs. Noronha e Gamito e Amândio Pinto, do mesmo Protocolo, com o conselheiro da Legação da Argentina, D. Federico Quintana, o secretário Alberto Arrio Francisco Pagnanini e prof. Juan Manuel Suetta e o adido Jorge Diego Avelandina.

A audiência decorreu na Sala Azul, encerrando-se o Chefe do Estado acompanhado do sr. prof. dr. Paulo Cunha, Ministro dos Negócios Estrangeiros, e dos elementos das suas Casas Civis e Militares.

No momento da entrega das cartas, que o acreditam como enviado especial e Ministro plenipotenciário da Argentina em Portugal, o sr. dr. Roberto Gache proferiu breves palavras de saudação ao sr. presidente e cumprimentou o Sr. General Craveiro Lopes em nome do Presidente da República da Argentina, sr. general Aramburu, pondo em relevo os laços de amizade que unem os povos dos dois países e o seu desejo de servir em toda a medida a sempre maior aproximação entre os dois países.

O sr. general Craveiro Lopes agradeceu, retribuiu os cumprimentos do Presidente Aramburu e acentuou também a amizade existente entre os povos argentino e português.

Depois desta rápida troca de palavras, o Sr. Presidente da República convidou o diplomata a entrar no gabinete das sessões do Conselho de Estado, anexo à Sala Azul, onde ambos o sr. dr. Gache e o sr. dr. Craveiro Lopes conversaram durante alguns minutos.

Junto ao portão da entrada principal do Palácio formou uma força de infantaria da G. N. R. com bandeira e banda, que dispunha o diplomata, a entrada e a saída, as devidas honras.

SÃO AGORA MAIORES AS PROBABILIDADES DE ISRAEL SATISFAZER O PEDIDO DE ISRAEL PARA O FORNECIMENTO DE MATERIAL DE GUERRA NO VALOR DE 4.200.000 CONTOS

WASHINGTON, 20.— Uma intervenção da política americana no prazo de 48 horas veio permitir de novo a expedição de armamentos para o Médio-Oriente. Os estudiosos do Nova Iorque começaram ontem a carregar os dezito tanques que se destinam à Arábia Saudita, depois de a Polícia ter dispersado manifestantes sionistas que protestavam contra o levantamento do embargo de dois dias.

Esta mudança da política americana, autorizada pelo Presidente Eisenhower também vem libertar aviões e peças sobresselentes, no valor de 110 milhões de dólares, que foram encomendados por Israel. Entretanto, os funcionários do Departamento de Estado fazem notar que a América não se afasta da sua política de fazer tudo para evitar uma corrida aos armamentos entre os judeus e os árabes.

Nenhuma decisão foi ainda tomada em relação ao pedido de Israel para a compra de 150 milhões de dólares de material da guerra (cerca de 4.200.000 contos), destinado a compensar os fornecimentos comunistas ao Egito. Mas crê-se que as probabilidades de o pedido ser atendido, pelo menos em parte, são agora muito maiores.

Um comunicado do Departamento de Estado explicou que a Arábia Saudita, que não possui forças blindadas, encomendou, no ano passado, dezito tanques para treino. O comunicado acentua a distinção entre esses fornecimentos «limitados» para defesa e treino, tanto aos judeus como aos árabes, e as remessas de armas em grande escala que estão a ser feitas pela União Soviética.

O Embaixador do Estado de Israel em Washington insistiu no pedido de armamento

WASHINGTON, 20.— O Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Abba Eban, insistiu numa entrevista televisada, na urgência do pedido de armamento.

WASHINGTON, 20.— O Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Abba Eban, insistiu numa entrevista televisada, na urgência do pedido de armamento.

WASHINGTON, 20.— O Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Abba Eban, insistiu numa entrevista televisada, na urgência do pedido de armamento.

WASHINGTON, 20.— O Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Abba Eban, insistiu numa entrevista televisada, na urgência do pedido de armamento.

WASHINGTON, 20.— O Embaixador de Israel nos Estados Unidos, Abba Eban, insistiu numa entrevista televisada, na urgência do pedido de armamento.

DESASTRE DE AVIAÇÃO QUE CUSTOU 52 VIDAS

CAIRO, 20.— Cinquenta e duas pessoas perderam a vida, parece, na queda de um avião francês da companhia de Transportes Aériens Intercontinentaux, que se despenhou a 20 quilómetros do Cairo, no deserto. O aparelho, um «DC 6» que vinha do Estado da Índia, para o Cairo, transportava 64 pessoas: 41 adultos, 15 crianças e 3 recém-nascidos. Pôde haver 12 sobreviventes.

Logo que tiveram conhecimento do sucedido, as autoridades egípcias pusam em acção um dispositivo de socorro que comporta a utilização de dois pequenos aviões «Piper Cub» que pertencem à Sociedade Nacional Palestiniana e podem pousar em qualquer ponto do deserto. Estes aparelhos estão a transportar para o local do acidente médicos e enfermeiros, trazendo os sobreviventes para o aeródromo do Cairo. — (F. P. e ANI)

MORTE DE UM CHEFE POLÍTICO da União Indiana

GOA, 20.— Notícias de Nova Deli anunciam o falecimento do famoso líder do Partido Socialista P. J. Acharya Narendra Dava, que ultimamente se saltentara na luta contra o Governo de Nehru e o Partido do Congresso. Recordase a produção de um discurso que o seu discurso teve no incidente violento em que faleceu, alegando que os protestos de Israel contra o fornecimento de tanques constituíam, a seu ver, um risco de guerra, reclamando a sua retirada.

NAS ELEIÇÕES GREGAS AS DUAS COLIGAÇÕES RIVAIS AFIRMAM TER OBTIDO A VITÓRIA

ATENAS, 20.— A União Radical governamental, chefiada pelo Presidente do Conselho, Constantine Karamanlis, afirmou ter obtido a vitória nas eleições gerais de ontem, quando os gregos votaram em 15 milhões de sufrágios.

Baseando-se nos últimos resultados, a oposição, a União Democrática, afirmou ter conquistado também a vitória. Esses resultados dão a União Democrática 1.389.626 votos contra 1.352.267 da União Radical. Porém, falta conhecer os resultados de muitos das 8.350 secções de voto do país. — (R.).

O resultado eleitoral permite verificar que a Grécia não votou pela «Frente Popular».

ATENAS, 20.— Os últimos resultados conhecidos das eleições gregas parecem indicar que a coligação anti-governamental já não pode conseguir um êxito suficientemente número para pretender governar a Grécia. O grupo parlamentar comunista, Resta saber se Papandreu, no caso em que os resultados definitivos dessem finalmente uma ligeira superioridade à «Frente Popular», renunciaria ao compromisso pre-eleitoral de não reconhecer os votos favoráveis do grupo parlamentar comunista (E. D. A.), cujo pelo contrário, se encontraria em cedência a uma aliança que poderia contar com o apoio de certos eleitos da coligação anti-governamental. Na dois casos, a situação do futuro Governo seria das mais precárias e a sua vida política a dependeria constantemente de um número ínfimo de votos.

A análise do escrutínio permite verificar que a Grécia não votou pela «Frente Popular». Foram muitas as dúvidas e opiniões que se abateiram, como protesto contra uma aliança eleitoral dos seus chefes com os comunistas, sobretudo nas regiões que votam tradicionalmente no Partido Liberal e no Partido Populista. A maioria dos sufrágios femininos foram para a União Nacional Radical dirigida por Karametadas.

Os observadores verificam ainda que a ofensiva dos chefes dos «velhos» Partidos históricos contra os novos dirigentes revelados pela União Hellenica do marechal Papagos, falhou, se atendermos a que de 15 a 20 por cento dos sufrágios contados pela

CEM PARA-QUEDISTAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO SEGUIRAM DE AVIÃO PARA O AMAZONAS A FIM DE SUFOCAR A REVOLTA DOS AVIADORES

RIO DE JANEIRO, 20.— Cumprindo ordens transmitidas pelo Ministério da Guerra, general Teixeira Lott, partiram ontem, de avião, para o Amazonas, cem para-quedistas do Exército, que vão ajudar a sufocar a revolta dirigida pelos aviadores major Haroldo Veloso e capitão Chaves Lameirão.

Estas forças ficarão estacionadas na base aérea de Belém, capital do Estado da Pará, prontos a entrar em acção ao primeiro sinal contra os rebeldes, que continuam na posse de Santarém, segunda cidade do Pará e importante entroncamento das rotas aéreas da Amazônia, onde poderão também fechar a navegação fluvial entre Manaus, capital do Estado de Amazonas, e Belém.

Os rebeldes dominam também as pistas de emergência de Jacaré, Acanga e Porto de Mos, que não podem ser utilizadas em consequência de aqueles terem espalhado nestas troncos de madeira e obstáculos de toda a ordem. Todos os aeródromos e pistas de emergência da Aeronáutica negou que os rebeldes dominem também o campo de aterragem de Porto de Mos, mas o comandante da 1.ª Divisão Aeronáutica, que sobreviveu o mesmo dia, que não conseguiu descer ali por a pista ter sido intencionalmente tornada impraticável.

Um informador do Ministério da Aeronáutica negou que os rebeldes dominem também o campo de aterragem de Porto de Mos, mas o comandante da 1.ª Divisão Aeronáutica, que sobreviveu o mesmo dia, que não conseguiu descer ali por a pista ter sido intencionalmente tornada impraticável.

Não será pedido o estabelecimento do estado de sítio

RIO DE JANEIRO, 20.— O Ministro da Justiça, Nereu Ramos, declarou que o Governo do Brasil não pensou, nem pensa, em pedir ao Congresso o estabelecimento do estado de sítio, razão pela qual não têm o menor fundamento as notícias de que o Congresso estaria a circular na imprensa local.

Os jornais haviam publicado a notícia de que Nereu Ramos preparava uma mensagem urgente ao Congresso, para que este decretasse o estado de sítio, com o fim de garantir a manutenção das garantias constitucionais para esmagar a sublevação dos aviadores de Santarém. — (ANI)

Um barco com tropas vai a caminho da cidade de Santarém

RIO DE JANEIRO, 20.— Concluídos os planos para a subjugação do pequeno núcleo de rebeldes entroncados no aeródromo de Santarém, foram dadas ordens para ser empreendida, esta madrugada, uma acção decisiva contra os amotinados, segundo declarou o brigadeiro Alves Cabral, comandante da Primeira Zona Aérea.

Na operação tomam parte forças da Aeronáutica e do Exército, as quais partiram de Belém, a bordo do navio-motor «Presidente Vargas», com destino a Santarém.

A base dos rebeldes está situada a trinta e seis horas de navegação de Belém, pelo Rio Amazonas. O navio «Presidente Vargas» pertence à frota naval brasileira, tendo sido requisitado, pelo comando militar local, ao seu proprietário, que o utilizava para o tráfego de turistas entre Belém e Moçoquinha. Para receber a bordo o contingente militar o «Presidente Vargas» teve de desembarcar, sem aviso prévio, mais de mil passageiros que andavam em cruzeiro de turismo, tendo como porto de escala Moçoquinha.

As forças que compõem a expedição são constituídas por unidades mistas, sob o comando do tenente-coronel Alos Botelho, da Força Aérea Brasileira, e incluem-se os seus efectivos de cerca de 300 homens.

As operações de desembarque serão efectuadas com cobertura de artilharia de artilharia e bombardeamento, encontrando-se já em Belém, desde ontem à noite, um contingente de para-quedistas do Exército, o qual entrará também em acção no caso de se tornar necessário o seu auxílio. — (ANI)

EVITE O ESGOTAMENTO CONSULTE O SEU MÉDICO RECORRA AO Fosforo Ferrero A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

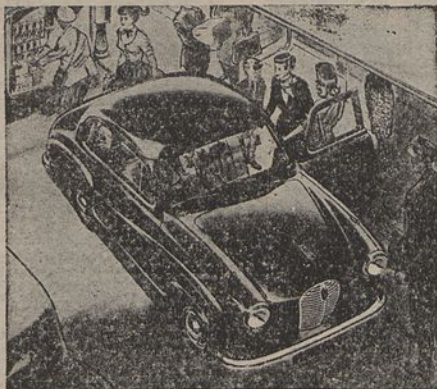


Quando chega o amor...
...o perfume do beijo
é mais delicado
se for perfume

MEXYL
A PASTA DE PERFUME FRESCO

Um simples contacto
de perfume no ar
previa
uma aquarela abundante
que leva a todos
os recantos da boca
uma sensação refrescante
de um perfume
agradavelmente discreto.

MEXYL
PASTA DENTÍFICA CIENTÍFICA
FORMULA DOS LABORATÓRIOS
MEXYL S. A.
GENÈVE (SUÍÇA)



AUSTIN A30

Resolve o problema do estacionamento

UM CARRO DE 2 OU 4 PORTAS COM POSSIBILIDADES SURPREENDENTES ★ ECONÓMICO ★ PRÁTICO
CONFORTÁVEL ★ FÁCIL DE CONDUZIR ★ SUSPENSÃO INDEPENDENTE À FRENTE ★ MOTOR DE VALVULAS
À CABEÇA ★ CAIXA DE QUATRO VELOCIDADES

UM PEQUENO AUTOMÓVEL FAMILIAR CUJO CONSUMO REDUZIDO
FOI MAIS UMA VEZ COMPROVADO NA PROVA DE ECONOMIA DE COMBUSTÍVEL
NUM PERCURSO DE 700 MILHAS NA NOVA ZELÂNDIA ONDE O AUSTIN A 30
SE CLASSIFICOU EM 1.º LUGAR NA CLASSE «A» ABAIXO DE 1.100 C. C.

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS. - LISBOA - ÉVORA - PORTO - AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

APARELHOS Domésticos

PHILIPS

ASPIRADORES
FRIGORÍFICOS
RADIADORES
ENCERADORAS
PHILISHAVE



A VENDA NAS MELHORES

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO EM

Pais & Natalino, Lda.

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 13-B

TELEFONE 727210

L I S B O A



S/s «NORTH KING»

PARA

RIO DE JANEIRO e SANTOS

Escala:do FUNCHAL e S. VICENTE DE CABO VERDE

RECEBE CARGA GERAL

E PASSAGEIROS EM CLASSE ÚNICA

Saída de Lisboa em 13 de Março

Saída de Leixões em 14 de Março

VIAGEM SEGUINTE

Saída de Lisboa em 27 de Abril

Saída de Leixões em 28 de Abril

OS AGENTES:

EM LISBOA:

Soc. Nav. Luso Panamense Lda.

R. Instituto Industrial, 18. 3.º D

Telefones 667041/2

NO PORTO:

E. A. Moreira & C.º Lda.

R. Infante D. Henrique, 61, 1.º

Tel. 24200

O RELOGIO SUISSO DE CONFIANÇA



MAGNAT

PREÇOS ECONÓMICOS

**DR. ARMANDO GASTÃO
DE MIRANDA E SOUSA**

MISSA DO 30.º DIA

A família participa que amanhã,
dia 21, pelas 12.30 horas, será cele-
brada missa por seu eterno descan-
so na Igreja dos Mártires, agrade-
cendo desde já a todas as pessoas
que se dignarem assistir a este
piedoso acto e bem assim a todas
aquelas que de qualquer forma lhe
testemunharam o seu pesar.

SIERA

Mod. 1.065-U

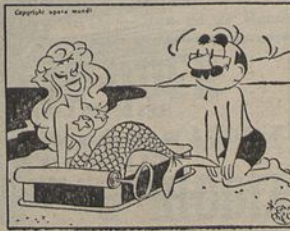
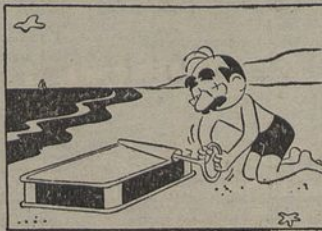
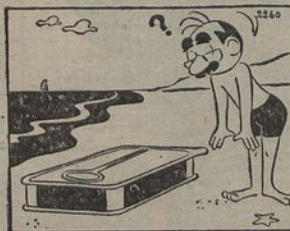
SENSAÇÃO DA NOVA
SÉRIE DESTA FAMOSA
MARCA HOLANDESA

LIGAÇÕES PARA «PICK-UP»
E ALTO-FALANTE SUPLE-
MENTAR



ESC.: 1.650\$00

VEN-
TURAS
DE
RUÍ-
NO

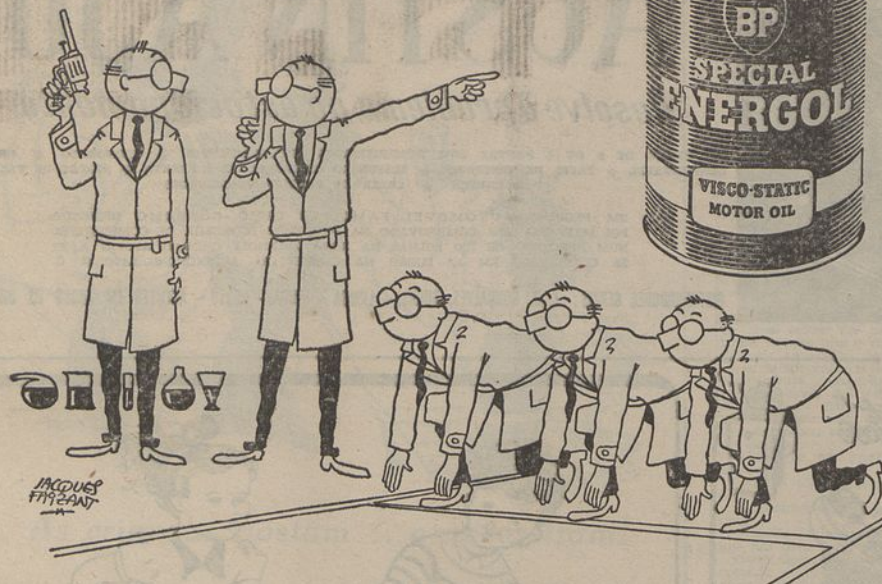


**DESPORTOS DE INVERNO
NA SERRA DA ESTRELA**

A C. P. vende bilhetes especiais,
de 1.ª e 3.ª classes, a preços muito
reduzidos.

De Lisboa (Santa Apolónia) à Co-
vilhã, e volta, 1.ª classe, 190\$00;
3.ª classe, 110\$00.

Os bilhetes são válidos, para a via-
gem de ida, desde as 9 horas de sexta-
feira até às 12 horas do domingo
seguinte, e para a viagem de regres-
so, desde as 12 horas de domingo até
às 24 horas da segunda-feira se-
guinte.



— Arranque imediato

Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS:
 1 — Mediterrâneo;
 2 — Pama; nota musical;
 3 — Criminoso; terra portuguesa;
 4 — Apelo; empresa;
 5 — Neste momento; a mim;
 6 — O mesmo que oba;
 7 — Aqueles;
 8 — Nome de uma bebida;
 9 — Artigo de finido (pl.); pronome possessivo; la-vre;
 10 — Laco apertado; acariete;
 11 — Aquela;
 12 — Proprietária;
 13 — Manderemos.

VERTICAIS:
 1 — Nome de um peixe;
 2 — Troco;
 3 — Nac (ant.); spo'do;
 4 — Ponto cardial; que-ma;
 5 — Pedra de altar;
 6 — Qualquer guisado; nome de uma obra;
 7 — Artigo definido (pl.); maior;
 8 — Caruma; nome de letra;
 9 — Poca; abreviatura usada em cálculos astronômicos;
 10 — Comparações poéticas; metal precioso;
 11 — Pertencemos; espaço de 30 dias (pl.).

Solução do problema de ontem:
HORIZONTAIS: 1 — Domestica-ra; 3 — Arrecadamos; 4 — E. N.; 5 — Peticionários; 6 — Antepararia; 7 — Uso; ora; ati; 8 — Seria, arar; 9 — Tu; 10 — Heia; 11 — Adamascades.
VERTICAIS: 1 — Dia; Fausta; 2 — Enxada; 3 — Reitor; ar; 4 — Ente; alma; 5 — Ipo; 6 — Tua; cartas; 7 — Era; 8 — Alia; 9 — Marrar; 10 — Otavas; 11 — Aos; sacras.

DINEL
 Telefone 847976

LOUREIRO E SOARES, Cabeleiros, Rua Conceição da Glória, 34, s/l, Telef. 26494, executam seus trabalhos com Produtos «DINEL».

«DINEL», vitaminado, representa:

- Três produtos
- Três qualidades
- Três características

«DINEL», Creme Máscara de Beleza.
 «DINEL», Leite de Tocado.
 «DINEL», famoso produto vitaminado para o cabelo

23 \$ 00
 MENSAIS — SEM FIADOR

PHILHAVE
 MÁQUINA ELÉTRICA DE BARBEAR

PEDRO DE ATHAYDE E MELLO
 R. CONDE REDONDO, 119-A
 Telefone 57594

INVULGAR, RICO E IMPORTANTE

LEILÃO

no PALACETE DA AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 75

(JUNTO AO ARCO DO CEGO E AV. DEFENSORES DE CHAVES)

HOJE, às 21 horas e dias seguintes

Pelas maiores ofertas será vendido todo o rico e invulgar recheio que é um conjunto de preciosidades de arte, bom gosto, valor e beleza, para o qual chamamos a boa atenção dos nossos Ex.^{mas} Clientes: Mobiliário, algum francês; peças em talha dourada francesas, peças em talha, únicas; quadros a óleo assin.^{dos}, relógios de caixa alta e de mesa ingleses e franceses, lustres de cristal antigos, jarrões da China e do Japão, ricas carpettes Boiriz, piano alemão, vitrines francesas, armários, cristais, porcelanas francesas, cristofles, pratas antigas cinzeladas, valiosas joias antigas e modernas, bronzes assinados e todo o restante recheio

CONFORME ANUNCIO DISCRIMINATIVO JÁ PUBLICADO

A IMPORTANTE E RICA ALMOEDA ESTÁ A CARGO DA ANTIGA AGENCIA

SOCIEDADE DE LEILÕES, LDA.

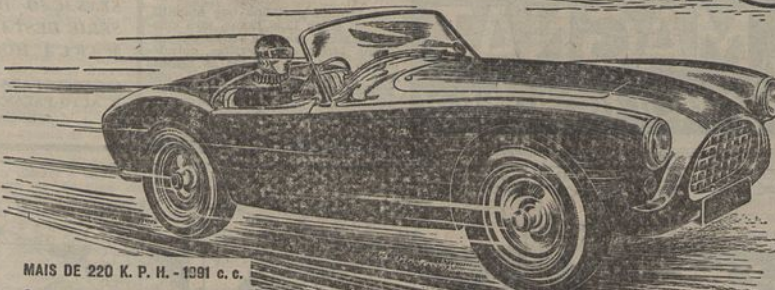
Telefones: 45347, 775722, 723522

Direcção de: JAYME SILVA

Pregoeiro: ANTÔNIO JOSÉ

BREVEMENTE o **Novo**

SPORT



MAIS DE 220 K. P. H. - 1391 c.c.
 O carro que vai ultrapassar tudo quanto o automobilista experiente pode desejar

REPRESENTANTES: FRANCISCO GARCIA & C.A., Lda • AVENIDA CASAL RIBEIRO, 28 — LISBOA

BINACA

Pasta e Elixir Dentífricos Modernos

BÔLSA DE LISBOA

CAMBÍOS (Notas)

VALORES	Efec.	Comp. Vendi.	PAISES	Compra	Venda
Fundos do Estado			África do Sul	7675	7755
Cons 2 1/2 % 10	94085	9499	América	6880	6985
Cons 3 1/2 % T. 10	1.0258	1.0245	1 a 3 dólares	2850	2850
Cons 3 1/2 % T. 10	1.0258	1.0245	5 a 20	2880	2890
Centenários 4 1/2	1.2558	1.2558	50 a 1000	2880	2890
Externas 1.ª car.	—	—	Argentina	865	870
Externas 3.ª car.	—	—	Bélgica	857.3	868.3
Caut. da 3.ª série	—	1808	Dinamarca	3890	4815
Ações			Espanha	864.8	865.9
de Bancos:			Francia	807.2	807.4
Alentejo	—	4068	Holanda	7845	7863
Angola	—	9858	Itália	7850	7850
E. Santo. port.	—	—	Itália	804.4	804.6
L. & Açores. port.	—	3.0008	Noruega	3885	3895
Portugal. port.	—	—	Suecia	8325	8350
P. de Alentejo	—	—	Suica	6870	6880
Ultramarino. port.	1.0008	1.0039	Uruguai	7800	7850
de Seguros:			Curu:		
Bonanos	—	—	Inglaterra (Libra)	258500	278800
Fidelidade	—	—	Portugal — Barra	32350	33910
Mundial	7408	7339	— Barra fino	33300	33350
Nacional	—	—			
Sagres	—	—			
Tranquilidade	—	—			
Ultramarino	—	—			
Sobrana	—	—			
Electricas:					
Elect. Beiras	1.5308	1.5258			
Gás. Elect. cup.	—	—			
H. S. A. Alentej.	1538	15285			
H. E. Cavado	—	—			
H. E. do Douro	—	—			
H. E. de Portugal	—	—			
H. E. do Zêzere	—	—			
Nac. Electricas	—	—			
U. Elect. Port.	2438	2439			
Ultramarinas:					
Ag. das Neves	—	1.3108			
Ag. Ultramarinas	—	—			
Ag. Colonial	—	—			
Ag. Angola	—	—			
Bela Vista	3108	3085			
Boror	—	—			
Boror Comercial	—	—			
Buzi	3878	3868			
C. Ang. de Agt.	4.4508	4.4508			
Cabinda	4158	4158			
Casqueiro	2.1108	2.1108			
Moambique	1818	1808			
Zambézia	22385	22385			
Incomat	4.3508	4.3508			
Diversas					
Ag. Lix. port.	—	—			
Ag. Lix. 1936, p.	—	—			
Ag. Lix. 1934, p.	2338	2328			
Cim. Leiria. port.	—	—			
Cr. Frelpa. port.	618	6089			
Ind. Alentejo	—	—			
Ind. Colónias	—	—			
Nac. Navegação	1.9008	1.8908			
Col. Navegação	—	—			
Port. Pesca. port.	—	—			
Port. Tab. cup.	4708	47085			
Tab. Port. cup.	—	—			
Celulose	2.5908	2.5808			
Obrigações					
Ag. Lix. 4 1/2 % c.	—	—			
Gás. 3 1/2 % 946	—	9778			
Gás. 3 1/2 % 945	—	9758			
Gás. 3 1/2 % 947	—	—			
Gás. 4 1/2 % 948	—	9608			
Gás. 4 1/2 % 951	—	1.0118			
Gás. 5 % 952	—	1.0458			
H. E. Cav. 4 %	—	—			
H. E. Port. 4 %	—	—			
H. E. Port. 4 1/2 %	—	—			
H. E. Port. 5 %	—	—			
H. E. S. E. 3 1/2 %	—	—			
H. E. Zêzere, 4 %	—	—			
Nac. Elect. 4 1/2 %	—	—			
U. E. P. 3 1/2 % 46	—	—			
U. E. P. 4 1/2 % 48	—	—			
U. E. P. 4 1/2 % 49	—	—			
U. E. P. 5 % 51	—	—			
U. E. P. 5 % 52	—	—			
U. E. P. 5 % 54	—	—			
Metrocristiano 4 %	—	—			

SESSÕES DE CINEMA SOBRE ARTE NO MUSEU DE ARTE ANTIGA

No Museu Nacional de Arte Antiga, realiza-se, hoje, às 21 e 30, mais uma sessão de cinema sobre Arte, organizada pelo sr. J. F. Aranda. O programa é dedicado à Arte inglesa e são exibidos filmes sobre Walter Sickert, Graham Sutherland, etc. O sr. Martin Blake, delegado do British Council em Portugal, fará um comentário e, no intervalo da sessão, será inaugurada a exposição de aquarelas do Nottingham, pertencentes às coleções do nosso museu.

«AMIGOS DE OLIVENÇA»

Promovido pelo Grupo dos «Amigos de Olivença», realiza-se, na próxima quinta-feira, pelas 12 e 30, na Casa do Alentejo, um almoço de propaganda olivençista, presidido pelo sr. prof. dr. Francisco Ramos e Costa e no qual o escritor sr. capitão Augusto Casimiro fará uma conferência, intitulada «Amor e defesa de Olivença».

FUTEBOL NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 20. — Para o campeonato de futebol do Rio de Janeiro, interrompido pelo Carnaval, o Vasco da Gama venceu ontem o Bom Sucesso por 3-1. (AND.)

BASQUETEBOL INTERNACIONAL

MADRID, 20. — O Real Madrid venceu por 67-62, o Desert Rats num encontro de basquetebol disputado nesta capital. A primeira parte terminou com empate a 31. (Efe.)

CURSO DE ENFERMAGEM NA CRUZ VERMELHA

Na sede da Cruz Vermelha Portuguesa começa hoje a funcionar um Curso de N.ções de Enfermagem no Lar, destinado a senhoras, por iniciativa da Secção Auxiliar Feminina daquela instituição. As aulas realizam-se às segundas e quartas-feiras, das 17 às 19 horas e o curso terá a duração de quatro semanas.

Doas letras que simbolizam 162 anos de progresso na indústria de relojoaria



GIRARD PERREGAUX

Relógio Suíço de Alta Qualidade desde 1791
PREÇOS ACESSÍVEIS EM RELAÇÃO À SUA CATEGORIA

SOCIEDADE GERAL

Para: S. VICENTE, PRAIA E BISSAU

N/M «ANA MAFALDA» em 25/2/56

(VIA LEIXOES E FUNCHAL)

Carrega para Bissau em 22 e para C. Verde em 23 de Fevereiro
Carga Frigorífica no dia 24 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES

N/M «ALFREDO DA SILVA» em 10/3/56

(VIA LEIXOES)

Carrega para Bissau em 7 e para C. Verde em 8 de Março
Carga Frigorífica no dia 9 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES

Para: LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES

N/M «RITA MARIA» em 3/3/56

Carrega em Lisboa nos dias 28, 29 de Fevereiro e 1 de Março
Carga Frigorífica no dia 2 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª, 2.ª E 3.ª CLASSES

Para: CABINDA, SAZARE, LUANDA, P. AMBOIM,

N. REDONDO, LOBITO e MOÇAMÉDES

N/M «ANDULO» em 14/4/56

(VIA LEIXOES)

Carrega em Lisboa de 6 a 12 de Abril
Carga frigorífica no dia 13 até às 12 horas
PASSAGEIROS DE 1.ª CLASSE

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES

A carga em Hamburgo, Bremen e Anvers

N/M «ALENQUER»

De 27 de Fevereiro a 8 de Março e em Lisboa, somente para Matadi, no dia 13 de Março

N/M «BRAGANÇA»

De 12 a 22 de Março e em Lisboa, somente para Matadi, no dia 28 de Março

N/M «ARRAIÓLOS»

De 2 a 12 de Abril e em Lisboa, somente para Matadi, no dia 18 de Abril

N/M «BRAGA»

De 23 de Abril a 3 de Maio e em Lisboa, somente para Matadi, no dia 9 de Maio

Todos estes navios recebem em Lisboa passageiros de 1.ª classe para Matadi

Para: ANVERS, ROTTERDÃO (se convier),

BREMEN E HAMBURGO

A CARGA NOS PORTOS DE ANGOLA

N/M «ARRAIÓLOS»

De 12 a 29 de Fevereiro

N/M «BRAGA»

De 4 a 21 de Março

N/M «ALENQUER»

De 3 a 12 de Abril

N/M «BRAGANÇA»

De 15 de Abril a 2 de Maio

Chamamos a atenção dos Senhores Passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagens

TRATAR EM:

LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Telefones 26314/5

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 82 — Telefone 27363

SE QUER

UMA BOA CARPETE

SÓ RIODIZ



1/2 BIFE 6\$00

COMIDEBE - R. EUGÉNIO SANTOS, 22

VEDETTE
REGENCE



VERDADEIRA
Belera... Elegância... Distinção...
para as exigências da vida moderna

Equipados com o novo motor V-8 «Águila» 80 H. P.

PRODUTOS SIMCA DISTRIBUIDOS PELA FORD LUSITANA E SEUS CONCESSIONÁRIOS VEDETTE

DISTRIBUIDORES VEDETTE PARA O SUL DO PAÍS

STAND MODERNO (F. NUNES DE CARVALHO)

AV. FONTES PEREIRA DE MELO 5-A — LISBOA



JAGUAR

FERRAMENTAS EM AÇO ESTAMPADO



JAGUAR GARANTE QUALIDADE

FABRICAÇÃO PORTUGUESA
À VENDA EM TODO O PAÍS

Pchiu...

*Deixemos
o
passado
dormir...*



MOBILIÁRIO DE AÇO
PARA ESCRITÓRIOS

MODERNO
ELEGANTE
ECONÓMICO
EFICIENTE

NOVAS técnicas
cores
preços



consulte no seu interesse

FÁBRICA JERÓNIMO OSÓRIO DE CASTRO

Trav. Ilha do Grilo, 34
Lisboa
Telef. P. B. X. 301168

ÚLTIMA NOVIDADE EM DISCO, NUMA GRAVAÇÃO (RCA) O MAMBO BACÂN

CANTADO POR **Sophia Loren** NO FILME "LA DONNA

DEL FIUME", A ESTREAR BREVEMENTE EM LISBOA. À venda na
Agência-Geral RCA, L. da Boa-Hora, Lisboa

**Dr. Arnaldo d'Albuquerque
Fonseca**

MISSA DO 30.º DIA

Beatriz Faro de Albuquerque Fonseca de Sá Carneiro e seu marido Gaspar Maria de Sá Carneiro, e Maria Beatriz Novais de Albuquerque Fonseca participam que amanhã, dia 21, será rezada missa por alma de seu querido Pai e Sogro, na Igreja do Loreto, ao meio-dia, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

OLIGORY

Produto de grande valor em Portugal e Estrangeiro para senhoras e cavalheiros. Brevemente à venda em Lisboa.

SHERLOCK HOLMES

UM CRIME NO "MOULIN ROUGE"
FOLHETIM POLICIAL POR "SIR" A. CONAN DOYLE

RESUMO: Holmes é da opinião de que a morte de Sabu foi devida a um crime e não a um acidente. E, no palco do «Moulin Rouge», começa a expor os seus raciocínios.



O «DIÁRIO POPULAR»
VENDE-SE EM POMBAL
NO
CAFÉ LEITÃO
Lêla «RECORD»
O JORNAL DA ACTUALIDADE
DESPORTIVA

CINZAS PERFUMADAS...

Um conto por dia
Por Carmen de Figueiredo

«**M**eu Albertino: Eu não sou pesado de recordações se esfarelaram estas últimas horas que se sucederam ao recebimento da tua pádua... tu vibrante como eu mesmo, toda a gama de emoções que chio-tei uma alma arrebatada para a borda de um precipício. Esperava eu a tua mensagem, agreste terminara? Não sei bem. Culpada, sentia já que toda a minha força começava a soborbar dentro deste círculo de jogo e lágrimas. Pensava que não tinha compreendido o meu gesto desvairado, insólito e assassino, e que por isso mesmo, te murmuravas em silêncio hostil, condenando-me. Mas a tua carta veio... E se não dizes, exata e abertamente que foste tu quem me facultou o veneno, como tuas, todavia, que as tuas atitudes contribuíram para fazer de mim a emparedada que se estiolou longe do sol das rutilantes paisagens da vida. Bem verdade. Tu, meu Albertino, foste a mão que arrastou a minha mão. Cidália ainda procurara o teu afecto se da tua boca ardida a confissão brutal não tivesse partido, como a labareda irrompendo de fogo invisível. As labaredas chamuscaram a minha pele... Percorreu-me um frémito... E, noites volvidas, a jovem Cidália, médica no começo da sua carreira, encumbia misteriosamente as velas abertas num minuto de loucura... Com ela se apagou a sua glória de mulher... O cilindro do tempo não se deteve; aquilo foi flocos de espuma, que ninguém viu.

Aprovada perante o resultado do meu acto que obedecera à precipitação do momento de revolta, estendi os pulsos às gárgulas algemas da solidão... Passaram meses... Compreendi hoje que deves ter sofrido tanto como eu. Afinal, as palavras são bem mais perigosas que qualquer arma

que rasgue em superfície. Elas penetram na alma, ferem, deixam aí cicatrizes mortais... As minhas frases, proferidas em hora vermelha de crime, destruíram, esfaclaram, cortaram as veias da vida por onde o sangue de um corpo brotou e se esvauiu... Terrível. Contudo, no primeiro instante da tua satânica revelação, houvera quase um acordo tácito entre nós: eu compreendia a tua levandade de homem, aceitava a tua verdade de que tudo terminaria... Mas logo o meu orgulho explodiu em rebelde destruidora. Meu Albertino, a pobre alma humana, será sempre um enigma... O que nos separou, irremediavelmente, foi a atitude violenta que assumi, porque te amava. Com o anjo do próprio do homem despiado, voluntariamente, contaste tudo, tudo... Escutava-te de olhos parados, irris falcantes como aristas de vidro. Tu fumavas, a perna direita a balançar sobre o joelho esquerdo, sobranceiras hirsutas encombando as pupilas esverdeadas, o lábio superior muito grosso a mover-se ao jeito das palavras que a boca formava com uma espécie de volúpia selvagem.

E nem davas pela onça de perturbação que subia nos meus nervos tensos. Só tardes, perpetrado o crime, relembraste a expressão dura do meu semblante crispado. E no entanto, Albertino, nós queríamos-nos como antes; por isso mesmo, a fera que se esconde sob o disfarce das atitudes requintadas, produto de uma civilização e de uma cultura, de repente, estendeu as garras brilhantes de crueldade.

Cereada de espectros, neste deserto em que me encontro, confortam-me, agora, apenas, uma certeza: a tua, Albertino, que amas pela primeira vez... Se assim tivesse, fê-lo, Cidália seria feliz, eu proclamaria que nos ligava o vínculo do amor eterno... Seríamos livres, como asas ligeiras, embriagadas, tonitas pela vertigem das alturas...

Beijo a tua fronte castigada pela tempestade dos pensamentos.

«Helena Margarida»

...Lentamente, o homem vai quemando letra a letra... O papão da vida crepita, como se o estivessem aspergido da gota de água salgada... No aposento fechado, tira de fumo pávido, vão-se quebrando e quebrando... O homem, absorto, vai quemando as palavras estritas: «que queiras, que queiras, que queiras... Aspira, fortemente o cheiro do papel queimado. E pela primeira vez, aprecebe-se do perfume das cinzas... Estremece, para logo tomba em meditação profunda, enquanto a chama da vela tremula, sem se extinguir...

ESTÁ ABERTA A AUDIÊNCIA...

(Continuação da 7.ª pag.)
bmal Correccional, onde já não amagaa ninguém, e, evidentemente, a sentença, que o condenou a quatro meses de prisão e a 200 escudos de imposto de Justiça.

A importação dos carnes da Argentina

No Tribunal da Boa Hora, no 2.º Juízo Criminal, prosseguir hoje a repleição do julgamento dos drs. Seabra de Magalhães e Couto Rosado, acusados pela Junta Nacional de Produção e Consumo do desvio de alguns milhares de carnes, quando a importação de carnes da Argentina durante o período da última guerra mundial. Na sessão de hoje, continuam a depor algumas testemunhas cujas declarações serão consideradas de grande importância. O julgamento não termina hoje.

E hoje lida a sentença dos assaltantes ao cubículo da porteira da rua do Telhal

No 3.º Juízo Criminal, termina hoje o julgamento de Armando Marques, «Pisico», António Raul Sequeira Pereira e Artur José Pereira Gonçalves, os três meliantes que assaltaram o vião de escada da rua do Telhal, 76, com o fim de roubar a porteira se* Zulmira de Sousa Ferreira, para o que usaram de meios violentos, deixando a sua vítima às portas da morte. Com eles, respondem também três indivíduos acusados de receptadores.

A sentença deve ser conhecida ao fim da tarde.

Criminoso condenado a 29 anos de cadeia

VIANA DO CASTELO, 20 — Desde sexta-feira que decorria no Tribunal Judicial, desta cidade, o julgamento do carvoeiro Joaquim Gonçalves Rebouço, de 31 anos, natural de Moreira de Geras do Lima, deste concelho e que, conforme o «Diário Popular» referiu, assassinou, barbaramente, por asfixia, Clotilde Martins Direito, solteira, de 76 anos, junto ao rio Ancora. Depois de morte, lançou-a ao rio e roubou-lhe os brinços, que vendeu pela quantia de 40000 numa curulesaria de Caminho. Quando procedia à venda tornou-se suspeito, sendo pouco depois detido pela G. N. R.

O Rebouço respondeu também por agressão ao surdo-mudo António Godo, na madrugada de 21 de Agosto de 1955, na Praia Norte desta cidade, tendo este sofrido fractura do parietal. Depois de o ver prostrado

TRAUÇÕES

francês, inglês, alemão, norueguês, português, com perfeição. A. V. de Carvalho, Travessa das Águas Livres, 21, r/c.



O pedido é para
WHITE HORSE
naturalmente.

Paladar aveludado e perfume excelente são as qualidades que aprecia o verdadeiro conhecedor ao tomar este saboroso Whisky escocês... Já o provou?

Agenda do leitor

Efemérides

SEGUNDA-FEIRA, 20 — S. Leão, Bispo.
1624 — Nuno Álvares Botelho desbarata no mar de Ormuz, depois de renhido combate, uma Armada anglo-holandesa muito superior.

Farmácias de serviço esta noite

TURNO H — União, estrada de Benfices, 592-594 (Telef. 780092); Aguiar, estrada de Benfices, 197-199 (Tel. 780043); Leal de Matos, rua Neves Costa, 33-35, Carnide (Telef. 780181); Patuleia Herdeiros, rua do Lumiar, 122-124 (Telef. 779332); Alvalade, avenida da Igreja, 19-B (Telef. 771700); Algarve, avenida de Roma, 7-B (Tel. 777478); Miranda, Campo Pequeno, 36-B/C (Tel. 770776); Figueiras, avenida Marques de Tomar, 20 (Telef. 449995); Latina, avenida António Augusto de Aguiar, 17-A (Telef. 42212); Salutar, rua Conde de Redondo, 9-A (Telef. 43314); Ascesso, rua 27, 41, Bairro da Encarnação (Telef. 399216); Marvila (De), rua Direita de Marvila, 25 (Telef. 301612); Mariz, Calçada da Piçcheira, 140-B/C (Telef. 720703); Nova Luz, rua D. Domingos Jardo, 4 avenida D. Afonso III, 28-A (Telef. 843439); Martins, Lda, rua Fernão de Maga-

Boletim meteorológico

Previsão do tempo para amanhã — Céu de nebulosidade variável; vento fraco a bonançoas de norte; possibilidade de aguaceiros, principalmente nas regiões montanhosas e continuação do tempo frio.

Marés de amanhã

QUARTO CRESCENTE — Praia-mar, 10,52 e 23,30. Baixa-mar, 4,34 e 16,58.



DETTO
DESINFECTANTE-ANALGÉSICO-COAGULANTE
PARA ANTES E DEPOIS DE FAZER A BARBA



NOVOS DISCOS portugueses

EM MICROGRAVAÇÃO (33) E EXTENDED-PLAY (45)

33-À VARA LARGA
JOÃO NOBRE E A SUA ORQUESTRA
CPMD 6
Feira das Mercês — Saloioado — Romaria Corridinho da Primavera — À vara larga Filarmónica Teimosa — O pádo Corridinho de Coruche

45-LÁ VAI LISBOA A CANTAR
MARIA CLARA — CELESTE RODRIGUES CGEP 23
Marcha de Alfama
Marcha do Madragoa
Marcha do Alto do Pina
Grande Marcha de Lisboa

GRAVAÇÕES
Parlophone 
VALENTIM DE CARVALHO, LDA. — Rua Nova do Almada, 97 — LISBOA



Imaghecer do com OBESYL

Normal ou Laxativo
CUMUM A AMBOS OS SEXOS

- Elimina as gorduras
- Evita a assimilação
- Normaliza o intestino
- Activa a função renal

A venda nas boas Farmácias

CARPETES E PASSADEIRAS
MECANICAS TIPO INGLÊS (WILTON)
DA FÁBRICA SULTÃO
Magníficas tapeçarias de enorme resistência e baixo preço
À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE
A. R. L.

ULTIMAS NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O REPÚDIO DA POLÍTICA DE ESTALINE

NO CONGRESSO COMUNISTA DA RÚSSIA FAZ PREVER MANOBRAS DE GRANDE ENVERGADURA

por ocasião da visita de Kruchchev a Londres

—sugere um artigo do «Figaro»

PARIS, 20 — Todos os jornais parisienses têm por «acostumado» de considerável proporção o discurso em que o Ministro russo denunciou abertamente e sem rodeios a política de Estaline.

O «Figaro» (direita moderada escreve):

«É de prever uma manobra de grande envergadura quando da próxima viagem de Kruchchev e de Bulganine a Londres. As alusões de Mikoyan aos danos causados à Rússia pela política externa insensata de Estaline são claro indício de que a «Adena Estaline» exclama ironicamente o «Aurore» (radical da direita). Continuando:

«O 20.º Congresso do Partido Comunista soviético fará data na História da Rússia, pelo seu caráter. A falência do estalinismo foi ali denunciada abertamente, brutalmente, pelos mesmos homens que, em vida de Georgiano, o proclamavam «genial arquitecto do comunismo».

No dizer do «Combat» (independente da esquerda), «as intervenções, mestras do 20.º congresso comunista possuem um traço comum muito mais importante do que a denúncia do mito de Estaline e a apologia da direcção colectiva. Com efeito, ao exporem os temas dos anos que se seguem, os dirigentes soviéticos situam-nos a todos, no âmbito da competição Rússia-Estados Unidos. Sob as ameaças, as palavras de paz, as alternativas de quente e frio, é dirigido um «leit-motiv» a Washington: «Ficamos aqui a dois, pensamos num Pólar na escala do Mundo».

«E o Partido Comunista francês», pergunta o «Express» (radical de tendência Mendès-France). Na verdade da partida de Thorez e Duclos para o congresso de Moscovo, um militante comunista, Pierre Hervé, que tinha exposto em brochura as mesmas teorias que Kruchchev e Mikoyan, foi irradiado do Partido, sem discussão. O Partido Comunista, passado vinte anos de formação estaliniana, é uma organização pessoal. Encontrará nos seus quadros actuais os homens capazes de o arrancarem do seu «simbolismo», de lhe darem uma vida democrática, de restituírem a palavra aos militantes».

O «Populaire» faz a mesma pergunta e conclui: «Os Duclos, Thorez, Togliatti e outros terão, agora, de rever os seus pontos de vista para se conservarem no eixo. Talvez sejam

obrigados a admitir, por seu turno, os erros passados. A propósito, será Pierre Hervé reabilitado?»

O «Franc-Tireur» (socialista europeu) escreve:

«Se Estaline se enganou durante vinte anos, não bastará reabilitar todos os homens que ele mandou condenar e executar com o apoio dos seus assessores. Haverá, também, que restituir a liberdade aos povos húngaro, checo e polaco, que aguardam outra revisão: que não é a dos manuais de História». — (F. P.).

A CONFERÊNCIA DA N. A. T. O.

QUE HOJE SE INAUGUROU EM PARIS

PODERÁ DETERMINAR

UMA REORGANIZAÇÃO COMPLETA

DA ALIANÇA ATLÂNTICA

PARIS, 20 — Cerca de 150 delegados civis e militares das 15 potências da N. A. T. O. reunem-se hoje nesta capital para discussões que se prolongarão provavelmente até 27 de Fevereiro, e poderão determinar uma completa reorganização da aliança atlântica.

O problema principal é o recelo dos mais de dez mil peritos militares de que a N. A. T. O. esteja atrasada no que respeita a equipamento e tática aérea. No entanto, nenhuma decisão será tomada nesta conferência, limitando-se os delegados ao estudo e discussão de métodos e de equipamento exigido para a modernização e treino das forças da aliança atlântica.

Como resultado das experiências feitas recentemente na Europa e nos Estados Unidos, as novas formulações divisionais, é natural que os chefes militares pegam a remodelação integral das forças de terra da N. A. T. O., nesse sentido. As novas formulações incluiriam as próprias unidades blindadas e corpanéis independentemente, com fornecimento aéreo, no caso de um ataque atómico. Os Estados Unidos completaram, há muito tempo, uma série de manobras dentro desta tática, assim como as forças americanas, inglesas e francesas na Alemanha Ocidental.

O problema crucial da conferência, no entanto, reside no facto de que, embora a maioria dos peritos militares esteja convencida da necessidade da remodelação, em larga escala, das forças da N. A. T. O., as posições

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

DA O. N. U. VISITARÁ LISBOA

MADRID, 20. — Chegou ontem à noite, a esta capital, o presidente da Assembleia Geral da O. N. U., dr. José Mazas, que aqui estará até ao dia 23, a convite do Governo espanhol, e que depois segue para Lisboa, convidado pelo Governo português. — (EFE).

UM ASSASSÍNIO

PRATICADO EM LONDRES

dá nova actualidade

à questão da pena de morte

LONDRES, 20. — O primeiro assassinio na Grã-Bretanha desde que o Parlamento decidiu, na quinta-feira passada, abolir a pena de morte, foi praticado ontem à tarde, nas docas de Londres.

Ao mesmo tempo que uma banda do Exército de Salvação tocava hinos, detectives da Scotland Yard percorriam as ruas escuras do Est End procurando o homem que apunhalou pelas costas a sr. Betty Seneff, no estabelecimento de seu marido, em West India Dock Road.

A imprensa britânica de hoje está já a dar a alegria de se homens que não podemos enforcar ao assassinio desconhecido. A notícia do crime é publicada com grande destaque na primeira página, em vista da controversia que se trava sobre a pena de morte. — (R.).

DURARÃO TRÊS DIAS AS FESTAS EM MÓNACO

PELO CASAMENTO DO PRINCEPE RAINIER

MONTE CARLO, 20. — Estão planeadas um «garden-party» para 20 mil naturais de Mônaco, bailes nas ruas e exhibições da companhia de ballets do Festival de Londres para o casamento, em Abril próximo, do Príncipe Rainier de Mônaco com a actriz Grace Kelly.

O programa para o casamento foi organizado por uma Comissão de 23 pessoas de maior destaque em Mônaco, presidida pelo Ministro do Estado, Honor. Soum. O Conselho enviou no fim da semana passada um telegrama ao Príncipe Rainier, que se encontra nos Estados Unidos, pedindo a aprovação para as planas estabelecidas. Serão despendidos 50 milhões de francos em três dias de festejos, e foram convidados representantes de todas as famílias reais da Europa.

ÀS 17 E 30

DESCARRILOU

UM «ELÉCTRICO»

FICANDO FERIDOS

ALGUNS PASSAGEIROS

Cerca das 17 horas, um carro eléctrico que seguia pela rua de Santo António da 84, ao chegar à esquina da travessa do Almada, descarrilou e tombou com grande estrondo.

Estabeleceu-se, como é natural, grande pânico entre os passageiros e as pessoas que passavam no local, tendo sido imediatamente pedidos os socorros dos Sapadores Bombeiros para retirar os ocupantes do «eléctrico» descarrilhado.

A hora a que fechamos esta tiragem, foram já transportados, em auto-macacos, ao hospital de S. José três passageiros gravemente feridos.

A CACA AOS POULADISTAS

NO PARLAMENTO FRANCÊS

NÃO DEVE PROLONGAR-SE POR MUITO TEMPO

POIS VÁRIOS GRUPOS DECIDIRAM ABSTER-SE

NOS DEBATES DE INVALIDAÇÃO DE MANDATOS

PARIS, 20. — A Assembleia Nacional continuará amanhã os debates de invalidação. Até agora foram invalidados três eleições poujadistas, em 12 contestações.

Mas parece que a caca aos poujadistas, segundo a expressão que corre no Palácio Bourbon, não deve prolongar-se por muito mais tempo. Efectivamente, impressionado com o ambiente das sessões anteriores, o grupo da União Democrática e Socialista da Resistência decidiu não tomar parte nos debates de invalidação nem pronunciar-se nas respectivas votações. Os republicanos sociais venceram a mesma atitude. Anteriormente, porém, os independentes, dos agrários e dos republicanos de acção social, é partidário da adopção de uma linha de conduta análoga. Esta, igualmente, é a opinião do União das Esquerdas Republicanas e de muitos deputados republicanos populares.

Por outro lado, é de prever nova ofensiva, da «frente laica», na Assembleia Nacional, com o fim de pôr em discussão os projectos de revogação da Lei Barange.

O próximo Conselho dos Ministros, marcado para depois de amanhã estudará em prioridade os assuntos da África do Norte. É possível que Robert Lacoste venha de Agel para assistir a esta reunião dos ministros em que se estudará ainda o projecto de criação do Fundo de Invalidez.

Por outro lado, a Assembleia Nacional iniciará na quinta-feira a discussão do projecto governamental acerca da extensão das três semanas de férias pagas a no dia seguinte, deve começar o debate da política agrícola. No plano financeiro, previam-se muitas reuniões para exame das representações económicas do plano e do projecto para a Alta-Galeria. Enfim, hoje, no Quai d'Orsay, co-

As celebrações devem começar em 17 de Abril, véspera do casamento civil, com concertos, cantos e danças folclóricas na Praça em frente do Palácio do Príncipe. O leito ballarinos da companhia do ballets do Festival de Londres deve exhibir-se no pátio do Palácio perante o Príncipe Rainier e sua noiva. Haverá, também, uma recepção no Palácio aos representantes diplomáticos estrangeiros: à noite, serão lançadas fogos de artifício.

A cerimónia do casamento civil realizar-se-á a no dia seguinte na Sala do Trono do Palácio. Não devem assistir mais de 150 convidados. Seguir-se-á um almoço oferecido às Lagarças estrangeiras. À tarde, reinar-se-á um «garden-party» nos jardins do Palácio.

A noite, o Príncipe Rainier e sua noiva assistirão a uma «festa de gala» do ballets de Londres, na Ópera, que tem 600 lugares. Ao mesmo tempo, realizar-se-ão bailes e recitas de gala em cafés e teatros, enquanto os habitantes do Principado dançarão nas ruas, rufamentas com bandeirolas de Mônaco e dos Estados Unidos.

O casamento religioso realizar-se-á a 19 de Abril na Catedral de Mônaco, a que se seguirá, provavelmente, uma recepção oficial a todos os convidados reais.

Foram reservados dois hotéis para as convidadas. Outras pessoas, incluindo os membros da família de Grace Kelly, serão alojadas, provavelmente, no Palácio. À tarde, o ballet de Londres repetirá no Estádio de Mônaco, com capacidade para quatro mil pessoas, a exhibição feita anteriormente na Ópera. Espera-se que as danças nas ruas se prolonguem até à madrugada do dia seguinte.

Muitas raparigas poderão envergar trajes com as cores nacionais de Mônaco. Um comerciante da Mônaco ofereceu mil metros de tecido verniz e branco para vestidos de raparigas postadas ao longo do trajecto do cortejo nupcial. — (R.).

PREVÊ-SE

EM PARIS

MAIS TRÊS DIAS

DE INTENSO FRIO

LONDRES, 20. — Mais neve e uma nova vaga de frio vinda da Sibéria fastigarão a Europa hoje, elevando para 750 o número de mortos devido ao frio, durante o corrente mês.

O barco «Collier Corchester», de Londres, que deslocava 274 toneladas, afundou-se, ontem, depois de chocar com o «City of Sidney», de 7.603 toneladas, ao largo da costa de Norfolk, entre Great Yarmouth e Cromer, no meio de uma tempestade da tempestade de neve. Morreram oito tripulantes do barco britânico.

Os serviços meteorológicos, em Paris, predizem hoje que haverá, pelo menos, mais três dias de frio intenso.

Até agora, o número de mortos, devido ao frio, em diversos países, é o seguinte:

Francia: 173; Itália, 130; Alemanha, 67; Jugoslávia, 60; Grã-Bretanha, 56; Dinamarquia, 38; Austrália, 33; Suécia, 24; Bélgica, 22; Grécia e Holanda, 20 cada uma; Turquia e Suíça, 17; Espanha, 16; Noruega, 12; e Finlândia, 1. — (ANI).

CRUZEIRO

PURÍSSIMA ÁGUA DE MESA. EXTRAORDINÁRIA LEVEZA E SABOR. PEÇA-A EM TODA A PARTE.

Leia «RECORD»

O jornal desportivo que se impõe pela variedade da sua informação

Les Cristalleries de BACCARAT

Encontra-se de passagem em Lisboa um Director Comercial desta importante e acreditada fábrica, que terá o prazer de atender a sua clientela nos dias e horas a combinar pelo telefone 26791 da

Antiga Casa José Alexandre

8 a 18 — Rua Garrett LISBOA

PELES DAVID KIT

CONFECÇÕES EM VISON E ASTRAKAN AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 24 Telefone 45859

BICO DOURADO

Salão de Chá/Boite de Nuit (Adultos)

AMANHÃ ESTREIA

MARTIN LANCEL

VEGETA DA RADIO E TELEVISÃO FRANCESA



LA EQUATIVA

(FUNDACIÓN ROSILLO)

A MAIS MODERNA APOLICE DE SEGURO DE VIDA DO MERCADO PORTUGUÊS — SEGUROS SEM EXAME MEDICO

Avenida da Liberdade, 223 — LISBOA Telef. 46332 - 46335 - 43792

DIÁRIO POPULAR

BENFICA, 3 — SPORTING, 0

PREVALECEU O MELHOR CONJUNTO

Os «leões» sentiram a desvantagem da quebra de Rocha, magoado, e os «encarnados» sobreviveram a um acidente de Caiado

Foi o quadro de sempre, no passado e no futuro. A lotação esgotada, o público sob pressão (não importa que, de começo, fosse a da chuva...), cada jogada um mundo de inquietações («da resultado ou não?»); desculpa-se mais a falta sobre o adversário do que o remate torto; achase tudo lento de mais por milimétrico que seja o ganho do lance pelo adversário; o perigo a que uma baliza fica exposta é negado logo que ele é aliviado; silêncio enquanto as forças se nivelam; exuberância de alegria no primeiro gol; apoio decidido e contínuo depois do segundo tento se entretanto não houve nenhum em contrário e, como foi o caso de ontem, alegria crescente logo que, conseguida o 2-0, o panorama se mostrou nitidamente para um dos lados.

Muitos destes sentimentos e desta exteriorizações serão comuns a

A equipa do Benfica ganhou com justiça o encontro. Foi igual, pelo menos, no poder de trocas de jogo, na primeira vintena de minutos, e crescentemente superior da então em diante, para, na realidade, ficar

primeiro Benfica — Sporting nunca mais se acentuou como no principio, embora, no declinar do encontro, estivesse na acção do aparentemente possível gol de honra dos visitantes.

Esta infelicidade do Sporting veio a ser no entanto neutralizada a dez minutos do intervalo, pois o Benfica também lutou com a contrariedade de Caiado, vítima de um distensão, ter saído do campo para voltar para extirpar o esquerdo, a coroar, ainda no primeiro tempo e na segunda parte fazer de extremo direito, só com a utilidade de chutar, a bem dizer, «parado».

Prevaleceu, no entanto, para o espectáculo, uma diferença. Rocha foi magoado e Caiado magoou-se — caindo por si, como sucede quando se trata de distensão. Valha a verdade, no entanto, que (Continua na 19.ª pág.)

Comentários de Ricardo Ornellas

sus em campo durante o ultimo quarto de hora. Incidentalmente — o futebol o explica — as circunstâncias, no declinar do jogo, pareciam encaminhar-se para o gol de honra do Sporting, mas a reacção a esse aparente destino redundou, afinal, no terceiro tento do Benfica.

Na sua tentativa, o «onze» do Sporting foi realmente tocado pela infelicidade ao cabo de vinte minutos, quando o seu extremo direito



Arcanjo, Quaresma e Abel saltam a uma bola alta

ATLÉTICO, 2 — F. C. PORTO, 2

DUAS GRANDES SURPRESAS — A CAPACIDADE DOS ALCANTARENSES E O POUCO PODER DO ATAQUE «NORTENHO»

Numa disputa entre o primeiro da tabela e outro que está em antepenúltimo lugar, o encontro não correspondeu ao que desejava-se esperar. O primeiro jogou muito menos do que lhe competia; o segundo foi além do que podia julgar-se. Assim, do que se pensaria ser uma partida de toda uniforme, com uma equipa a dominar e a me-

ter golos e outra a suportar o embate e a tentar, sómente perder pelo resultado mais amargo que lhe fosse possível, reduzido um jogo vivo, animado, discutido continuamente pelo mais fraco, que em muitos períodos deu a sensação do mais forte. Desde logo — foi melhor assim.

O Atlético, se não foi uma grande equipa fez, pelo menos, figura de excelente, sempre animosa e soube discutir o resultado, enquanto a F. C. Porto atravessou largos períodos de «aflição» na sua área e proximidades e nunca teve atação à altura de construir um triunfo.

No primeiro tempo, até a meia hora, o Atlético, conseguiu-se, bem, e, nesse período, conseguiu um gol;

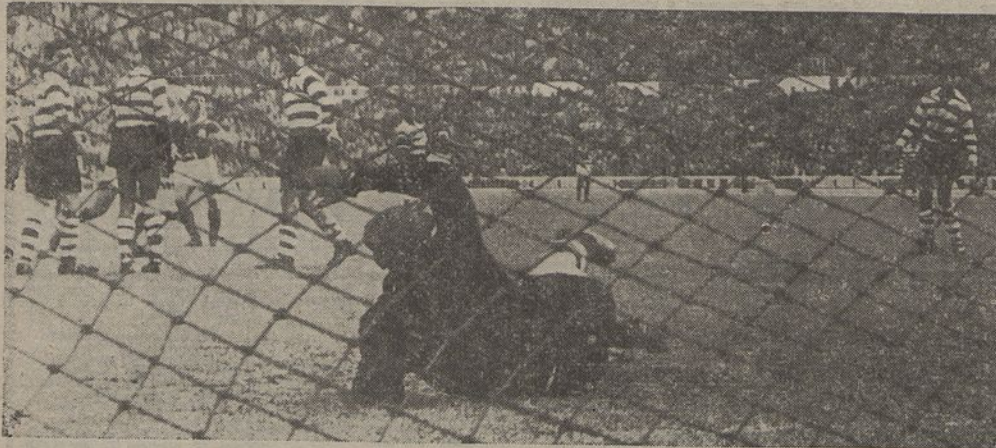
(Continua na pág. seguinte)

41.602 LUGARES
TERÁ O NOVO ESTÁDIO
DE «OS BELENENSES»
no dia da sua inauguração

A Comissão Central do Estádio do Clube de Futebol «Os Belenenses» acaba de distribuir o seu relatório do exercício de 1955.

Em elegante brochura de uma centena de páginas e excelentes gravuras

(Continua na pág. seguinte)



Carlos Gomes, está caído na relva, batido pelo remate de Salvador, autor do terceiro gol do Benfica

todos os desafios — mas a verdade é que naqueles em que se defrontam o Benfica e o Sporting há, na base, muito de excepcional, de particular, de «paixonado». Por isso mesmo, no final dos encontros, os sócios do clube vencedor costumam dizer: «que bom é ser do...». Nestes últimos tempos, os benfiquistas têm dito mais vezes... O Sporting, ontem, não conseguiu ainda mudar a maré,

Rocha, que tem estado a ser o criador do jogo de ataque, tem de receber assistência do massagista, duramente atingido por Angelo, que, confundido pelo macaense até enfado, «regressa» fora de propósito, dentro do bom sentido do desportivismo. O ataque quebrou, nitidamente, nessa altura. Rocha voltou ao campo, inseguro no pisar, mas, naturalmente, por jovem e por estar no seu

ATLETISMO AS PROVAS DE CORTA-MATO PROPORCIONARAM BOAS CORRIDAS

A Federação Portuguesa de Atletismo, englobando no mesmo dia a disputa de dois campeonatos, os nacionais das categorias de «juniores» e «seniores», proporcionou aos adeptos da modalidade uma magnífica jornada. Ainda como complemento deste programa, já de si diversas atriamente, os dirigentes federativos organizaram duas provas excuriosas pela raridade, sendo indistinto. Trata-se da competição dedicada a atletas-corredores de pista que, oficialmente, nunca tivessem participado em provas de corta-mato. Ganhou a prova o atleta do Sporting, José Carneira, num tempo que se pode considerar bom para a distância de 1.200 metros.

A outra competição extra-programa consistiu numa corrida de estafetas, disputada por equipas de quatro elementos, formadas por dois «aspirantes» e dois «primiteiros», correndo alternadamente, isto no louvável desejo de manter em ac-

vidade estes atletas mais jovens, que já cumpriram a sua época de Inverno e aguardam agora as competições de pista.

Pois este programa, valorizado com a presença dos clubes portuenses, que não quiseram, e muito bem, deixar de competir nos campeonatos, o F. C. Porto, o Académico, o Operário e o União, este, de Coimbra, levou três horas a cumprir, e o público, que para assistir teve de pagar o seu bilhete (caso raro, também, no nosso meio para competições do género), atraído pelo interesse suscitado em redor destes cam-

(Continua na pág. seguinte)

LER NA 22.ª PAGINA
VINTE ANOS DEPOIS



Manuel Faria mais uma vez campeão de seniores

A PROPÓSITO DE...

VIRTUDE EDUCATIVA DO DESPORTO

Constantemente se topo com a ideia de que pode esperar-se de qualquer manifestação desportiva, incluindo os desportos profissionais, um alcance educativo.

O SARAU DO GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

Realiza-se, no próximo dia 27, no Coliseu dos Recreios o sarau anual do Ginásio Clube Português, o qual terá a colaboração do campeão espanhol Joaquín Blume e de uma delegação do Sport Clube de Porto.

(Continua na 19.ª pág.)

Naquele relatório fantasma dos presidentes havia uma passagem em que considerava com a contribuição positiva dos outros desportos para o revigoramento da raça e formação moral do povo. Como se reconhecia, ao mesmo tempo, que o futebol era o desporto de maior projecção no País, em nada se deve forçar a conclusão de que dele vem o mais poderoso ajuda para a formação moral do povo e revigoramento da raça.

Isto cita-se, apenas, para mostrar até que ponto pode desfigurar-se esta questão de virtude educativa do desporto, sem o menor protesto. Pelo contrário, a bem dizer, com entusiástica aceitação do erro; tão bem recebida e festejada que quando alguém lhe toca é considerado apostata.

Não se pode opelar para a atenção do grande público aprisionado, rendido à distração do jogo que o obceca. Mas há uma minoria que não se recusará a obser-

(Continua na 19.ª pág.)

Suplemento Desportivo



Carlos Duarte refecha a corrida perante a defesa de Correia

SP. COVILHÃ, 3 - CALDAS, 0

A NEVE QUE CAIU FOI O MELHOR ESPECTÁCULO

O melhor do jogo... foi a neve que caiu, durante o período final do encontro, cobrindo depressa o campo de um manto branco e proporcionando um espectáculo de inesquecível beleza.

Foi pena que tal não se tivesse verificado em jogo de maior audiência de espectadores, que teriam assim oportunidade de admirar um dos mais gloriosos dias da Serra da Estrela, principalmente para olhos pouco habituados a estas coisas.

Mas o jogo com o Caldas atraiu pouco público e, como é fácil de adivinhar, quase em exclusivo público local.

Foi pena, porque o desafio de futebol teria assim proporcionado um ótimo serviço ao turismo da Serra, juntando muito público para ver... a neve.

De facto, foi a única coisa digna de ver-se do encontro de ontem e todo este introito só revela a boa vontade que temos em extrair do jogo qualquer nota agradável. E mesmo assim, tem de ser... fora do jogo.

Jogou-se mal de mais e, o que é pior ainda, com uma dureza e um azedume que não se compreendem num jogo entre duas equipas que praticamente têm a sua situação na tabela, sem quaisquer aspirações aos primeiros postos, nem apreensões de vulto em relação aos últimos lugares.

Essa má disposição dos jogadores — e não interessa saber quem começou se tem respondido vai além do que sofreu — estragou por completo o que o desafio poderia ter sido de aproveitável.

O NOVO ESTÁDIO DE «OS BELENEENSES»

(Continuação da pág. anterior) ras, de acontecimentos que fazem história na construção do Estádio do Restelo, reabrem a sua acção, no ano findo, as Comissões Central, de Obras, Administrativa, de Melhorias, Executiva para a cativação de lugares e angariação de sócios, de Propaganda e Festas, do Grande Sorteio de 1956, Organizadores dos Festivais, do Estudo da adjudicação para a exploração dos direitos de publicidade, etc.

Segundo o relatório da Comissão de Obras, o novo estádio, na sua primeira fase, terá 41.602 lugares, assim distribuídos: pé de cabeceira Norte, 16.000; bancada das cabeceiras, 8.750; sócios sem lugar cativo, 3.650; e sócios com lugar cativo, 5.600. Quando completo o estádio a sua capacidade elevar-se-á a 57.602 lugares, sendo 25.602 sentados.

No final do ano passado, correspondendo a uma receita de mais de 1.355 contos, cobrível a prazo, estavam cativados 4 camareiros, 276 centrais, 57 bancadas laterais e 754 bancadas de sócios.

Através de todos os relatórios incluídos no volume se reconhece a dedicada actividade dos componentes das Comissões, apresentada através de palavras a que os sócios da colectividade não ficarão de certo insensíveis.

Nem mesmo a vitória folgada que a equipa da casa obteve terá sido suficiente por si só ao público local, pois o Covilhã venceu mas não convenceu.

O Caldas foi animoso e, apesar de o pronunciado recuo de Romero sugerir, e bem, preocupação decisiva, não deixou de se mostrar também no ataque e coube até aos visitantes, logo aos 8 minutos, a melhor oportunidade de marcar, que premiaria o seu começo mais inspirado e mais decidido. Mas o lance gorou-se, porque Anacleto, positivamente, não conseguiu a bola e, então, o Covilhã, a pouco e pouco, foi ganhando ascendente global, merecendo principalmente dos maiores cuidados em manter a bola, quanto possível, rente ao solo, por inspiração de Martin e Janes.

O domínio nunca foi muito intenso, mas o Covilhã beneficiou de um triunfo que o Braga nunca teve: — um bom rematador. De facto, o ex-parahol Suarez voltou a confirmar a sua capacidade de remate, pois foi ele que fez os dois primeiros jogos dos serranos e viu ainda um terceiro tento negado pelo árbitro.

Com 2-0, caiu de novo o Covilhã numa toada de apatia, de que, reflexivamente, tirou o Caldas proveito, mas apenas na medida em que conseguiu novamente domínio territorial. No entanto, houve mais infelicidade do que imperícia em dois lances em que o guarda-redes covilhã chegou a estar batido, mas onde Martin e Owen chegaram ainda a tempo de safar o perigo já sobre o risco.

Continuou António Pedro a carrear muito jogo para o meio campo adversário, onde Cabrera se tornara figura dominante, a cortar muitos desses lances e também a iniciar as ofensivas do seu grupo. Um e outro constituíram, de longe, as melhores unidades das respectivas equipas e talvez mesmo as únicas de produção de bom nível de princípio no fim do encontro.



Manuel Faria, Hélio Duarte, Araújo e Conde no comando da prova de corta-mato

COMPORTAMENTO EXCELENTE DO ATLÉTICO PERANTE OS «PORTISTAS» COM OS QUAIS «DISCUTIU» TACO-A-TACO

(Continuação da pág. anterior) depois, viu-se que lá dera tudo quanto podia, pelo esforço e pela emoção das que os portistas programam aos alcantarenses, e foi então a vez do P. C. Porto passar a jogar deliberadamente no meio-campo do adversário e fazer um gol, compensação certa para o que nesse período dominou.

Esperava-se que o segundo tempo fosse do P. C. Porto, e o adversário não fosse capaz de suportar mais e esgotasse, consentindo vários golos. Não sucedeu, porém, assim: o Atlético, após os primeiros minutos, voltou a impostrar-se. Passaram a ser duas equipas que discutiam no mesmo pé de igualdade em valor, os números do marcador e se alguma superioridade apreciava era, precisamente, do lado dos alcantarenses. Tanto melhor — de novo se diz! Veio o gol do P. C. Porto, em condições de desanimar quem o sofreu e, então, voltou a presenciar-se nova fase de domínio dos visitantes.

Que, por improbita, criou nos alcantarenses novo animo e de tal modo que pôde ainda obter o gol do empate, que, se não deve ao desafio o resultado lógico, teve, pelo menos, a virtude de não o tornar injusto de mais para os homens da Tapadinha.

E que, se alguma equipa merecia ganhar este jogo, sem dúvida de qualquer espécie, era o Atlético. Foi claramente superior ao adversário.

Resumia-se também, por ser de justiça, a actuação dos dois Ritas: — impecável o guarda-redes e sem culpas nos tentos o Rita caldense.

Estas foram, por conseguinte, as únicas notas positivas de um jogo fortemente negativo, onde nem o árbitro conseguiu ter trabalho sem mácula.

Por ironia da Natureza, um jogo que estava a pedir chuva e forte e fêz, terminou com um nevoeiro de desolante beleza!

ANTÓNIO CIPRIANO

CORTA-MATO

(Continuação da página anterior) penaltos, em que sobressaia a emulação Benfica-Sporting, compareceu em elevado numero e não ficou desiludido, porquanto pôde apreciar fases de verdadeira luta de autênticos campeões, a marcar uma época, que decorreu de forma extraordinariamente brilhante, como talvez em nenhuma outra tivesse acontecido. E a organização, que no capítulo financeiro não deve ter arrependido o que tanto desejaria para minorar a despesa com a deslocação da equipa nacional ao «Cros das Nações», em Belfast, agradece em absoluto, registando-se boa sequência das provas, com a menor perda de tempo possível.

O campeonato de «juniores» foi a prova que maior emoção despertou, pelo magnífico esol de atletas de valor equilibrado que a disputaram, e para não fugir à tradição desta época, o vencedor, Ramiro Filipe, do Benfica, com o seu sensacional triunfo, constituiu uma autêntica surpresa.

A prova, na distância de 6.450 metros, compreendeu quatro voltas, sendo uma de 1.200 e três de 1.750. Joaquim Ferreira, do Sporting, que venceu o «regional» de maneira brilhante, venceu o «ra grande favo-

lório nos melhores momentos e essa diferença vem-lhe da actuação da linha avançada. Se na defesa se equivaleram alcantarenses e portistas, o comportamento diálio dos primeiros a jogar indiscutivelmente melhor, pois tiveram dois elementos na meia defesa, Orlando e Castiglia como soco dizer-se, jogaram como agente grande, dando sempre boas em boas condições aos seus atacantes, onde Mesiano, Martinho e Legas, principalmente, eram bons continuadores.

No P. C. Porto, Pedroto e Monteiro da Costa tiveram que se preocupar muito com o auxílio aos seus companheiros a defesa e, quando puderam endossar jogo à linha da frente, apenas encontraram Hernani, sempre, e Carlos Duarte, às vezes, em condições para darem sequência ao jogo. Após os restantes pecaram por muita lentidão, e só em pequenos pormenores revelaram o seu valor como jogadores.

Desta disposição dos sectores ofensivos das duas equipas resultou, como já foi dito, um assaz de jogos que desiludiu no que respecta ao P. C. Porto e surpreendeu no tocante ao Atlético. Porque as defesas actuaram em pé de igualdade, com os guarda-redes a defenderem o que era possível, mesmo alguns remates atirados para o lado mais longe; com os três defesas, de qualquer dos lados, muito bem, sobressaindo no P. C. Porto, Araújo que dá a sensação de ser lento mas que em duas ou três passadas estava no lance, por mais longe que se desenrolasse; e com relevo no Atlético, para Armando Carmelo e Barreiros.

Embora também, nesse encontro, a «técnica» posta em prática por parte do P. C. Porto: a da destruição do poder físico do adversário. Bem o tentaram Osvaldo, Monteiro da Costa e Hernani, mas os adversários souberam fazer das «frangas» forças, reagiram bem, na altura em que pareciam esgotados, e à base de energia mantiveram sempre apego na luta. Daí, o facto de os defesas da defesa não terem deixado o caminho livre ao adversário.

Arbitrou o sr. Mário Garcia que não foi feliz por vários motivos: concedeu remates nas quadras, especulou e marcou castigos, para os quais não havia causa; puniu o jogo perigoso umas vezes, para não

opôs. — cerca de 5.500 metros, verificou-se o golpe que colocou o vencedor em posição de destaque e, na recta oposta à chegada, suportando o vento contrário, pôde manter um andamento tão vitorioso que Joaquim Ferreira nada pôde fazer.

A luta por equipas também foi emocionante. Benfica e Sporting travaram despiques ardorosos e no final ambas tinham a mesma pontuação. O jogo, pelo resto, não se tornou tão vitorioso que Joaquim Ferreira nada pôde fazer.

A luta por equipas também foi emocionante. Benfica e Sporting travaram despiques ardorosos e no final ambas tinham a mesma pontuação. O jogo, pelo resto, não se tornou tão vitorioso que Joaquim Ferreira nada pôde fazer.

No Sporting, depois de Faria, assinalam-se as meritorias corridas de Dias Santos e Alvaro Conde.

Na prova de estafeta para «Sportantes» e «primpeantes», o Aspt aglutinou nos dois primeiros percursos, mas o Benfica, merced das boas corridas de José Inácio e Manuel Parro, asseguraram o triunfo e o segundo lugar respectivamente.

V. P.

EXCURSÃO
ACADÉMICA-BENFICA
em autocarro, com partidas a 25 e 26, sábado às 14 h. e domingo às 6 h., regresso às 18 h.
Preço 80\$00
EMPRESA BARREIROS
Café Britânico — Telef. 23567
até às 19.30 horas

lho e izar nenhuma noutres e validou o gol resultante de fora de jogo mais decaído que talvez se tenha verificado em campos de futebol. E a altura de falar no segundo gol, que actuou o P. C. Porto. Esquadrão Hernani conduziu a bola, Gastão adiantou-se indo colocar-se próximo da baliza do Atlético. Já então estava fora de jogo, mas como não interveio no lance, o árbitro não assinalou e está certo. Mas quando Hernani se preparava para a confusão e Correia saltou da baliza para lhe estorvar os intentos, tudo se modificou: Hernani, por não ter aberto para o remate, passou a bola a Gastão, que imediatamente se colocou na jogada e na altura em que já não tinha na sua frente nenhum adversário. Nem sequer o guarda-redes o impediu de marcar, muito mais aém, junto a Hernani. Ora talvez em nenhum outro jogo — e tem havido tantos golos «off-sides» — acontecesse ser validado um gol assim em condições em que não houve quando recebeu a bola nem os outros tinham a sua frente o guarda-redes...

FERNANDO AVILA

Os melhores marcadores

«MATATEU» (Benelenses)	20
Agus (Benfica)	19
Suárez (Sp. Covilhã)	16
«Jabur» (F. Porto)	13
«Fais» (Académica)	13
Gabriel (Sp. Braga)	12
Vasques (Sporting)	11
Miguel (Vitória)	10
«Benf» (Benfica)	10
Salvador (Benfica)	10
Arnsénio (C. U. F.)	10

GOLOS DE «PENALTY»: 1.ª jornada, Torres (A. A.) e Fernandes (Vitória); 2.ª, Torres (A. A.), Fabian (Barreirense) e Polido (Lusitano); 3.ª, Agus (Benfica) e Pedroto (F. C. Porto); 4.ª, «Fais» (Académica), Torres (Académica); «Matateu» (Benelenses) e Arnsénio (C. U. F.); 7.ª, «Matateu» (Benelenses) e Perdigão (F. C. Porto); 9.ª, António Pedro (Caldas) e Suarez (S. C. Covilhã); 10.ª, Perdigão (F. C. Porto), Fernandes (Vitória) e Germano (Atlético); 11.ª, «Fais» (Académica) e Agus (Benfica); 12.ª, Miguel (Vitória); 13.ª, «Fais» (Académica); 14.ª, Agus (Benfica); 15.ª, «Fais» (Académica); 16.ª, Hernani (F. C. P.); 2.ª, e Correia (Barreirense); 17.ª, Caraca (Lusitano); 18.ª, «Milton» (Sporting); 19.ª, Perez (Benelenses) e (Lusitano) e Gonçalves (Torresense).

Os 443 golos por clubes

ACADÉMICA (29) — «Fais» (13), Molica (3), Torres (3), Perides (2), Abreu, Alcino, Benites, Gil, Duarte, Ramalho, Vaz, e Wilson.

ATLÉTICO (29) — Germano (7), Legas (5), Abel (3), Mesiano (3), Silva Pereira (2), Castiglia (2), Rosário (2), Martinho (2), Marcos e Orlando (1), Wilson (Académica).

BARREIRENSES (29) — Correia (7), Fabian (5), José Augusto (5), Onoro (4), Grilo (2), José Ferreira (2), Custódio, Diamantino e Pinto — e Nuno (Académica).

BENFICA (29) — «Matateu» (20), André (11), Tito (7), Di. Paz (2), Perez (4), Vicente (2) e Dimas.

BENFICA (56) — Agus (19), Coluna (10), Salvador (10), Palmeiro (5), Calado (3), Covim (3), Garrido (3), Canale, Herra (2) e Angelo.

CALDAS (17) — António Pedro (4), Bispo (4), Orlando (3), Martinho (2), Anacleto, Fraqueiro, Lenine e Marti.

C. U. F. (21) — Arnsénio (10), Sérgio (3), Argenteiro, Diamantino, Orlando, Pedro Duarte, Vaz, Vasques, Jesus Correia e Luis.

F. C. PORTO (52) — «Jabur» (14), Teixeira (9), Hernani (8), Perdigão (7), José Maria (4), Gastão (4), Carlos Duarte (3), Pedroto (2) e Monteiro da Costa.

LUSITANO (23) — Caraca (7), Patolino (4), Flora (3), José Pedro (3), Batalla (2), José da Costa (2), Benfê, Bastos.

SPORTING (35) — Vasques (11), Volter (8), Martins (5), «Milton» (5), Joaquim José (2), «Quim» (2), Passos e Travacas.

SP. DE BRAGA (28) — Gabriel (12), Armando (3), Cabrera (3), Beltr (3), Pires (2), Imbelloni (2), Baptista, Garófalo e Abel.

SP. DA COVILHÃ (38) — Suárez (16), Janos (7), Pires (7), Sarrazola (5), Carlos Ferreira, Justino e Mo-

TORRESENSE (22) — Pina (8), Carlos Alberto (5), João Mendonça (4), Fernando Mendonça (2), José da Costa, Inácio e Gonçalves.

VITÓRIA (39) — Miguel (10), Fernandes (2), Soares (2), Caraca (2), Pinto de Almeida (2), Corona (2), Diogo, Rosário, Serra e Vaz.



Costa Pereira deixa escapar a bola e no seguimento do lance a baliza do Benfica passou por uma situação difícil

A PROPÓSITO DE...

(Continuação da 17.ª pág.)

var, imparcialmente, as coisas. Para os tornar tão simples quanto possível e quanto elas o são, aliás, divide-se o desporto em: escolar, de formação e treino profissionais, particular e comercializado. A virtude educativa do desporto verifica-se, essencial e exclusivamente, na escola. Entre nós também na M. P. A ginástica, os jogos e o desporto são elementos de educação a juntar a tantos outros que constituem, no seu conjunto, o processo de formação física e moral do indivíduo, desde o grau infantil até ao universitário.

Por desporto de formação e treino profissionais entende-se o que é praticado nas forças armadas, serviços públicos (Policia e Bombeiros) e tem em vista uma finalidade educativa de sentido especial.

O desporto particular, praticado nos clubes de amadores, não tem objectivo de educação. Nestes clubes procura-se a utilidade e o prazer do exercício com ou sem o estímulo da competição. Os indivíduos são atraídos, apenas, pelo benefício da saúde e pela distração que

lhes proporciona um convívio agradável, fortalecido pela solidariedade na defesa das forças da colectividade, experimentadas em concorrência. Um clube de desporto é, muito simplesmente, uma sociedade de recreio físico com os cuidados de preparação para provas, e o desporto amador é desportivo porque não se contribui para o fortalecimento dos seus adeptos mas, também, para a ocupação dos vageiros de jovens sujeitos a múltiplas tentações perigosas. Mas entende-se que o hábito do exercício muito divulgado e com ele a necessidade da existência de muitos clubes especializados, só se verifica nos países em que o desporto escolar atinge grande desenvolvimento.

Se quisermos considerar o nosso caso, temos naquele facta a explicação da nossa diminutíssima massa de praticantes, proporcionalmente, muito inferior à de qualquer país da Europa. Quando o desporto reserva para o profissionalismo, nem de perto nem de longe pode esperar-se do seu espectáculo nada que dê ares de virtude educativa. Como e quem pode educar um amador de boxe, de

luta, de «têbol», uma corrida ciclista, etc.

Os artistas do desporto não são, propriamente, seus educados mas, de certo modo, as suas vítimas, porque a profissão é dura, ariscada e pouco duradora. Para quem que faz pé-de-meia haverá momentos que voltam a mediocridade ou acabam miseravelmente.

Parceira dispênsa provar que o vício do espectáculo não aflicta praticantes e quanto ao subsídio de formação moral... Deuses defendam! Os excessos são tantos e com tão vorazes manifestações, por parte dos povos de génio ludico como dos que gozam da fama de frios e pacatos, que não pode haver dúvidas de papel deseducativo do desporto das massas. Otrês-se a aquela minaria, capaz de ver com alguma indiferença, a opinião de um conhecido e muito considerado professor universitário de filosofia, de nome F. J. J. Buitendijk. Num conferência que fez em Amsterdão sobre futebol na qual desenvolveu e defendeu as virtudes psicológicas do jogo, acabou com estas ideias: «A medida do interesse não é excessiva por culpa da juventude moderna, da competição, das tensões interacionais. A falta de medida no desporto deve-se, unicamente, à influência de certos interesses ou ao despertar de paixões irreconciliáveis que ameaçam a bom espírito desportivo. Quando o futebol sucumbe a estes perigos torna-se um profissão e uma exibição, desprovida de todo o valor pedagógico-social. Mas este futebol seja o que for, não é o verdadeiro, que constitui o objecto do nosso estudo. Está o famoso professor de filosofia muito arriscado a passar por um grande bato de elástico, neste delicioso País de Deus azul, onde se espera do futebol profissional, e onde o benefício na formação moral do povo e no reengravamento da

N. G.

O SARAU DO GINÁSIO

(Continuação da 17.ª pág.)

O programa é o seguinte: I — Desfile dos participantes. II — Ginástica educativa, por rapazes dos 10 aos 12 anos, da classe do professor Santos Vieira. III — Ginástica educativa, por meninas das 10 aos 12 anos, da classe do professor Silva Ferreira. IV — Ginástica aplicada, exercícios de movimentos livres (misto): Joaquim Blume, do Ginásio Blume Barcelonense; Sport Clube do Porto, professor Horst Appel; e Ginásio Clube Português, professores Angelo Caruso e Hernani Jardim. V — Dança clássica, pelas alunas da professora D. Georjina Vilas-Boas. VI — Ginástica preparatória especial, por rapazes com aparelhos portáteis da classe do professor Caruso. VII — Ginástica aplicada, trave olímpica, por senhores da classe do professor Caruso; paralelas, por Joaquim Blume; Sport Clube do Porto, professor Horst Appel; e Ginásio Clube Português, professores Caruso e Jardim. VIII — Ginástica preparatória especial, por meninas, em exercícios ritmicos, da classe do professor Caruso. IX — Ginástica aplicada, argolas horizontais, professor Hernani Jardim, Joaquim Blume, Sport Clube do Porto, Joaquim Blume, Sport Clube do Porto, Ginásio Clube Português.



Este o valioso Troféu «MARTINI» que está a ser disputado entre os clubes da 1.ª Divisão do actual Campeonato Nacional de Futebol. MARTINI é o grande amigo dos desportistas e é, incontestavelmente, o VERMUTE que todos preferem.

O «DERBY» PROPORCIONOU A ESPECTACULOSIDADE DE SEMPRE -LOTAÇÃO ESGOTADA, PÚBLICO SOB PRESSÃO E CADA JOGADA UM MUNDO DE INQUIETAÇÕES (PARA A «TORCIDA» ADVERSÁRIA)

(Continuação da 17.ª pág.)

a rudeza de Angelo teve par na de Valtor, que não terá magoado Costa Pereira por este ser mais corpulento do que Rocha.

Seja como for, são casos que não fazem falta nenhuma nos «grandes jogos» que passam muito melhor sem eles...

Na base da vitória do Benfica esteve claramente a maturação do seu conjunto, a maior capacidade, em velocidade e em resistência, de todos os seus elementos (mesmo de Caiado, mais experiente e menos impressionável perante a fatalidade) e o poder geral de variedade de lances, reflectidos particularmente através das trocas de lugares e das mudanças de posto a cargo de Caiado e de Garrido e dos extremos.

Estas superioridades, a princípio aparentemente afectadas por pequenos atrasos, patentearam-se com clareza a meio da primeira parte e nunca mais deixaram de manifestar-se até final do desfecho.

Só a entrada do último quarto de hora, os de camisola encarnada, parecendo satisfeitos e vendo-se seguros da vitória, deixaram de as empurrar e, talvez por isso, ficaram expostos a ceder um golo, tanto mais que o Sporting adoptara uma movimentação global ao ataque. Uma vez experimentado o perigo, porém, o Benfica mostrou claramente que a superioridade a que tinha sido abandonada; «pegaram» nela, de novo e ainda aumentaram o avanço que já lhes servia.

O «conceito» do Benfica não podia deixar de ser afectado, para o seu melhor ritmo, pelo acidente sucedido a Caiado.

A sua exibição, no entanto, acabou por ser valorizada por essa baixa. Efectivamente, abstraindo dos lugares atingidos serem desempenhados por este ou aquele jogador, a verdade é que, no segundo tempo, aplicadamente até à meia hora e, em resumo, no aproximado fim, o exibido global teve uma ostentação de superioridades que atingiu grande relevo. Houve vários períodos em que o Benfica se notabilizou, até, por jogar deixando o adversário jogar — o que não pode suceder quando «não se joga», não se deixando jogar.

A partida valeu mais como luta entre equipas durante o primeiro tempo.

Na primeira vintena de minutos o Sporting mostrou-se mais empenhado no ataque e fez-se mais ameaçador dando o Benfica, no ataque, pormenores de menos convicção; um remate de Aguiar, ao poste, aos dez minutos, não chegou a negar a comparação.

Depois desse período, deu-se o contrário. A capacidade global do Benfica foi aumentando de expressão e a defesa do Sporting passou a ser a mais chamada.

Se bem que os elementos já tivessem perdido o pé, a partida lá se enfiando, para o interesse quanto ao desfecho, pela situação de zero-zero, tanto mais que o ataque benfiquista ainda se refreava com ligeiros ataques.

A falta veio a ser remedida com uma tentativa cheia de afincos por parte de Angelo, que apareceu a extremo esquerdo, para centrar; AGUIAR aproveitou e, com tábela por um pé de Valtor, mandou a bola à rede; Gomes foi claramente batido pela mudança da trajectória do chute. Estava-se já na compensa-

ção do tempo perdido pelas paragens que os acidentes de Rocha, Facheiro e Caiado tinham obrido. Pouco antes, tinha o árbitro desculpado um «penalty» por falta clara de Valtor sobre Salvador.

No segundo tempo, o período foi claramente benfiquista até à meia hora.

Desde o começo que o desenvolver do jogo apresentava a proximidade do 2-0 a favor do Benfica. A confirmação aconteceu aos dez minutos — e o golo foi criado pelo «inutilizado», como tantas vezes se verifica; Caiado, sem angulo para remate nem confiança em si, arrastou a bola para trás, para Cavem, que estava na meia direita; deste a Aguiar foi um instante e mais pouco tempo instantâneo ainda foi a entrega a SALVADOR, à meia esquerda, relativamente longe; chapa com o pé esquerdo, bola no poste interno esquerdo da baliza de Gomes e ressauro para a rede.

A eufusão do Benfica incitou a equipa a melhor ainda e o contraste foi flagrante; os «encarnados» passaram a parecer mais, numa exteriorização de pujança, de alegria e de um ou outro precisosimo que impressionou.

A pouco e pouco, porém, atingida a meia hora, o Benfica abateu-se e foi de ver o Sporting a atacar-se para o ataque — atitude a que Passos, que até então tinha sido quase o único a opor-se ao ataque do Benfica, deu particular ilustração ao fazer a iniciativa de sair do seu posto para correr com a bola na intenção de a passar ao seu ataque. Já não havia afincos peral de obstinação para se poder falar em reacção.

Mesmo assim, apareceu a referência do golo de honra, em certa altura, depois de Rocha a «Milhões» e «Quim» se verem de novo. A sete minutos do fim, a baliza do Benfica foi feliz, nestes lances de «studios» a remataram e «todas» a defenderem, dentro da grande área, o Benfica «desalagou».

O Benfica «desalagou» de repente e à beira do fim, Pacheco «sujeitou» Aguiar, o árbitro aplicou o castigo e SALVADOR, via-Valter, outra vez, mandou a bola à rede, para consolidar um triunfo já bem baseado na superioridade indiscutível do jogo dos «encarnados». Pouco antes, Carlos Gomes, repetindo o seu «desespero», do Madrid-Lisboa, em um elogio franco e decidido, saiu da grande área para o centro e empurrar a bola com os pés até que a dirigiu a um adversário.

A equipa do Benfica, como já dissemos e justificamos, valeu pela forma em que está o seu poder, de conjunto e de partes.

A jogabilidade de Angelo (embora empanada pela sua atitude contra Rocha) chegou ao que pode considerar-se brilhantismo individual. No primeiro tempo, pois teve lances que arrastaram a equipa para o prêmio, que estava a faltar-lhe; compreende-se que era um golo. Talvez seja a única excepção ao aprego que deve ter, em especial, pelo conjunto.

Reverendo o jogo, torna-se-nos difícil, com efeito, apontar outro jogador que se tenha superiorizado ao conjunto. Esta ideia não obsta, porém, a um elogio franco e decidido a Caiado, que, magoado, continuou a ser jogador com proveito para a equipa.

Os «encarnados» já não são os que consentiram a vitória contra equipas de segundo plano — e pode ser isto a legenda da equipa. O «conceito» do Sporting, aliás com

um ataque bastante contingente, com a inclusão de Mokuna e de «Quim», fora da equipa há muito tempo e a «Milhões», ainda em erodegms, talvez não tivesse o somatório de individualidades e de conjunto para a tarefa de bater o Benfica no estádio da Luz.

Como um todo «para réplicas», mais do que para superioridade, manteve-se até à altura em que Rocha foi magoado. Ainda se manteve na régua até ao fim da primeira parte. Mas no segundo tempo foi claramente dominado — até ao período fugaz de tentativa de golo, personalizada, afinal, por Passos, seu capitão.

A citação individual é, por isso, necessária. Passos foi, de longe, o melhor, secundado por Gomes, na baliza.

A linha de avançados poderia ter existido «dos extremos para o meio», se os do meio desestapassem os extremos. Logo de começo, tanto Rocha, como «Quim» fizeram apenas o que foi de sua iniciativa — e na segunda parte ainda sucedeu o mesmo, quando, no declinar, o macanete teve campo livre... por quatro vezes e «Quim» se aventurou.

O trio central nunca se entendeu, por querer entender-se de mais entre si; «Milhões» foi o único jogador para um conjunto imaginariamente possível; Vasques quis limitar-se a

corridas individuais, que cedo foram contrariadas, e Mokuna fez-se alvo imóvel para o adversário que estivesse próximo.

Até certa altura pôde reconhecer-se falta de apoio e de direcção nos passes dos meios laterais, aos atacantes, pecha mais impossibilitada de rectificação pela frequência de li-vres ocasionados por Valtor.

Mas no segundo tempo, foi mais o caso da sobreaverga de um «Juca» que foi ficando sozinho, pelo tempo adiante, à medida que Valtor desaparecia, censado do esforço e de jogadas de falta.

Os defesas laterais limitaram-se à irregularidade na colocação da bola; mais energicos do que jogadores. O realce dado a Passos e a Gomes deve, no entanto, estender-se a Rocha, que, a despeito da sua juventude e da novidade do ambiente do «derby», foi galhardo no segundo tempo, ao conseguir com «Milhões» as jogadas mais ameaçadoras de um ataque desconjuntado.

A arbitragem do sr. Francisco Guerra (Porto) foi contemporizadora por princípio. Levou a tarreta a cabo sem tergiversar, o que muitas vezes é bastante. Não compreendemos a desculpa de um «penalty» a Valtor, no primeiro tempo.



Segurança e estilo de Carlos Gomes

BARREIRENSE, 2 — LUSITANO, 1

PRIMEIRO TEMPO BRILHANTE

A QUE SUCEDEU OUTRA METADE POR DE MAIS MEDÍOCRE

Ansiioso por livrar-se da posição melindrosa para que foi arrastado, mereceu uma série de malogros, o Barreirense empreendeu firme reação desde o fim da primeira volta e ao cabo de seis jogos, que tantos são os que já decorreram da segunda metade do torneio, conquistou mais do dobro de pontos em relação aos que alcançara em dez desfechos.

Tal mudança proporcionou, naturalmente, melhoria geral e, agora, nota-se mais clareza no jogo desenvolvido pela equipa, passado que foi o mau momento.

Ontem, por exemplo, defrontando o Lusitano de Évora, os barreirenses começaram em grande estilo, pro-

rito do lance coube, porém, a Oñoro e Fabian, inteligentes e decididos a preparar a desmarcação do seu colega.

Tardou bastante a segunda bola do Barreirense. Iam decorridos trinta e nove minutos quando José Augusto, numa jogada de insistência sobre a linha de cabeceira, deu ao couro direcção propícia à obtenção do tento. Desta vez Vital teve largas culpas, pois só devido à sua deficiente intervenção o lance pôde ter êxito. O guarda-redes eborense calculou mal a saída e ajudou ele próprio a consumação do gol.

Entretanto, o Lusitano esteve presente a marcar, por intermédio de

O Lusitano, sem ter atingido bitola notável, realizou uma partida que não deslustrava. Dispondo de boas defesas e médios duros e batelhadores, a equipa pouco por falta de continuidade no ataque, sector em que José Pedro e Vieira brilharam em lances individuais. Vital teve actuação infeliz na guarda da baliza.

Quanto ao Barreirense... averbou mais dois preciosos pontos. Autenticamente certo, do princípio ao fim, o Pinto se pode ufanar disso. Exibindo portento de atenção e expetição. A desmarcar os adversários e a servir os companheiros, o defensor barreirense esteve simplesmente primoroso. Carlos Silva e Fabiana secundaram-no bem, opondo barreira sólida ao ataque contrário. Isidoro, com duas defesas de boa categoria, resgatou deslizes anteriores, cotando-se entre os melhores da sua equipa. No sector intermediário, Damião, esbarrou Vitalino; incerto nos cortes e precipitado no serviço à frente. Entre os dianteiros, apenas José Augusto e Correia produziram tarefa meritória, embora o primeiro pecasse por excesso de pesonalismo. Oñoro, esforçadíssimo, viu-se prejudicado muitas vezes pela incompreensão dos companheiros e Fabian, magnífico em pormenores, faliu nos lances de insistência.

Arbitragem regular de Joaquim Campos, um árbitro capicassimo de realizar trabalho brilhante.

JOSE MARTINS



José Augusto, a nova esperança do Barreirense, perde o lance com Falé

metendo imenso — mas acabando por conseguir pouco no que respeitava ao convencimento de possibilidades reais.

A quantos presenciaram o encontro ficou a ideia de que o Barreirense é capaz de muito melhor, quando ganhar confiança absoluta.

Uma equipa que teve talento para urdir lances de raro brilho como aqueles que os barreirenses gizeram durante os primeiros vinte minutos da partida de ontem, forçosamente tem de possuir valor para semelhante feito.

Poucos vezes temos visto no actual campeonato exibir futebol tão agradável como aquele que nos foi dado registar nos locais no período atrás citado.

Claro que a quebra verificada depois, de ambos os lados, provê a irregularidade das nossas equipas. Mas isso é problema de há muitos anos...

Na tal vintena famosa, o Barreirense logrou alcançar dois golos, apesar de ter forjado lances susceptíveis de proporcionar vasta colheita, tantas foram as ocasiões desperdiçadas inconspicuamente.

O Lusitano, atirado a princípio como o rompante do adversário, quase se desorientou, acumulando erros na defesa, mas breve encontrou maneira de replicar com firmeza, chegando, por sua vez, a impor-se algumas jogadas de belo recorte, preparadas por José Pedro, unidade valiosa que os alentejanos sabem poder contar nas mais difíceis emergências. Graças à precisão e saber do internacional eborense e dos seus companheiros Vicente e Polido, puderam os visitantes neutralizar as diabólicas investidas dos dianteiros barreirenses que aumentavam de fulgor à medida que o tempo passou até chegar os vinte minutos.

Ao intervalo, a margem de dois tentos a favor dos rubro-brancos correspondia à superioridade manifestada.

O primeiro golo, da autoria de Correia, registou-se aos dezasseis minutos, resultante de um remate inesperado daquele. Vital, traído pela trajectória do esférico, limitou-se a ver a bola entrar na baliza. O mé-

Caraca, quando o n.º 10 dos visitantes desferiu potente remate que levou a bola a labiar entre a trave e o corpo de Isidoro. O ponto chegou a parecer inevitável, mas o «skesp» local em rápido menguou impediu a bola de ultrapassar o risco fatal.

A segunda parte foi em tudo diferente (para pior) da anterior.

Ao excelente pedaço de jogo verificado no primeiro tempo sucedeu-se uma toada inane e característica, raras vezes se assistindo a lances agradáveis.

Dir-se-lhe que ambas as equipas haviam substituído os seus elementos, trazendo ao terreno jogadores menos áptos.

Momento o Barreirense, a quem tudo passou a sair mal. Talvez confiado em vitória fácil, os locais quase se desinteressaram, actuando ao sabor daquilo que o adversário permitia.

Para tanto teria contribuído também a radical modificação feita na equipa alentejana, onde Athos recusou de avançado-centro para defesa, enquanto Vicente e Marciano avançaram, respectivamente, para médio e dianteiro.

Concretamente, viu-se o Lusitano a mostrar-se mais perigoso, insistindo teimosamente na busca do golo que veio a conquistar perto do fim, resultante da transformação de uma grande precisão assinalada para castigar falta de Carlos Silva sobre Marciano. O empate ainda chegou a estar à vista num «tiro» de Caraca (que executou vitoriosamente o «penalty»), mas a bola passou ao lado da baliza, com Isidoro batido.

CONTEÚTO OPERA MUNDO

Tosse, Rouquidão e Constipações
desaparecem rapidamente com os **REBUÇADOS** do **Dr. BAYARD**
À venda em todas as Leitarias e Pastelarias do País

POSICÃO ACTUAL

	J	V	E	D	G	P
F. C. Porto	19	14	5	—	52-13	33
Benfica	19	15	3	1	56-21	33
Sporting	19	11	4	4	35-22	26
Belenenses	19	11	4	4	49-17	26
Sp. da Covilhã	19	9	5	5	38-29	23
Torreense	19	5	7	7	22-27	17
Barreirense	19	5	5	9	29-38	15
Vit. de Setúbal	19	5	5	9	39-45	15
Caldas	19	5	5	9	17-32	15
Desp. C. U. F.	19	5	5	9	21-38	15
Lusitano	19	4	7	8	23-37	15
Atlético	19	3	7	9	29-43	13
Académica	19	6	—	13	29-42	12
Sp. de Braga	19	3	2	14	28-63	8

JOGOS «EM CASA»

	J	V	E	D	G	P
Sp. da Covilhã	11	8	2	1	30-11	18
F. C. Porto	9	8	1	—	28-5	17
Benfica	10	7	3	—	30-7	17
Sporting	10	8	—	2	23-9	16
Torreense	9	7	1	1	13-9	15
Barreirense	9	4	4	1	12-5	12
Vit. de Setúbal	9	5	2	2	27-16	12
Caldas	10	5	2	3	13-9	12
Atlético	9	3	5	1	18-13	11
Barreirense	10	4	3	3	21-17	11
Académica	9	5	—	4	20-18	10
Lusitano	9	2	5	2	12-14	9
Desp. C. U. F.	9	3	3	3	10-15	9
Sp. de Braga	10	3	1	6	19-23	7

JOGOS «FORA»

	J	V	E	D	G	P
F. C. Porto	10	6	4	—	24-8	16
Benfica	9	8	—	1	26-14	16
Belenenses	10	4	3	3	16-8	11
Sporting	9	3	4	2	12-13	10
Desp. C. U. F.	10	2	2	6	11-23	6
Sp. da Covilhã	8	1	3	4	8-18	5
Torreense	10	1	3	6	10-23	5
Barreirense	9	1	2	6	8-21	4
Vit. de Setúbal	10	3	7	12	29-3	3
Caldas	9	3	0	4	23-3	6
Atlético	10	2	8	11	30-2	2
Académica	10	1	—	9	9-24	2
Sp. de Braga	9	1	8	9	9-40	1



AKKORD
A ÚNICA FÁBRICA ALIENÁ
QUE PRODUZ EXCLUSIVAMENTE
RÁDIOS-PORTÁTEIS
DE PILHAS E CORRENTE

Modelo K 55 — Esc. 2.150\$00
» U 55 (FM) » 2.450\$00

Distribuição de
FOCUS, LIMITADA
R. Castilho, 61 / c.-tel. 5672

EVITE O FRIO A PRESTAÇÕES

em 6, 12 e 24 meses

SAMARRAS

RIBATEJANAS

— DESDE 350\$00 —

(n.º homem e senhora)

GABARDINES - ZAMBRENES

CANADIANAS - CASACOS

FAZENAS (n.º homem e senhora)

— ALFALATARIA — CAMISARIA —

SAPATARIA — tudo quanto desejar

CASA SÉRGIO DOS SANTOS

AV. ALMIRANTE REIS, 98-B

PICO



A mais sensacional máquina de aspirar roupa, para uso doméstico. A venda nos bons estabelecimentos da especialidade. Representante: L. Martins — Apartado 20-115 — Lisboa-Norte. Agente no Norte: Aveiro Machado Junior — Rua do Alameda, 450-1.º — Telef. 21194 — Porto.

VAI À «BOLA»?

Os campos de futebol são locais propícios às constipações. Evite-as com

FORMITROL



EMBRYODINE, REJUVENESCE



Para além dos 30 anos a colma e a firmeza dos músculos faciais, a limpeza e luminosidade da pele a aparência de uma juventude excelente não é sonho irrealizável. Embryodine robustece as células dermáticas e para a maioria de tipos, mantém fresca a pele do rosto, tornando-a luminosa e com aquele «quê» que se não sabe explicar o que é, e que se sintetiza no aspecto juvenil de um rosto de encanto e de sonho que torna mulher distinta e verga a admiração. Embryodine nunca falha por que embora de origem estrangeira, está estudado para o nosso meio.

Se mulher portuguesa. Embryodine existe à venda nas suas três famosas farmácias: Embryodine «A» (normal), 33\$40 — Embryodine «B» (forte), 66\$70 — Embryodine «C» (fortíssima), 75\$00. A venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando no seu habitual fornecedor, dirija-se ao agente geral para Portugal e Ultramar — J. Santos — Rua de S. Ildefonso, 29 — Porto — que enviará a cobrança.

KONGRESS III R

SCHAUB

Só para corrente alterna

O RADIO QUE PELA SUA ALTA FIDELIDADE E BELEZA MARCOU UM LUGAR NA PREFERENCIA DO PUBLICO

com **SCHAUB** não se ouve

TELEFONIA

ouve-se PURA MELODIA

Esc. 1.990\$00

VINTE ANOS DEPOIS

CONTINUAÇÃO DE "OS TRÊS MOSQUETEIROS."

SEGUNDO O CÉLEBRE ROMANCE DE ALEXANDRE DUMAS



1—Nessa manhã, Paris fervilhava... Esmagado pelos impostos, mal governado por uma Rainha em declínio, impellido por a revolta por altas individualidades mais ou menos asseguradas da impunidade, o povo manifestava ruidosamente o seu descontentamento.

2—Entretanto, sózinho numa sala do Palácio Real, um homem envelhecido um traje purpura, ornamentado com rendas, tinha a cabeça entre as mãos e ouvia os gritos da multidão. Esse homem era Masarino.

3—Masarino sentiu-se só e fraco não apenas porque é odiado como o fora o seu illustre predecessor, o Cardeal Richelieu, mas também por que a sua origem estrangeira lhe conquistou além disso, o desprezo dos seus contemporâneos.

4—Reagindo, Masarino chamou Bernouin, seu criado de quarto e disse-lhe: «Dá-me um uniforme de mosqueteiro e ajuda-me a vesti-lo. E depois vai chamar o oficial que está de guarda».

5—O oficial de guarda é o nosso conhecido D'Artagnan, cujos cabelos estão um pouco grisalhos, mas quem o mesmo olhar vivo cuja mão não perdeu nada da antiga habilidade em manejar a espada. Vinte anos depois, D'Artagnan continuava a esperar da recompensa dos seus bons serviços...

CAMPEONATO Nacional de Futebol DA 2ª DIVISÃO

(Continuação das pág. centrais)

Nos dois jogos restantes, a Sanjoanense sentiu dificuldade inesperada ante o Desportivo de Peniche (1-0; antes, 1-1); e os Leões de Santarém alcançaram sobre o Desportivo de Chaves um score de altura da equipa (5-1; antes, 3-4).

★

No Grupo Sul, o Oriental (já dentro da zona de segurança), esmagou os elvenses, a desfazer o empate em branco do jogo anterior. E aqui está uma coin-

cidência da jornada: ter posto frente a frente, nos dois grupos, o primeiro da tabela contra o último.

A tarefa de «O Coruchense», também já apurado, e que tinha Beja por teatro, foi bem mais difícil, como se previa (2-1; precedentemente, 3-1).

E o Estoril, que, apesar dos oscilações de forma ultimamente acusadas, continuava a ser o mais sério candidato ao único lugar de qualificação imediato ao nível, regressou de Montemor-e-Novo com um resultado substancial (5-2; antes, 2-1).

4-1). Iste é: fez tão bem agora, no campo alheio, como precedentemente em casa.

Bom passo dos estilistas, apenas com o Sporting Olhanense à ilharga, que para isso mesmo teve de operar recuperação meritória em Évora (3-2; antes, 4-0).

Quanto ao Sporting Farense, de escasas probabilidades de passagem, tanto quanto o Portalegrense, que enfrentava, cedeu um empate (3-3; precedentemente, 4-0), pelo qual ambos ficaram mal servidos e definitivamente afastados.

Os oliveenses, frente ao representante de Portimão, apuraram vitória tangencial (0-0; antes, 3-3). E o Desportivo de Arzoz, que chegou a estar em feito de queda, meteu-se em brios, e vem a fazer esforço digno de aplauso, mereço do qual já alcançou os meados da tabela com o triunfo ontem arrancado no Montijo (1-0; antes, 2-2).

TIRSENSE, 0-ESPINHO, 2

DUAS OCASIÕES BEM APROVEITADAS E RESULTADO FEITO

Com alguns jogadores deslocados dos seus lugares habituais, em arranjos imprevistos, o Tirsense viu redobrar-se-lhe as dificuldades para a obtenção do triunfo, que a sorte do jogo lhe negou. Antecipadamente enfraquecido, o conjunto local resistiu enquanto pôde, a melhor coordenação do Espinho, a despeito do te não se mosurar em tarde de inspiração.

Na primeira parte ambos os grupos se movimentaram em toada de treino, resignados e conformados com a mútua classificação.

No segundo período, contudo, houve um pouco mais de entusiasmo, devido a breve reacção dos vencidos, que vieram um tanto comprimeida a sua participação na «Vila de Portugal» e que, apesar de todos os esforços, não conseguiram modificar a feição do encontro.

Venceu o Espinho, mas a sua vitória não teve brilho, embora possa ser considerada justa. O mérito reside nas duas ocasiões soberanas que soube aproveitar, pois no resto pouco mais fez que o seu antagonista. — **ARTUR FERREIRA**

«OS LEÕES» — CHAVES

(Continuação das pág. centrais)

fiavenses pois aos dois minutos o guarda de Santarém na sua primeira intervenção foi infeliz consentindo um gol que não parecia possível.

Este tento contribuiu, no entanto, para espaventar os «leões» que se lançaram ao ataque, conseguindo, ante de terminar o primeiro tempo estar já a ganhar por 4-1.

No segundo tempo, assistiu-se, por parte dos escalabitanos, a defesa do resultado, enquanto os fiavenses atacavam na intenção de o modificar. Foram, porém, infelizes, pelo menos em três lanços em que a barra substituiu o guarda escalabitano e «Os Leões» acabaram por marcar mais um tento, contra a corrente do jogo.

A salientar da parte de «Os Leões» Cassilho, Baptista e Garnacho e ainda Leonel pelo que fez na primeira parte; nos visitantes Tuínga e Setas, foram os que mais se distinguiram.

ANTÓNIO FLOR

VIANENSE — LEIXÕES

(Continuação das pág. centrais)

foi o avançado mais diligente mas não teve companheiros à altura.

Na linha média Barbosa impôs-se e a defesa teve períodos bons e maus. Martin foi o grande esteio da equipa.

ANTÓNIO PAÇO

GIL VICENTE-BOAVISTA

(Continuação das pág. centrais)

venceu como grupo pretendente à 1.ª Divisão. Dos seus elementos, Luit-qui esforçado e insistente balizador, salientou-se, seguido de António Caiado, Amadeu, Carlos e Barbosa.

No Gil Vicente, que fez uma das exhibições mais modestas desta época, destacaram-se Nélito, Vieira e Candário.

RIBEIRO NOVO

FARENSE — PORTALEGRENSE

(Continuação das pág. centrais)

após o reconhecimento da partida, não só por voltarem ao terreno sem Rialto, expulso por agressão a um adversário, como ainda pelo vento que soprava e lhes era desfavorável.

Durante essa vantagem, os domos da casa recuperaram de tal forma que de vencidos passaram a vencer por 3-2, acabando por consentir a igualdade final, já numa altura em que a equipa começava a ceder peticionalmente — a velocidade que impuseram ao jogo tinha de acabar por trazer essas consequências — permitindo desta forma que os alen-tanos acabassem ao ataque e procurando, com maior insistência, a conquista do jogo da vitória.

Como ideia geral da partida deve dizer-se que o jogo não satisfaz, em especial pelo aspecto feio que teve, sob as vistas de um árbitro longe de satisfazer quer no aspecto técnico, quer no disciplinar.

VIRGÍLIO MARTINS

SANJOANENSE — PENICHE

(Continuação das pág. centrais)

tante pareceu querer desfazer a magera desvantagem, mas passados alguns minutos foram intensamente dominados e contidos no seu meio campo.

Lourenço, dos locais, aos 10 minutos, depois de toda a defesa batida, atirou por cima da barra.

E aos 20 minutos, Alexandre lançou-se aos pés de Silva arrebatando-lhe a bola e evitando assim um gol certo. E para assinalar a pouca sorte dos dianteiros da «casa», citaremos que Augusto, com a baliza deserta, fez o pior, rematando para as nuvens.

Remetidos a uma porfiada defesa os visitantes não deixaram que o marcador se avolumasse, podendo considerar-se muito lisonjeiro o resultado alcançado em S. João da Madeira.

A arbitragem esteve certa e facilitada pelo bom comportamento de ambas as equipas.

ROCHA COUTINHO

COIMBRA — SALGUEIROS

(Continuação das pág. centrais)

Pelo que escrevemos, aliás como o podemos no início, verifica-se que a vitória do União foi merecida.

Ontem, actuou em grande plano, deixando uma agradável impressão quanto ao seu valor que só é pena ter-se patenteado na parte final do campeonato.

Quanto ao Salgueiros, demonstrou possuir uma equipa capaz de se impor não ficando diminuído com esta derrota. Um senão apenas: o pouco valor demonstrado pela sua defesa, que pode ter tido afinal uma tarde de menos acerto.

MANUEL GASPAR

GRUPO NORTE

J. V. E. D. B. P.					
Guimarães	24	17	2	5	62-85 36
Boavista	24	15	5	3	72-31 35
Salgueiros	24	15	3	8	59-40 33
Estoril	24	15	—	9	77-54 30
Leixões	24	12	3	7	77-40 29
Sanjoanense	24	13	3	8	49-49 29
Vianense	24	9	5	10	57-55 23
«Os Leões»	24	8	6	10	44-56 22
Tirsense	24	10	—	14	47-46 20
Gil Vicente	24	8	2	14	41-48 18
Peniche	24	7	4	13	40-67 18
Coimbra	24	8	2	14	32-73 18
Desp. Chaves	24	7	2	15	38-71 16
A.C. Viseu	24	4	3	17	37-71 11

GRUPO SUL

J. V. E. D. B. P.					
Oriental	24	16	7	1	75-36 39
Coruchense	24	15	5	4	69-37 30
Estoril	24	12	6	6	49-39 30
Olhanense	24	11	6	7	52-48 26
Portalegrense	24	8	6	9	65-52 26
S. Farense	24	9	7	8	52-55 25
Portimonense	24	9	4	11	48-41 22
U. Sport	24	9	4	11	45-59 22
Arroios	24	8	4	12	46-59 20
Montijo	24	6	3	10	27-45 20
S. L. Ovar	24	8	3	13	49-54 19
Desp. Beja	24	7	5	12	30-42 19
Juventude	24	8	3	13	30-52 19
«O Elvas»	24	3	6	15	32-64 12

UISEU — GUIMARÃES

(Continuação das pág. centrais)

consegiu estabelecer a unidade. A partir deste momento e até final, o domínio dos locais foi intenso, mas a defesa visitante não mais se deixou surpreender e já ainda o Guimarães que a meia hora, numa fuga rápida de Rola, pela direita, conseguiu o gol da vitória com uma oportuna recarga. Podia ainda o Académico, ter chegado ao empate, mas a sorte não os ajudou.

Embora deslocado de alguns dos seus melhores elementos o grupo visitante revelou-se uma boa equipa e se não teve exibição brilhante jogou pelo menor com sorte e esta também faz parte do jogo. A defesa foi, contudo, o seu melhor sector.

No Académico, que lutou de principio a fim com enorme vontade de vencer, não merecia a derrota. Só a falta de serenidade de alguns dianteiros e a falta de sorte noutros lanços o impediram de melhor êxito.

A arbitragem de Vieira da Costa, do Porto, detrou muito a desfeira.

GICA

Os melhores marcadores

Antes, duplo aquatara se registou, cuja autoria pertenceu ao avançado-centro do Vianense, Carneiro, e ao consagrado Rogério (Oriental). O estilista Lourenço marcou um shot-trick. E, esparsa, houve seis: Benje (Guimarães), Arélio (Salgueiros), F. Lopes (União de Coimbra), Leonel («Os Leões»), João («O Coruchense») e Jacinto (Portalegrense).

Termos em que a ordenação dos artilheiros mais eficazes passou a fazer-se assim:

GRUPO NORTE		GRUPO SUL	
GUILHERME (Sp. de Espinho).....	32	ROGÉRIO (Oriental).....	26
Ernesto (V. de Guimarães).....	26	Moreno (Portalegrense).....	23
Velez (S. C. Vianense).....	19	M. Jorge («O Coruchense»).....	22
Gelucho (Gil Vicente).....	16	Jacinto (Portalegrense).....	20
Correia (Leixões S. C.).....	16	João («O Coruchense»).....	19
Oliveria II (Leixões S. C.).....	15	Angelo (Sp. Olhanense).....	17
Machado (Sp. de Espinho).....	15	Amadeu (Desp. de Arroios).....	13
Lopez (S. C. Salgueiros).....	14	Campos (S. L. Ovar).....	13
Manero (Boavista F. C.).....	14	Paulino (Estoril).....	13
Alcino (Boavista F. C.).....	13	Albuquerque (Oriental).....	12
Collor (Desp. de Chaves).....	13	Vinueza (União Sport).....	12

No Grupo Sul verificaram-se alterações profundas, a primeira das quais foi a ascensão ao comando de Rogério, do Oriental, que se substituiu ao portalegrense Moreno na melhor altura.

JUVENTUDE — OLHANENSE

(Continuação das pág. centrais)

o adversário não conseguia aguar a marca, depressa se assenhoreou do comando da partida e depressa, também, obteve os dois troques, que lhe deu o empate, o primeiro aos 11 minutos, por Angelo e o segundo, seis minutos após, concluído por Parra.

Adivinhou-se nessa altura que o Juventude dificilmente conseguiria travar o impeto algarvio, cada vez maior, e a prova disso apareceu aos 20 minutos, quando foi alcançado o terceiro gol da vitória, que Silvério marcou com a intervenção valiosa de Angelo. — **A. CONDE**

UNIÃO SPORT-ESTORIL

(Continuação das pág. centrais)

desportivo não pôde aproveitar por manifesta falta de sorte.

No começo da segunda parte, os jogadores da casa começaram a querer jogar com mais liberdade, mas o serviço dos médios e a colaboração dos interiores não se prestavam a abrir clareiras na defesa contrária que se mostrou decidida nos momentos difíceis.

MONTIJO-ARROIOS

(Continuação das pág. centrais)

Os montijanos tiveram duas ocasiões em que poderiam ter marcado pois os remates de Ernesto e Fabrega levaram a bola a embater nos postes, já com o guarda visitante batido. Também os Arroios teve uma ocasião desperdiçada por Custódio.

Na primeira metade da partida o jogo decorreu com certo equilíbrio, ainda que a bola estivesse mais tempo no terreno defendido pelos visitantes. Mas nos últimos quarenta e cinco minutos, os montijanos desfrutaram de vantagem territorial sem que conseguissem bater a defesa dos visitantes o que garantiu a vitória dos forasteiros. — **T. FARIAS**



KRISTAL-FIX

O mais moderno e sensacional produto para bem pentear

KRISTAL-FIX

é a única «mousse-creme» que:

- Dá extraordinário brilho
- ao cabelo sem o engordurar;
- Mantém o cabelo penteado
- todo o dia sem o colar;
- Dá vigor e saúde ao cabelo.

Não use gordura nem cola no cabelo... use **KRISTAL-FIX**

mais prático, mais cómodo, EM BISNAGA

é só apertar e pronto.

Bisnaga grande .. 20\$00 Bisnaga gigante .. 32\$50

OLIVAIS — PORTIMONENSE

(Continuação das pág. centrais)

final dos primeiros quarenta e cinco minutos, a dever golos a si próprios.

No segundo tempo, a feição do jogo foi quase uma «cópia» da primeira parte, isto é, com mais entusiasmo e vontade dos olivealenses e, por conseguinte, mais domínio; e, pelo lado do visitante, mais calma, menos empenho e menos oportunidades de gol.

Resumindo: o Olivaís atacou mais durante todo o jogo; pertenceu-lhe maior numero de remates com o sinal de perigo; e foi também o grupo que demonstrou mais voluntariedade, entusiasmo e apego à luta.

O Portimonense foi uma equipa sóbria, que nos deu a impressão de poder fazer melhor em campo com outras dimensões, ou de avaliar jogadores com saber. Atacou menos na verdade, mas mostrou como se caminha para a baliza contrária.

O único gol da partida foi obtido logo no primeiro minuto deste tempo, de grande penalidade, a castigar «mão» de Joaquim, José Maria, desta vez, não perdoou.

Conclusão: vitória justa do Olivaís. — **MÁRIO MARTINS**

BEJA — «O CORUCHENSE»

(Continuação das pág. centrais)

partida teve nível satisfatório e uma movimentação interessante.

O Coruchense contou em João, Narciso, Prates e Rato os seus melhores elementos. — **M. GARRIDO**

DIÁRIO POPULAR

V. SETÚBAL, 0-BELENENSES, 4

UM ATAQUE EXPEDITO E OUTRO SEM REMATADORES

Bastou ao Belenenses um pouco de vontade e antecipação para vencer substancialmente um Vitória apático e desorientado das suas possibilidades.

A equipa sadina está a reagir mal depois de sofrer um ou dois golos. Ontem o mesmo voltou a acontecer. No primeiro tempo ainda os setubalenses se aguentaram mas depois, e logo que sofreram o segundo golo, caíram verticalmente. Apagaram-se e consentiram mais dois golos, que só o descoroçoamento total pode justificar.

A linha dianteira do Vitória continua complicativa, sem expediente e poder de remate. Dai o desalento que se apodera dos compartimentos altos do jogo que sofrem qualquer golo.

nutos do segundo tempo e contra a corrente do jogo; os sadinos dominavam e os visitantes à defesa, deixaram ao cuidado de «Matateu, André e Tito a exploração de qualquer contra-ataque que se proporcione». E assim aconteceu. «Matateu, recebendo um passe em profundidade, driblou quantos adversários lhe surgiram pela frente e entregou a bola de bandeja a André, que assim obteve o golo.

Depois, tudo foi fácil. Os sadinos afundaram-se, quase se entregaram, consentindo terceiro e quarto golos, obtidos por «Matateu e Perez.

«Matateu esteve no fulcro da vitória belenense, não só por ter marcado dois tentos, mas por ter também preparado os dois restantes.

A turma vitoriana, como já vem

para anular por si só o ataque dos visitantes.

O Belenenses praticou um futebol alegre simples e patético. Foram bastante claros nas suas jogadas e, por isso, dignos vencedores da partida.

O Vitória, sem rematadores, não conseguiu golos e por isso deve rever com atenção a sua linha dianteira, onde faz falta um homem capaz de rematar e com engodo pela baliza. — MACHADO PINTO.

BRAGA, 1-ACADÉMICA, 3

AO CONJUNTO DOS ESTUDANTES OPUSERAM OS MINHOTOS ESFORÇOS INDIVIDUAIS

O jogo em Braga pôs frente a frente duas equipas de trabalho diferente. Uma, a Académica, fazendo o esquema da movimentação das suas pedras, em ordem a um projecto concebido, regularmente estudado e a partir de certa altura quase escrupulosamente seguido. A outra, o Sporting de Braga, como já vem sendo hábito, vivendo da maior ou menor valia dos seus homens, da melhor ou pior disposição deles mesmos; a primeira subordinando o jogo a segunda subordinando-se a ele.

Até à vintena de minutos, enquanto os de Coimbra não haviam estabelecido posições, Gabriel perdeu ao permitir que Torres e Nuno em arranques de «genética» chegassem ainda a tempo de evitar o remate e certamente o golo. Assim foi até fim.

Os visitantes a correr para a bola sempre levaram a palma e os da casa, com menos velocidade, preferiram correr com ela. Foi esse um dos seus maiores erros. Desse episódio vieram a ressuscitar-se durante

todo o tempo, ajudando os estudantes a tornar elástica a sua manobra, a ponto de até parecerem mais.

O dispositivo 4-2-4 transformava-se sem custo em 1-6-3 ou mesmo no 3-2-5, com evidente vantagem, dando aos defensores e atacantes da casa problemas de resolução difícil, mormente para os últimos.

A igualdade em branco do primeiro tempo reflectiu um equilíbrio de poder que não existiu, embora aos bracarense se credite uma «perdição» inconcebível de Baptista, ao es-correr, não acertando na bola que transportava a menos de um metro da linha de golo e sem adversário ao seu lado.

Se a modificação do quinto dianteiro da casa, com Imbelloni à extrema, Garófalo a interior e Gabriel a avançado-centro viria a resultar, não sabemos, porque melhorava a feitura do jogo chegou o intervalo e depois nova mudança, fazendo recuar Garófalo e avançar Armando, acabou por piorar.

Poderão os locais queixar-se de haverem sofrido dois golos com culpas para Faria. O primeiro, a menos de um minuto, na sequência de um alívio, apontado por Wilson a quase 30 metros; o outro, a desfazer a igualdade que Gabriel conseguira aos treze minutos e obtido por «Fala», fazer ressaltar a bola sobre o terreno.

Poderão queixar-se ainda de uma bola enviada por Gabriel à baliza e que a trave salvou, mas a verdade é que no segundo tempo, sobretudo depois da ignóbil e, embora com ambas as turmas freneticamente à conquista da vitória, a Académica era a que mais a merecia. O golo quando apareceu era já esperado e anunciava-se em dois remates de «Fala» e Pêrides, com o guarda-flo da baliza e a saírem ridentes à trave.

Depois do 2-1 e até aos 3-1, de «Fala», num bel remate, a desorganização dos minhotos e a boa disposição dos adversários foram forças de sentido e valor bem dispar notadas mais evidentes pelo assestamento da tarefa ofensiva acadé-

F. VIEIRA JERONIMO



Graco sai com decisão e bloca uma bola que André perseguia

O Belenenses soube explorar bem a situação e aproveitar da melhor forma todas as oportunidades que lhe surgiram. A primeira, apareceu aos 32 minutos. Di Pace, já quase sobre a linha de cabeceira, centrou com boa conta e «Matateu», de cabeça, concretizou da melhor forma. A segunda, verificou-se aos 16 mi-

TORREENSE, 1-C. U. F., 2

NEM COM A VONTADE COM QUE JOGARAM NO SEGUNDO TEMPO

OS LOCAIS EVITARAM A PRIMEIRA DERROTA NO SEU CAMPO

Ainda não foi desta vez que o Torreense conseguiu bater a C. U. F. em competições oficiais. Em face das exhibições produzidas por ambas as equipas ao longo deste campeonato, tudo nos levava a crer, porém, que essa vez a derrota seria finalmente contrariada.

Mas a verdade é que tal não aconteceu. Quanto os visitantes alcançaram dos preciosos pontos e contos, o primeiro êxito obtido até ao presente, no campo das Covas, onde equipas de maior nomeada não conseguiram melhor do que empates.

Neste encontro, ambas as turmas tiveram o seu período de ascensão, embora os processos usados para o efeito, diferissem totalmente um do outro. Enquanto os homens do Barreiro dominaram em todo o primeiro tempo com absoluta clareza, organizando calmamente as suas jogadas, a que não faltaram boa execução individual e perfeito entendimento entre os vários sectores, com rápidas e fáceis transições de jogo da defesa para o ataque e inteligentes desmarcações entre os seus dianteiros sempre em busca de espaços vazios para melhor colocação dos seus remates, os locais, jogando, embora, durante toda a segunda parte no meio campo defensivo, não conseguiram atacar com a mesma facilidade e desprendimento. Apesar disso, os torreenses beneficiaram de «cantos» em série e perderam mesmo assim várias oportunidades de golos por precipitação dos seus avançados.

Durante a primeira metade do encontro a equipa local andou completamente à deriva, «descontrolada», sem qualquer elemento a produzir rendimento aceitável da tal forma que só aos 20 minutos conseguiu o seu primeiro remate às balizas adversárias. Pôdo depois deste lance e dentro da casa fizeram alterações na constituição da sua equipa.

Notou-se logo uma melhoria de rendimento global mas a saída aos

25 minutos de início, seriamente magoado, quebrou de novo as tentativas de reorganização da equipa que teve de proceder a nova modificação do seu quadro. Início ainda regressou ao terreno, aos 40 minutos, mas poucos momentos depois, de novo tocado, teve de sair definitivamente.

Talvez estivesse em todas estas contrariedades a principal razão de a equipa visitada nunca se ter encontrado, tanto mais que sofreu o segundo tento quando dispunha apenas de dez homens e ainda por cima mereceu de um autêntico «brinde» de Gama pelo a bola rematada de longe por Arsenio, embora com boa conta, saiu com pouca força, vindo a anichar-se nas redes perante a total indiferença do guarda-flo local que desfrutava de perfeita visibilidade e não tinha qualquer adversário a es-torvá-lo.

O facto de os visitantes não haverem explorado, na devida altura, a total desorganização que se apoderara dos adversários como que satisfeitos e algo surpreendidos até com tantas facilidades, podia-lhes ter custado caro pois como estrás dissemos, no segundo tempo, o panorama do jogo modificou-se inteiramente.

Os torreenses, apesar de jogarem todo este período com dez homens apenas, aguçaram-se mercê de uma vontade enorme, e confundiram quase por completo os homens da C. U. F. só não conseguindo o empate cu até a vitória por manifesta falta de sorte, apesar dos erros cometidos.

A dar-se qualquer destes casos se por um lado premiaria o esforço e vontade indomável posta na luta pa-

ra, seria sido o resultado mais justo.

Por parte dos visitantes, todos cumpriram de igual modo enquanto do lado dos visitados, Fernandes, Forneri, Belón, Gonçalves, C. Alberto, J. da Costa e João Mendonça, merecem uma referência especial.

A arbitragem do sr. Amadeu Martins, razoável no primeiro tempo, mas errando na segunda metade do encontro, quer na aplicação da lei da vantagem quer no julgamento de cargas a margem das leis.

F. VIEIRA JERONIMO



Um ataque torreense às redes culistas vai ser anulado pela defesa visitante



Mercê do desarme que Torres conseguiu, o interior-esquerdo bracarense, Gabriel ficou impossibilitado de rematar



Outro despique entre Gabriel e Torres: o estudante empurra o minhoto, que assim ficou impossibilitado de ganhar a lance

cabeça. «Fala» seguiu-se-lhe em saliência, tendo a melhor exibição de quantas lhe vimos cá no Norte. Outros nomes, como Torres, Malicia e até Wilson, embora inicialmente pouco à vontade, merecem destaque.

A equipa do Braga jogou cheia de complexos e preocupações, incapaz de ganhar pelo tempo adiante a confiança de que necessitava, por um golo que nunca chegou. Mesmo depois do 1-1, animosa, perdeu ou melhor não achou o fio de jogo que já se dizia possuir, mas que mais uma vez não esteve presente, frente ao seu público. Faria esteve incerto e infeliz até num choque com José Maria II que ao desparchar a bola, a quatro minutos do fim, o pontapeou nas costas, obrigando-o a recolher ao balneário. Os defesas, embora os laterais tivessem tarefa facilitada, despararam José Maria II e nos médios Armando, o mais certo, acabou por ser desviado para o ataque. Neste sector, aliás mal apoiado, Gabriel foi o mais perigoso.

O sr. Eduardo Graueira, de Lisboa, numa tarefa facilitada pela correcção de todos os jogadores, acertou.

LIMA LOBO

Suplemento Desportivo